

SHERIDAN LE FAINU

# A ESTALAGEM DO DRACÃO VOADOR





**Sheridan Le Fanu**

# **A Estalagem do Dragão Voador**

**Tradução, notas e posfácio**

**Laurent de Saes**

**Capa**

**Lo Han**

Copyright © 2020 Laurent de Saes

Todos os direitos reservados.

ISBN-13: 9798607409623

Selo editorial: Independently published

## Sobre o autor

Joseph Sheridan Le Fanu, nascido em Dublin, na Irlanda, em 28 de agosto de 1814, é um dos mais celebrados escritores de seu país, tendo se notabilizado, particularmente, por seus romances e contos fantásticos. Em sua prosa, destacou-se pela habilidade de construir atmosferas lúgubres e funéreas, características do romance gótico vitoriano.

Nascido no seio de uma velha família huguenote instalada na Irlanda, Le Fanu se formou em direito em 1839, mas não tardou a trocar a carreira na advocacia pelo jornalismo. Ao mesmo tempo, exerceu com afinco sua vocação literária, já demonstrada em *The Purcell Papers*, coleção de treze contos góticos e bem-humorados, iniciados enquanto ainda era estudante e publicados originalmente na *Dublin University Magazine*, a qual ele mesmo viria a editar mais tarde, entre 1861 e 1869.

Durante sua trajetória como escritor, Le Fanu escreveu quatorze romances, além de numerosos contos. Seus principais trabalhos incluem *The House by the Churchyard* (1863), mescla de romance histórico e conto de mistério; e *Uncle Silas* (1864), romance de mistério com toques fantásticos tipicamente vitorianos. Não obstante, sua maior contribuição literária se encontra reunida em *In a Glass Darkly* (1872), coleção de cinco histórias de horror e mistério, dentre as quais se destacam *Carmilla*, que popularizou o tema da mulher-vampira e inspirou diversas adaptações para o cinema, o teatro e a televisão; e *A Estalagem do Dragão Voador*

(*The Room at the Dragon Volant*), genial incursão no campo do mistério humorístico.

Sheridan Le Fanu faleceu em sua cidade-natal, em 7 de fevereiro de 1873.

# Sumário

[Sobre o autor](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo I - Na estrada](#)

[Capítulo II - O pátio da Belle Étoile](#)

[Capítulo III - A morte e o amor acasalados](#)

[Capítulo IV - Monsieur Droqville](#)

[Capítulo V - Uma ceia na Belle Étoile](#)

[Capítulo VI - A espada nua](#)

[Capítulo VII - A rosa branca](#)

[Capítulo VIII - Uma visita de três minutos](#)

[Capítulo IX - Mexerico e conselho](#)

[Capítulo X - O véu negro](#)

[Capítulo XI - O Dragon Volant](#)

[Capítulo XII - O mago](#)

[Capítulo XIII - O oráculo me conta maravilhas](#)

[Capítulo XIV - Mademoiselle de la Vallière](#)

[Capítulo XV - A estranha história do Dragon Volant](#)

[Capítulo XVI - O parque do Château de la Carque](#)

[Capítulo XVII - O ocupante do palanquim](#)

[Capítulo XVIII - O cemitério](#)

Capítulo XIX - A chave

Capítulo XX - O barrete de inverno

Capítulo XXI - Vejo três homens num espelho

Capítulo XXII - Arrebatamento

Capítulo XXIII - Uma xícara de café

Capítulo XXIV - Esperança

Capítulo XXV - Desespero

Capítulo XXVI - Catástrofe

Posfácio - Comentário à *Estalagem do Dragão Voador*



# Prólogo

*O curioso caso que estou prestes a vos contar é referido, muito pontualmente, e por mais de uma vez, no extraordinário Ensaio sobre as Drogas das Idades Sombrias e Médias, de autoria do Doutor Hesselius<sup>[1]</sup>.*

*No referido ensaio, intitulado Mortis Imago, ele discute o Vinum letiferum, o Beatifica, o Somnus Angelorum, o Hypnus Sagarum, a Aqua Thessalliæ, e cerca de vinte outras infusões e destilações, muito famosas entre os sábios de oitocentos anos atrás, e das quais duas ainda são, segundo o autor, conhecidas da fraternidade dos ladrões, encontrando-se ainda, conforme por vezes revelam os inquéritos policiais nos dias de hoje, em uso entre eles.*

*O ensaio, Mortis Imago, ocupará, tanto quanto posso atualmente calcular, dois volumes, o nono e o décimo, dos papéis reunidos do Dr. Martin Hesselius.*

*Este ensaio, devo finalmente observar, encontra-se muito curiosamente enriquecido por citações, em grande abundância, de versos medievais e romances em prosa, dentre os quais alguns dos mais valiosos são, estranhamente, egípcios.*

*Selecionei este relato em particular entre muitos casos igualmente espantosos, mas não, na minha opinião, tão eficientes como meras*

*narrativas; nesta forma pouco convencional de publicação, é simplesmente como crônica que o apresento.*

# Capítulo I - Na estrada

No turbulento ano de 1815, eu tinha exatamente vinte e três anos, e acabara de herdar uma grandíssima quantia em *consols*<sup>[2]</sup> e outros títulos. A primeira queda de Napoleão abriu o continente a excursionistas ingleses, ansiosos, como podemos supor, para expandir suas mentes com viagens ao exterior; e eu – uma vez removido o pequeno teste dos “cem dias”, pelo gênio de Wellington, no campo de Waterloo<sup>[3]</sup> – me via agora incorporado à turba filosófica.

Eu rumava de Bruxelas a Paris, seguindo, presumo, a rota que o exército aliado trilhara poucas semanas antes – mais carruagens do que poderíeis acreditar seguiam pela mesma via. Não era possível olhar para trás ou para frente, sem avistar no horizonte as nuvens de poeira que marcavam a linha de uma longa série de veículos. Passávamos continuamente por levas de cavalos de muda, que, extenuados e empoeirados, retornavam às estalagens de onde haviam sido tirados. Aqueles eram árduos tempos para aqueles pacientes servidores públicos. O mundo inteiro parecia dirigir-se a Paris.

Eu deveria ter dado uma atenção mais particular a isso, mas minha cabeça se encontrava a tal ponto tomada por Paris e pelo futuro que passei por aquele cenário com reduzida paciência, e atenção ainda menor. Acredito, porém, que foi a cerca de quatro milhas<sup>[4]</sup> do lado fronteiro de

uma aldeia um tanto pitoresca – cujo nome, assim como o de tantos lugares pelos quais passei ao longo de minha apressada jornada, esqueci – e cerca de duas horas antes do crepúsculo que nos deparamos com uma carruagem em apuros.

O veículo não chegara a virar. Mas os dois cavalos da frente estavam estirados ao chão. Vestindo suas botas de couro, os cocheiros haviam descido, e dois criados, que pareciam estar extremamente confusos com tal situação, tentavam ajudá-los. Um pequeno chapéu e uma bela cabeça surgiram da janela da carruagem acidentada. A *tournure*<sup>[5]</sup> daquela cabeça, assim como a dos ombros, que também apareceram por um instante, era cativante: resolvi desempenhar o papel do bom samaritano; mandei que parassem minha carruagem, saltei para fora, e ao lado de meu criado, ofereci uma mui solícita ajuda para aquela emergência. Lamentavelmente, a dama com o belo chapéu vestia um véu preto e consideravelmente espesso. Ela logo recuou, e nada pude ver além do modelo bruxelense de renda que ocultava seu rosto.

Quase ao mesmo tempo, um velho e esguio cavalheiro pôs sua cabeça para fora da janela. Parecia ser um inválido, pois, embora o dia estivesse quente, ele vestia um cachecol preto que lhe alcançava as orelhas e o nariz, cobrindo inteiramente a parte inferior de seu rosto: um arranjo que ele momentaneamente perturbou ao puxá-lo para baixo, para proferir uma torrente de agradecimentos em francês, enquanto exibia sua peruca preta e gesticulava com grata animação.

Um de meus pouquíssimos talentos, além do boxe, então cultivado por todos os ingleses, era a língua francesa; respondi, espero e acredito, de maneira gramaticalmente apurada. Após trocarem-se muitas reverências, a cabeça do velho cavalheiro tornou a entrar, e o recatado e belo chapeuzinho novamente apareceu.

A dama deve ter me ouvido falar com meu criado, pois se expressou num inglês tão belo e hesitante, e com uma voz tão doce, que mais do que nunca amaldiçoei o véu negro que frustrava minha romântica curiosidade.

Os brasões que ornamentavam a lateral eram peculiares; lembro-me especialmente de um emblema: era a figura de uma cegonha, pintada em carmim, sobre aquilo a que a heráldica chama um “campo de ouro”. O pássaro se mantinha sobre uma pata, enquanto a outra garra segurava uma pedra. Aquele era, acredito, o emblema da vigilância. Sua singularidade me causou espanto, e se manteve impressa em minha memória. De um lado e de outro, havia suportes, mas me esqueci de como eram.

Os modos corteses daquelas pessoas, o estilo de seus criados, a elegância de sua carruagem de viagem, e os suportes de seus brasões, certificavam-me de que eram nobres.

Isso, asseguro-vos, não tornava a dama menos interessante. Que fascínio um título exerce sobre a imaginação! Não falo da imaginação dos esnobes ou dos lacaios morais. A superioridade de posição é uma poderosa e genuína influência no amor. A ideia de refinamento superior está a ela associada. Deixa maior impressão no coração da bela ordenhadora a furtiva atenção do fidalgo do que anos de honesta e viril devoção de Dobbin<sup>[6]</sup>, e o mesmo ocorre em todas as classes da sociedade. Que mundo injusto é este em que vivemos!

Naquele caso, porém, havia algo mais. Eu estava consciente de minha boa aparência. Realmente acredito que estava; e não poderia haver equívoco a respeito de meus quase seis pés de altura<sup>[7]</sup>. Que necessidade tinha aquela dama de agradecer-me? Não tinha seu marido – pois presumi que ele o fosse – me agradecido adequadamente, e em nome de ambos? Eu estava instintivamente ciente de que a dama não me observava com olhos desinteressados; e, através de seu véu, senti o poder de seu olhar.

Sua carruagem agora se afastava, deixando um rastro de poeira atrás de suas rodas sob a luz dourada do sol, enquanto um jovem e sábio cavalheiro a seguia com seus olhos ardentes e suspirava profundamente à medida que se ampliava a distância.

Ordenei aos meus cocheiros que, em nenhuma circunstância, ultrapassassem aquela carruagem, mas que, ao contrário, a mantivessem continuamente à vista, e que se detivessem em qualquer posta em que ela parasse. Logo chegamos à cidadezinha que mencionei, e a carruagem que seguíamos se encaminhou para a Belle Étoile<sup>[8]</sup>, uma velha e confortável estalagem. Os dois ocupantes saíram da carruagem, e entraram no estabelecimento.

Em ritmo vagaroso, nós os seguimos. Desembarquei, e subi os degraus indolentemente, tal qual um homem absolutamente despreocupado e displicente.

Por mais audacioso que eu fosse, não ousei perguntar em que quarto podia encontrá-los. Bisbilhotei no apartamento à minha direita, e então naquele à minha esquerda. *Minha* gente ali não se encontrava.

Subi as escadas. A porta de um salão estava aberta. Entrei com o ar mais inocente do mundo. Era um cômodo espaçoso, que continha, além de mim, apenas outra figura viva – uma belíssima e distinta figura. Ali estava o mesmo chapéu pelo qual me apaixonara. A dama estava de costas para mim, de modo que eu não conseguia ver se o zeloso véu fora erguido. Ela lia uma carta.

Fiquei por um minuto a observá-la atentamente, com a vaga esperança de que ela pudesse virar-se e dar-me a oportunidade de contemplar seus traços.

Ela não o fez; mas, com um passo ou dois, postou-se diante de uma mesinha com pés em cabriolé encostada contra a parede, acima da qual

elevava-se um alto espelho de moldura desbotada.

Eu poderia, por certo, tê-lo confundido com um quadro; pois ele agora refletia o busto de uma mulher singularmente bela.

Ela olhava para baixo, examinando uma carta que segurava com seus dedos franzinos, e pela qual parecia absorta.

O rosto era oval, melancólico e suave. Não obstante, ele também possuía uma tênue e indescritivelmente sensual qualidade. Nada podia exceder a delicadeza de seus traços, ou o brilho de sua tez. Com efeito, os olhos se mantinham baixos, de modo que eu não podia ver de que cor eram; apenas seus longos cílios e suas delicadas sobrancelhas estavam expostos. Ela continuava a ler. Devia estar profundamente interessada; eu jamais vira um ser vivo tão imóvel: era uma estátua colorida que eu contemplava.

Abençoadado, naquela época, com uma boa e apurada vista, vi aquele belíssimo rosto com perfeita distinção. Pude até mesmo discernir as veias azuis que traçavam seu caminho na brancura de seu pescoço.

Eu devia ter recuado tão silenciosamente quanto entrei, antes que minha presença fosse detectada. Mas eu estava demasiadamente interessado para não permanecer naquele lugar por mais alguns instantes; depois de algum tempo, ela ergueu os olhos. Eram grandes, e possuíam aquele matiz a que os poetas modernos chamam “violeta”.

Aqueles esplêndidos e melancólicos olhos se voltaram para mim, refletidos pelo espelho, com um olhar altivo; então, sem demora, a dama abaixou seu véu preto, e virou-se para o lado.

Pareceu-me que ela esperava que eu não a tivesse visto. Eu observava cada um de seus olhares e movimentos, até mesmo os menores, com uma atenção tão intensa como se deles dependesse uma provação que envolvia minha própria vida.

## Capítulo II - O pátio da Belle Étoile

O rosto era, com efeito, daqueles que despertam o amor à primeira vista. Esses sentimentos que tão subitamente se apoderam dos rapazes agora dominavam minha curiosidade. Minha audácia esmoreceu diante da jovem dama; e senti que minha presença naquele cômodo provavelmente era uma impertinência. Este ponto ela rapidamente esclareceu, pois a mesma suavíssima voz que eu antes ouvira agora friamente dizia, e desta vez em francês: “*Monsieur* certamente ignora que este apartamento não é público”.

Curvei-me reverentemente, balbuciei algumas desculpas, e retrocedi até a porta.

Suponho que eu devia parecer arrependido, e embaraçado. Certamente assim me sentia; pois a dama disse, aparentemente no intuito de atenuar a situação: “Estou feliz, entretanto, de ter a oportunidade de agradecer novamente a *Monsieur* pela assistência, tão solícita e efetiva, que teve a bondade de nos prestar hoje”.

Mais do que as palavras em si mesmas, o que me encorajou foi a alteração de tom com que foram proferidas. Era também verdade que ela não tinha a necessidade de me reconhecer; e, ainda que tivesse, ela certamente não tinha a obrigação de me agradecer novamente.



Tudo aquilo era indescritivelmente lisonjeiro, ainda mais por suceder tão rapidamente à sua ligeira reprovação.

O tom de sua voz se tornara baixo e tímido, e observei que ela rapidamente virou sua cabeça para uma segunda porta daquele mesmo cômodo; imaginei que o cavalheiro com a peruca preta, talvez um ciumento marido, pudesse ressurgir através dela. Quase no mesmo instante, ouviu-se uma voz, ao mesmo tempo esganiçada e anasalada, vociferando algumas instruções a um criado, e claramente se aproximando. Era a voz que me agradecera tão profusamente, pela janela da carruagem, cerca de uma hora mais cedo.

“*Monsieur* terá a bondade de retirar-se”, disse a dama, com um tom que se assemelhava a uma súplica, gentilmente apontando com sua mão para a porta pela qual eu entrara.

Inclinando-me, mais uma vez, com reverência, recuei e fechei a porta.

Extremamente eufórico, desci correndo as escadas. Deparei-me com o proprietário da Belle Étoile, que era, como eu disse, o símbolo e o nome de minha hospedaria.

Descrevi o apartamento que eu acabara de deixar, disse tê-lo apreciado, e perguntei se poderia reservá-lo.

O homem estava extremamente embaraçado, visto que aquele apartamento e os dois adjacentes se encontravam ocupados.

“Por quem?”

“Pessoas de distinção”.

“Mas quem são elas? Devem ter nomes ou títulos”.

“Indubitavelmente, *Monsieur*, mas tamanho é fluxo de pessoas que se dirigem a Paris que deixamos de perguntar os nomes ou os títulos de

nossos hóspedes: designamo-los simplesmente pelos quartos que ocupam”.

“Quão longa será sua estadia?”

“Até mesmo isso, *Monsieur*, não posso responder. Não nos diz respeito. Nossos quartos, enquanto isso continuar, não podem jamais encontrar-se, nem por um instante, desocupados”.

“Eu teria adorado obter aqueles aposentos! Seria um deles um quarto de dormir?”

“Sim, e *Monsieur* observará que as pessoas habitualmente não ocupam quartos a menos que pretendam passar a noite”.

“Bem, suponho que eu possa reservar algum quarto, qualquer um, não me importando em que parte da estalagem, não?”.

“Certamente. *Monsieur* pode ficar com dois apartamentos. No momento, são os dois últimos desocupados”.

Aceitei-os instantaneamente.

Estava claro que aquelas pessoas pretendiam pousar ali; pelo menos, não partiriam antes do amanhecer. Comecei a sentir que embarcara numa aventura.

Instalei-me em meus aposentos, e olhei pela janela, a qual, descobri, dava vista para o pátio. Muitos cavalos, ardentes e extenuados, estavam sendo livrados de seus tirantes, enquanto outros, recém-saídos dos estábulos, eram a eles amarrados. Muitos veículos – algumas carruagens privadas, outras, como a minha, daquela classe pública que é o equivalente de nossas malas-postas inglesas – estavam parados sobre a pavimentação, aguardando sua vez para a muda de cavalos. Irrequietos criados corriam de um lado para o outro, enquanto outros, indolentes, se espreguiçavam ou riam, compondo uma cena, em seu conjunto, animada e divertida.

Em meio a tudo aquilo, pensei ter reconhecido a carruagem e um dos criados das “pessoas de distinção” nas quais eu estava, naquele mesmo momento, tão profundamente interessado.

Por conseguinte, desci correndo as escadas, e me dirigi à porta de trás; e, assim, vi-me, num instante, sobre a pavimentação irregular, em meio a todas as visões e sons que, num lugar como aquele, se fazem presentes em períodos de extraordinária aglomeração e tráfego.

Àquela altura, o sol estava perto de recolher-se, e lançava seus raios dourados sobre as chaminés de tijolo vermelho das dependências dos empregados, o que fez com que os dois barris que funcionavam como casas de pombos, no alto dos postes, parecessem estar em chamas. Tudo numa luz como aquela se torna pitoresco; e despertam nosso interesse coisas que, no sóbrio cinza da manhã, são bastante tediosas.

Após uma rápida busca, deparei-me com a carruagem que procurava. Um criado trancava uma das portas, a qual era dotada de uma fechadura. Detive-me à proximidade, examinando o painel da porta.

“Belíssimo emblema esta cegonha vermelha!”, observei, apontando para o escudo sobre a porta. “Ele seguramente indica uma família distinta, não?”

O criado olhou-me por um instante, enquanto guardava a pequena chave em seu bolso, e disse, com uma reverência e um sorriso levemente sarcásticos: “*Monsieur* está livre para conjecturar”.

Sem deixar-me intimidar, imediatamente administrei esse laxativo que, segundo a ocasião, age tão venturosamente sobre a língua: isto é, uma “gorjeta”.

O criado contemplou o napoleão<sup>[9]</sup> em sua mão e, em seguida, meu rosto, com uma sincera expressão de surpresa.

“*Monsieur* é muito generoso!”

“Não por isso... Quem são a dama e o cavalheiro que chegaram aqui nesta carruagem e a quem, como podes lembrar, eu e meu criado prestamos auxílio hoje por ocasião de uma emergência, quando seus cavalos caíram ao chão?”

“São o Conde e a jovem dama a quem chamamos Condessa... Mas não sei, talvez seja sua filha”.

“Podes me dizer onde vivem?”

“Por minha honra, *Monsieur*, não posso... não sei”.

“Não sabes onde vive teu senhor! Certamente sabes algo mais a seu respeito do que apenas seu nome?”

“Nada que mereça ser relatado, *Monsieur*; aliás, fui contratado em Bruxelas, no mesmo dia em que partiram. *Monsieur* Picard, meu colega, o criado de quarto de *Monsieur le Comte*, está a seu serviço há anos, e sabe tudo; mas nunca abre a boca senão para comunicar uma ordem. Não me contou nada. Estamos a caminho de Paris, e lá poderei rapidamente descobrir tudo a respeito deles. No momento, sou tão ignorante quanto *Monsieur* a respeito de tudo isso”.

“E onde está *Monsieur* Picard?”

“Foi até o couteleiro afiar suas navalhas. Mas não creio que ele lhe conte qualquer coisa”.

Aquela era uma pobre colheita para minha sementeira dourada. O homem, acredito, dizia a verdade, e teria honestamente traído os segredos da família, caso os possuísse. Retirei-me polidamente; e, após subir novamente as escadas, encontrei-me mais uma vez em meu quarto.

Imediatamente, convoquei meu criado. Embora o tivesse trazido comigo da Inglaterra, era um nativo da França – um sujeito útil, astuto, dinâmico, e, é claro, bastante familiarizado com os modos e os truques de seus conterrâneos.

“Saint-Clair, fecha a porta e vem aqui. Não posso descansar antes de descobrir algo a respeito das pessoas distintas que ocupam os aposentos abaixo dos meus. Aqui estão quinze francos; convence os criados que socorremos hoje a oferecerem a si mesmos um *petit souper*<sup>[10]</sup>, e volta para contar-me toda a sua história. Conversei, há pouco, com um deles, que nada sabe e já o confessou. O outro, cujo nome esqueci, é o serviçal do nobre desconhecido, e sabe tudo. É dele que deves extrair informações. É, obviamente, o venerável nobre, e não a jovem dama que o acompanha, que me interessa... entendes? Vai! Voa, e volta com todos os detalhes pelos quais anseio, e todas as circunstâncias que possam eventualmente me interessar”.

Era uma atribuição que se conciliava admiravelmente com os gostos e as disposições de meu valoroso Saint-Clair, a quem, como deveis ter observado, eu me acostumara a falar com a peculiar familiaridade que a velha comédia francesa estabelece entre o senhor e seu criado.

Estou certo de que ele secretamente riu de mim; mas ninguém poderia mostrar-se mais polido e deferente.

Com diversos olhares, acenos e inclinações judiciosos, ele se retirou; e olhando pela minha janela, vi-o entrar, com incrível rapidez, no pátio, onde logo o perdi de vista, entre numerosas carruagens.

## Capítulo III - A morte e o amor acasalados

Quando o dia se arrasta, quando um homem encontra-se solitário, e acometido por uma febre de impaciência e expectativa; quando o ponteiro dos minutos se move tão lentamente quanto o das horas, e o das horas perdeu qualquer movimento apreciável; quando o homem boceja e bate com os dedos na mesa<sup>[11]</sup>, prega seu belo nariz na janela, assovia melodias que detesta, e, numa palavra, não encontra nada de útil para fazer, é profundamente lamentável que ele não possa desfrutar de um jantar solene de três pratos mais de uma vez por dia. As leis da matéria, das quais somos escravos, nos negam tal recurso.

Mas, na época de que vos falo, a ceia ainda era uma refeição substancial, e sua hora se aproximava. Isso era consolador. Três quartos de hora, porém, ainda se interpunham. De que modo eu preencheria tal intervalo?

Eu contava, é verdade, com a companhia de dois ou três livros frívolos; mas existem diversos humores que nos tornam incapazes de ler. Meu romance estava sobre o sofá, com minha manta e minha bengala, e pouco me importava que a heroína e o herói se afogassem ambos no barril de água que eu via no pátio sob a minha janela.

Dei uma ou duas voltas pelo quarto, e suspirei; contemplando-me no espelho, ajustei minha grande “gargantilha”, dobrada e amarrada à

maneira de Brummell, o imortal “Beau”<sup>[12]</sup>; vesti um colete caqui e minha casaca azul com botões dourados; banhei meu lenço de bolso em água de colônia (não tínhamos na época a variedade de fragrâncias com que os gênios da perfumaria nos abençoaram desde então); e arrumei meu cabelo, do qual eu me orgulhava e que, naqueles dias, eu adorava embelezar. A *chevelure*<sup>[13]</sup> castanho-escuro, com cachos naturais, encontra-se hoje representada por algumas dúzias de fios perfeitamente brancos, e sua morada – uma cabeça suave, calva e rosada – já a desconhece por completo. Esqueçamos, porém, tais mortificações. Minha cabeleira era então rica, espessa e castanho-escuro. Eu fazia então uma cuidadosíssima toalete. Tirei meu irrepreensível chapéu de seu estojo, e coloquei-o suavemente sobre minha sensata cabeça, tão cuidadosamente quanto a memória e a prática me permitiam fazê-lo, com aquela levíssima inclinação que a pessoa imortal que mencionei tinha o hábito de conferir ao seu. Um par de leves luvas francesas e uma bengala um tanto nodosa e semelhante a um bastão, como as que estiveram então em voga por um ano ou dois na Inglaterra, “completaram”, segundo a fraseologia dos romances de Sir Walter Scott, “meu equipamento”<sup>[14]</sup>.

Toda aquela atenção dada à aparência, preparatória a um mero descanso no pátio, ou sobre os degraus da Belle Étoile, era um simples ato de devoção aos maravilhosos olhos que eu contemplara pela primeira vez naquela tarde, e dos quais eu nunca, jamais poderia me esquecer! Em uma palavra, tudo era feito na vaga, vaguíssima esperança de que aqueles olhos pudessem contemplar a irrepreensível indumentária de um melancólico escravo, e reter tal imagem, não, talvez, sem secreta aprovação.

Enquanto eu completava meus preparativos, a luz se fez insuficiente; os últimos raios de sol desapareceram, restando apenas um tênue crepúsculo. Suspirei em uníssono com aquela hora melancólica, e

abri a janela, a fim de contemplar o exterior por um momento antes de descer. Percebi instantaneamente que a janela abaixo da minha também se encontrava aberta, pois ouvi duas vozes conversando, embora não pudesse discernir o que diziam.

A voz masculina era peculiar; era, como eu vos disse, esganiçada e anasalada. Identifiquei-a, é claro, de imediato. A voz que lhe respondia tinha aquele tom suave que muito facilmente reconheci. O diálogo durou apenas um minuto; a repulsiva voz masculina riu, segundo me pareceu, com uma espécie de sarcasmo diabólico, e distanciou-se da janela, de sorte que quase deixei de a ouvir.

A outra voz permaneceu mais próxima à janela, mas não tão perto quanto de início.

Não era uma altercação; manifestamente, não havia nada que fosse minimamente interessante naquele colóquio. O que eu não teria dado para que fosse uma disputa – uma violenta disputa – e que eu fosse o reparador de males e o defensor da ultrajada beleza! Infelizmente, tanto quanto pude julgar pelo tom da conversa, eles formavam o mais tranquilo par que pudesse existir. No momento seguinte, a dama se pôs a cantar uma pequena e estranha *chanson*<sup>[15]</sup>. Não preciso relembrar como é maior o alcance de uma voz ao *cantar* do que ao falar. Eu podia distinguir as palavras. A voz, acredito, era daquele tipo requintadamente suave a que se costuma chamar “mezzo-contralto”; tinha algo de patético, e algo que me pareceu ser levemente escarnecedor. Arrisco uma desgraciosa, porém adequada tradução da letra:

*Morte e Amor, acasalados,  
Vigiam e aguardam atocaiados;  
Ao amanhecer, ou quando a noite chama,  
Encontram e marcam homem ou dama.*



*Suspiro ardente, ou fôlego que gela,  
Atordoa ou enlouquece homem ou dama;  
A Morte ou o Amor a vítima agarra,  
Exalando-se ambos à sua espreita.*

“Basta, *Madame!*”, disse a velha voz, com repentina severidade. “Não desejamos, acredito, entreter com nossa música os cavaleiros e estribeiros que estão no pátio”.

A voz da dama riu alegremente.

“Deseja querelar-se, *Madame!*”

Então, o velho homem, presumo, fechou a janela. Esta última desceu, em todo caso, com uma violência que poderia facilmente ter quebrado o vidro.

De todas as finas divisórias, o vidro é o mais eficiente supressor de som. Não ouvi mais nada, nem mesmo o mais tênue zunido daquela conversa.

Que encantadora voz tinha aquela Condessa! Como ela enternecia, crescia e estremecia! Como me comovia e até mesmo agitava! Que pena que uma gralha rouca tivesse o poder de subjugar tal rouxinol<sup>[16]</sup>! “Infelizmente, assim é a vida!”, moralizei, sensatamente. “Esta bela Condessa, com a paciência de um anjo, a beleza de uma Vênus e os talentos de todas as Musas, é uma escrava! Ela sabe perfeitamente quem ocupa os aposentos acima dos seus; ela me ouviu abrir a janela. Pode-se perfeitamente conjecturar a quem aquela música era dedicada... e a quem, velho cavalheiro, suspeitastes que fosse dedicada”.

Numa agradabilíssima vibração, deixei meu quarto e, descendo as escadas, passei muito calmamente pela porta do Conde. Havia uma chance de que a bela cantora pudesse aparecer. Deixei cair minha bengala no corredor, perto de sua porta, e podeis estar certos de que levei algum

tempo para apanhá-la! A sorte, entretanto, não me sorriu. Eu não podia permanecer no corredor a noite toda, apanhando minha bengala, de modo que desci até o saguão.

Consultei o relógio, e constatei que restava apenas um quarto de hora para a ceia.

Todos se precipitavam agora, e cada estalagem se viu tomada pelo maior alvoroço; as pessoas podem se comportar em tal situação como nunca fizeram antes. Seria possível que, por uma vez, o Conde e a Condessa viessem ao refeitório?

## Capítulo IV - Monsieur Droqville

Imbuído dessa estimulante esperança, lancei-me pelos degraus da Belle Étoile. Era agora noite, e um agradável luar reinava sobre a paisagem. Desde a minha chegada, eu me aprofundara em meu romance, e aquela luz poética intensificava o sentimento. Quanta emoção se ela revelasse ser a filha do Conde, e estar apaixonada por mim! Que encantadora... *tragédia*, se ela revelasse ser a esposa do Conde!

Naquele luxuriante estado de espírito, fui abordado por um alto e mui elegantemente trajado cavalheiro, o qual parecia ter aproximadamente cinquenta anos. Seu ar era cortês e gracioso, e havia algo tão distinto em seus modos e em sua aparência que era impossível não suspeitar tratar-se de um membro da nobreza.

Ele se mantinha em pé sobre os degraus, observando, como eu, os efeitos do luar, que transformavam, por assim dizer, os objetos e as construções da pequena rua. Abordou-me, como eu disse, com a polidez, ao mesmo tempo suave e altiva, de um nobre francês da velha guarda. Perguntou-me se eu não era o Sr. Beckett? Assenti; e ele imediatamente se apresentou como o Marquês d'Harmonville (deu esta última informação em voz baixa), e pediu permissão para entregar-me uma carta de Lorde R..., o qual conhecia ligeiramente meu pai e certa vez me fizera, também, uma insignificante gentileza.

Este nobre inglês, permitam-me mencionar, tinha posição elevada no mundo político, e foi considerado o mais provável sucessor para o distinto cargo de Embaixador inglês em Paris.

Recebi a carta com acentuada reverência, e li:

*Prezado Beckett,*

*Permita-me introduzir meu caríssimo amigo, o Marquês d'Harmonville, o qual lhe explicará a natureza dos serviços que talvez esteja ao seu alcance prestar, tanto a ele como a nós.*

Passou então a descrever o Marquês como um homem cuja grande fortuna, cujas relações íntimas com as velhas famílias e cuja legítima influência na Corte faziam dele a pessoa mais indicada para aquelas amigáveis incumbências que, conforme o desejo de seu próprio soberano e de nosso governo, ele havia tão obsequiosamente assumido.

Ampliou-se sobremaneira minha perplexidade quando li, mais adiante, o seguinte:

*A propósito, Walton esteve aqui ontem, e contou-me que vossa sede seria provavelmente atacada; algo, ele diz, está inquestionavelmente em curso em Domwell. Sabe o senhor que sinto certo constrangimento em intervir, ainda que tão cautelosamente. Aconselho-lhe, porém, se não for muito intrusivo, que mande Haxton informar-se a respeito e relatá-lo imediatamente. Temo que a situação seja séria. Eu devia ter mencionado que, por razões que o senhor irá descobrir, após conversar com ele por cinco minutos, o Marquês – com a conivência de todos os nossos amigos – renunciou a seu título por algumas semanas, e é agora somente o Monsieur Droqville.*

*Devo agora dirigir-me à cidade, e nada mais posso dizer.*

*Com elevado apreço,*

*R...*

Eu estava profundamente perplexo. Eu mal podia gabar-me de conhecer Lorde R... Eu não conhecia ninguém chamado Haxton, e, exceção feita ao meu chapeleiro, ninguém chamado Walton; e aquele nobre escrevia como se fôssemos amigos íntimos! Examinei a parte de trás da carta, e o mistério foi elucidado. Para minha consternação – pois eu era simplesmente Richard Beckett – eu lia:

“*Para o Exmo. Sr. George Stanhope Beckett, M.P.*”<sup>[17]</sup>

Fitei consternadamente o rosto do Marquês.

“Que desculpas posso oferecer ao Mar... a *Monsieur* Droqville? É verdade que meu nome é Beckett... e é verdade que conheço, embora muito superficialmente, Lorde R...; mas a carta não me era endereçada. Meu nome é Richard Beckett, ao passo que ela se destina ao Sr. Stanhope Beckett, deputado de Shillingsworth. Que posso dizer, ou fazer, nesta infeliz circunstância? Posso apenas dar-lhe minha palavra, como cavaleiro, de que, no que me diz respeito, a carta, que agora devolvo, permanecerá um segredo tão inviolado como era antes que eu a abrisse. Estou chocado e desolado que tal equívoco tenha ocorrido!”

Ouso dizer que minha honesta vergonha e minha boa fé estavam mui legivelmente inscritas em meu semblante, pois o rosto do Marquês, momentaneamente tomado por um ar de lúgubre embaraço, abrilhantou-se; gentilmente, sorriu e estendeu sua mão.

“Não tenho a menor dúvida de que *Monsieur* Beckett respeitará meu pequeno segredo. Como um equívoco estava destinado a acontecer, tenho razões para agradecer às estrelas que ele tenha se produzido com um cavalheiro honrado. *Monsieur* Beckett me permitirá, espero, incluir seu nome entre os de meus amigos”.

Agradei profusamente ao Marquês por suas gentis palavras. Ele prosseguiu:

“Se eu puder persuadi-lo, *Monsieur*, a visitar-me em Claironville, na Normandia, onde espero receber, no dia 15 de agosto, um grande número de amigos, os quais o senhor pode ter interesse em conhecer, isso me traria enorme alegria”.

Agradei-lhe, é claro, muito encarecidamente por sua hospitalidade. Ele continuou:

“Por razões que o senhor pode imaginar, não posso, atualmente, receber meus amigos em minha morada parisiense. Mas *Monsieur* terá a gentileza de informar-me o nome do hotel em que pretende ficar em Paris; e descobrirá que, ainda que o Marquês d’Harmonville não esteja na cidade, *Monsieur* Droqville não perderá o senhor de vista”.

Com muitos agradecimentos, dei-lhe a informação que desejava.

“E enquanto isso”, ele prosseguiu, “se vier à sua mente qualquer maneira pela qual *Monsieur* Droqville lhe possa ser útil, nossa comunicação não deverá ser interrompida, e arranjurei as coisas para que o senhor possa facilmente me notificar”.

Fiquei profundamente lisonjeado. Eu causara, como se diz, uma bela impressão no Marquês. Semelhantes simpatias à primeira vista frequentemente evoluem para duradouras amizades. Era também possível que o Marquês considerasse prudente manter o depositário accidental de um segredo político, ainda que bastante vago, de bom humor.

Mui graciosamente, o Marquês se retirou, subindo as escadas da Belle Étoile.

Permaneci sobre os degraus por um minuto, perdido em especulações sobre aquele novo tema de interesse. Mas os maravilhosos olhos, a emocionante voz e a requintada fisionomia da bela dama que se apoderara de minha imaginação rapidamente retomaram sua preeminência. Eu novamente contemplava a compreensiva lua, e, após

descer os degraus, perambulei pelas ruas em meio a estranhos objetos, e antigas e pitorescas casas, pensativo, como que num sonho.

Pouco tempo depois, retornei ao pátio da estalagem. Uma calmaria ali se instalara. Em vez do lugar barulhento que era uma ou duas horas antes, o pátio se encontrava perfeitamente silencioso e vazio, exceção feita às carruagens aqui e ali estacionadas. Talvez a refeição dos criados estivesse ocorrendo naquele momento. Fiquei um tanto feliz por encontrar a solidão; e, sem que ninguém me perturbasse, encontrei, iluminada pelo luar, a carruagem de minha amada dama. Contemplei-a, caminhei ao seu redor; fui tão tolo e piegas como geralmente são os rapazes muito jovens em situações como a minha. As persianas estavam abaixadas, e as portas, suponho, trancadas. O brilhante luar revelava tudo, e projetava precisas e intensas sombras das rodas, barras e molas na pavimentação. Detive-me diante do brasão pintado sobre a porta, o qual eu já examinara à luz do dia. Fiquei a imaginar quantas vezes os olhos da dama haviam contemplado aquele mesmo objeto. Divaguei num sonho encantador. Subitamente, uma voz rude e alta exclamou, por sobre o meu ombro:

“Uma cegonha vermelha... ótimo! A cegonha é uma ave de rapina; é vigilante, ávida e apanha peixes. E ainda por cima vermelha! Vermelha como o sangue! Ha! Ha! O símbolo é apropriado”.

Virei-me, e contemplei o mais pálido rosto que jamais tinha visto. Era largo, feio e maligno. A fisionomia era a de um oficial francês, negligentemente trajado, e com seis pés de altura<sup>[18]</sup>. Atravessando o nariz e a sobrancelha, havia uma profunda cicatriz, tornando aquele repulsivo rosto ainda mais terrível.

O oficial ergueu seu queixo e suas sobrancelhas, e, com uma escarnecedora risadinha, disse: “Matei, apenas pelo prazer, uma cegonha com um tiro de fuzil, quando ela acreditava estar a salvo nas nuvens!”

(Deu de ombros, e riu malignamente.) “Veja, *Monsieur*, quando um homem como eu – um homem enérgico, entende, um homem que se mantém alerta, um homem que percorreu a Europa dormindo em tendas, e, *parbleu!*, frequentemente até mesmo ao ar livre – resolve descobrir um segredo, expor um crime, apanhar um ladrão, empalar um larápio na ponta de sua espada, dificilmente ele não terá êxito. Ha! Ha! Ha! Adeus, *Monsieur!*”

Virou-se com um violento movimento de calcanhar, e pavoneou-se com longas passadas através do portão.



## Capítulo V - Uma ceia na Belle Étoile

O exército francês sofria então de um humor um tanto selvagem. Os ingleses, especialmente, não podiam esperar mais do que escassa cortesia de sua parte. Estava claro, porém, que o cadavérico cavalheiro que acabara de maldizer a heráldica da carruagem do Conde com tão misteriosa acrimônia não direcionara sua malevolência à minha pessoa. Fora atingido por alguma antiga lembrança, e se retirou, fervilhando furiosamente.

Eu recebera um daqueles inconfessos sustos que nos fazem sobressaltar, quando, imaginando estarmos perfeitamente sozinhos, descobrimos subitamente que nossas tolices foram observadas por um espectador, logo atrás de nós. Naquele caso, o efeito foi intensificado pelo caráter extremamente repulsivo do rosto de meu interlocutor, e, devo acrescentar, sua proximidade, pois acredito que sua face quase tocou a minha. O enigmático falatório daquela pessoa, tão repleto de ódio e de insinuações, ainda assombrava meus ouvidos. Ali, em todo caso, estava um novo assunto para ocupar a industriosa imaginação de um amante.

Era agora hora de ir até o refeitório. Quem podia saber que luzes os mexericos da mesa de jantar poderiam lançar sobre um assunto que tão poderosamente me cativava!

Logo que entrei no recinto, meus olhos se puseram a procurar, na pequena assembleia de cerca de trinta pessoas, os indivíduos que

especialmente me interessavam.

Não era fácil induzir funcionários, tão apressados e sobrecarregados como os da Belle Étoile, a enviar refeições a um dos apartamentos privados, em meio àquela incomparável confusão; assim, mesmo contrariadas, muitas pessoas podiam ver-se reduzidas à alternativa de jantar na mesa comum ou morrer de fome.

O Conde ali não se encontrava, nem sua bela companheira; mas o Marquês d'Harmonville, que eu dificilmente teria esperado encontrar em lugar tão público, apontou, com um sorriso significativo, para uma cadeira vazia ao seu lado. Ocupei-a, ele pareceu satisfeito, e quase imediatamente pôs-se a conversar comigo.

“Esta é, provavelmente, sua primeira visita à França, não?”, ele disse.

Respondi-lhe que sim, e ele continuou:

“Não deve o senhor pensar que sou muito curioso e impertinente, mas Paris talvez seja a capital mais perigosa que um jovem, ardente e generoso cavalheiro possa visitar sem um mentor. Se não tiver um amigo experiente como companheiro durante sua visita...”. Ele se interrompeu.

Disse-lhe que não me encontrava provido de tal companhia, mas que me mantinha alerta ao que me cercava; que já tivera uma considerável vivência na Inglaterra, e que imaginava que a natureza humana era praticamente a mesma em todas as partes do mundo. O Marquês balançou a cabeça, sorrindo.

“Não obstante, o senhor encontrará diferenças muito pronunciadas”, ele disse. “Com efeito, peculiaridades de intelecto e peculiaridades de caráter permeiam, indubitavelmente, diferentes nações; e disso resulta, no seio das classes criminosas, um estilo de vilania igualmente peculiar. Em Paris, a classe que vive de trapaças é três ou quatro vezes maior do que em

Londres; e aqueles que fazem parte dela vivem muito melhor; alguns deles vivem esplendidamente. São mais engenhosos do que os meliantes de Londres; possuem maior ímpeto e inventividade, e o talento para representar, do qual os conterrâneos de *Monsieur* são carentes, está por toda a parte. Esses inestimáveis atributos os colocam num nível totalmente diferente. Eles podem simular os modos e desfrutar do luxo de pessoas distintas. Muitos deles vivem da trapaça”.

“Assim também fazem muitos de nossos meliantes londrinos”.

“Sim, mas de maneira totalmente diferente. Em Londres, eles são os *habitués*<sup>[19]</sup> de certas mesas de jogos, salões de bilhar e outros lugares, incluindo-se as pistas de corridas, onde altas trapaças ocorrem; e por conhecimento privilegiado das chances, por dissimulação de seus embustes, pela intervenção de comparsas, por meio de propinas e outros artifícios, variando conforme o objeto de sua impostura, eles roubam os desavisados. Mas aqui as coisas se fazem de maneira mais elaborada, e com uma *finesse* verdadeiramente requintada. Há pessoas, cujos modos, estilo e conversação são irrepreensíveis, vivendo em belas casas nos melhores bairros, sendo que tudo a seu respeito corresponde ao gosto mais refinado e ao mais sofisticado luxo, o que faz com que se destaquem até mesmo entre os burgueses parisienses, os quais acreditam, de boa fé, tratar-se de pessoas nobres e elegantes, pois suas vestimentas são caras e refinadas, e suas casas são frequentadas por estrangeiros de distinção e, até certo ponto, por jovens tolos da elite francesa. Em todas essas casas, opera-se a trapaça. Os pretensos anfitriões e anfitriãs raramente participam dela; simplesmente providenciam para que, por meio de seus cúmplices, se espoliem os convidados, e, assim, ricos estranhos sejam ludibriados e roubados”.

“Mas ouvi falar de um jovem inglês, filho de Lorde Rooksbury, que quebrou duas mesas de jogo parisienses somente no ano passado”.

“Entendo”, ele disse, rindo, “o senhor veio aqui na esperança de fazer o mesmo. Quanto a mim, quando eu tinha aproximadamente a sua idade, aventurei-me nessa mesma vibrante empresa. Para começar, reuni uma quantia não inferior a 500 mil francos; eu esperava obter o mais absoluto êxito pelo simples expediente de ir dobrando minhas apostas. Eu ouvira falar dessa estratégia, e imaginei que os trapaceiros, que controlavam a mesa, nada soubessem a respeito. Descobri, porém, não somente que sabiam tudo sobre ela, mas também que haviam tomado providências contra a possibilidade de quaisquer experimentos dessa espécie; e fui frustrado antes mesmo de realmente começar, por conta de uma regra que proibia dobrar a aposta original mais de quatro vezes consecutivas”.

“E tal regra ainda se encontra em vigor?”, perguntei, deprimido.

Ele riu e deu de ombros: “É claro que sim, meu jovem amigo! Pessoas que vivem de uma arte sempre a compreendem melhor do que um amador. Vejo que o senhor formou o mesmo plano, e que seguramente veio preparado”.

Confessei que me preparara para uma conquista em escala ainda maior. Eu viera com uma bolsa de 30 mil libras esterlinas.

“Todo conhecido de meu caríssimo amigo, Lorde R..., me interessa; e, para além de minha consideração por ele, estou encantado com o senhor; peço que perdoe, portanto, as perguntas e conselhos talvez demasiado intrusivos que eu lhe dirigir”.

Agradei-lhe mui sinceramente por sua valiosa assistência, e implorei-lhe que tivesse a bondade de dar-me todos os conselhos que estivessem em seu poder.

“Então, se quiser meu conselho”, ele disse, “o senhor deixará seu dinheiro no banco, onde ele deve estar. Nunca arrisque um napoleão numa casa de jogos. Na noite em que eu viera quebrar a banca, perdi entre sete e oito mil libras esterlinas de seu dinheiro inglês; e, em minha aventura seguinte, eu tivera acesso a uma dessas elegantes casas de jogos que passam por mansões privadas de pessoas de distinção, e fui salvo da ruína por um cavalheiro por quem, desde então, tenho cada vez mais respeito e amizade. Ocorre que, curiosamente, ele se encontra nesta casa, neste mesmo momento. Reconheci seu criado, e fiz-lhe uma visita em seus aposentos aqui; reencontrei o mesmo bravo, gentil e honrado homem que sempre conheci. Mas tendo em vista que ele vive hoje tão inteiramente à margem da sociedade, eu deveria ter feito um esforço para apresentá-lo ao senhor. Quinze anos atrás, ele teria sido o mais indicado dos homens para consultar. O cavalheiro de que falo é o *Comte* de Saint-Alyre. Ele representa uma antiquíssima família. Ele é a própria expressão da honra, e o homem mais sensato do mundo, exceto no tocante a um detalhe”.

“E qual seria este detalhe?”, titubeei. Eu agora estava profundamente interessado.

“É que ele desposou uma encantadora criatura, ao menos quarenta e cinco anos mais jovem do que ele, o que, é claro, o torna, ainda que eu não veja absolutamente nenhum motivo para isso, horivelmente ciumento”.

“E a dama?”

“A Condessa é, acredito, merecedora, sob todos os aspectos, de tão bom homem”, ele respondeu, um tanto secamente.

“Acredito tê-la ouvido cantar esta tarde”.

“Imagino que sim; é muito talentosa”. Após alguns momentos de silêncio, ele prosseguiu.

“Não devo perdê-lo de vista, pois me causaria tristeza que, em seu próximo encontro com meu amigo Lorde R..., o senhor tivesse de contar-lhe que foi ludibriado em Paris. Um inglês rico como o senhor, com tão grande quantia depositada junto aos seus banqueiros parisienses, jovem, alegre, generoso: mil vampiros e harpias competirão para serem os primeiros a agarrá-lo e devorá-lo”.

Naquele momento, recebi uma espécie de cotovelada do cavaleiro à minha direita. Foi um gesto accidental, enquanto ele girava sobre seu assento.

“Pela honra de um soldado, não há carne humana nesta companhia que cicatrize mais rápido que a minha”.

O tom em que tais palavras foram proferidas era rude e retumbante, e quase me fez sobressaltar. Olhei para o lado e reconheci o oficial cujo largo e pálido rosto me deixara um tanto assustado no pátio, enxugando a boca furiosamente; então, após um gole de Magon<sup>[20]</sup>, ele prosseguiu:

“*Ninguém!* Não é sangue; é icor<sup>[21]</sup>! É milagre! Deixando-se de lado a estatura, o vigor, a ossatura e a musculatura... deixando-se de lado a coragem, por todos os anjos da morte, eu lutaria nu com um leão, e derrubaria os dentes de suas mandíbulas com meu punho, e o açoitaria até a morte com seu próprio rabo! Deixando-se de lado, repito, todos esses atributos, os quais estou autorizado a possuir, valho por seis homens em qualquer campanha, por esta qualidade que possuo de me curar... rasguem-me, furem-me, dilacerem-me em mil pedaços com bombas, e a natureza me fará inteiro novamente, com a mesma rapidez com que vosso alfaiate remenda um velho casaco. *Parbleu!* cavaleiros, se me vissem nu, os senhores por acaso ririam? Vejam a minha mão: um corte de sabre através da palma, até o osso, para salvar minha cabeça, costurado com três pontos, e, cinco dias depois, eu enfrentava um general inglês, um prisioneiro em

Madri, diante do muro do convento de Santa Maria de la Castita! Em Arcola, com mil diabos, aquilo sim foi ação! A fumaça, cavalheiros, que cada homem ali engoliu em cinco minutos bastaria para asfixiar a todos nesta sala! Levei, naquele mesmo momento, duas balas de mosquete nas coxas, metralha através da panturrilha, uma lança através de meu ombro esquerdo, um estilhaço no deltoide esquerdo, uma baioneta através da cartilagem de minhas costelas direitas, um corte que arrancou uma libra<sup>[22]</sup> de carne de meu peito, e a maior parte de um foguete congreve<sup>[23]</sup> em minha testa. Nada mal! Ha! Ha! E tudo isso enquanto os senhores resmungariam! E oito dias e meio depois, eu fazia uma marcha forçada, sem sapatos, e com apenas uma polaina: eu era a vida e a alma de minha companhia, e tão resistente quanto uma barata!”

“*Bravo! Bravissimo! Per Bacco! Un gallant’uomo!*”<sup>[24]</sup>, exclamou, em êxtase marcial, um obeso italianinho que fabricava palitos de dentes e berços de palha na ilha de Notre-Dame<sup>[25]</sup>; “seus feitos hão de ressoar por toda a Europa! E a história dessas guerras há de ser escrita em seu sangue!”

“Deixe para lá! Não foi nada!”, exclamou o soldado. “Em Ligny, outro dia, onde estraçalhamos os prussianos em centenas de milhares de bilhões de átomos, um pedaço de projétil me cortou através da perna e abriu uma artéria. O sangue jorrava mais alto que uma chaminé, e em meio minuto eu já perdera o bastante para encher um jarro. Mais um minuto, e eu teria morrido, se eu não tivesse arrancado minha cinta rápido como um relâmpago, a apertado em volta de minha perna e acima da ferida, arrancado uma baioneta das costas de um prussiano morto, e, passando-a por baixo, feito um torniquete com alguns giros, e, tendo assim estancado a hemorragia, salvo minha vida. Mas, *sacrebleu!*, cavalheiros, perdi tanto sangue que, desde então, tenho estado tão pálido quanto o

fundo de um prato. Pouco importa. Não foi nada. Sangue bem gasto, cavalheiros”. Dedicou-se então à sua garrafa de *vin ordinaire*<sup>[26]</sup>.

O Marquês fechara os olhos, mostrando-se resignado e enojado enquanto tudo aquilo acontecia.

“*Garçon*”, disse o oficial ao atendente, falando, pela primeira vez, em voz baixa, por sobre o encosto de sua cadeira; “quem veio naquela carruagem de viagem, amarela e preta, estacionada no meio do pátio, com brasões e suportes estampados na porta, e uma cegonha vermelha, tão vermelha quanto os enfeites de meu casaco?”

O garçom não sabia dizer.

O olhar do excêntrico oficial, que subitamente se tornara sombrio e sério, e parecia ter abandonado a conversa geral com outras pessoas, se deteve, como que acidentalmente, em mim.

“Perdoe-me, *Monsieur*”, ele disse. “Por acaso não o vi examinando o painel daquela carruagem ao mesmo tempo que eu, esta noite? Pode dizer-me quem chegou nela?”

“Acredito tratar-se do Conde e da Condessa de Saint-Alyre”.

“E eles estão aqui, na Belle Étoile?”, perguntou.

“Ocupam aposentos no primeiro andar”, respondi.

Ele se ergueu de modo abrupto, afastando parcialmente sua cadeira da mesa. Logo tornou a sentar-se, e pude ouvi-lo praguejar e murmurar algo para si mesmo, exibindo os dentes e franzindo as sobrancelhas. Eu não sabia dizer se ele estava alarmado ou furioso.

Virei-me para dizer algumas palavras ao Marquês, mas ele tinha partido. Várias outras pessoas também haviam deixado o lugar, e a reunião daquele jantar logo se desfez.

Dois ou três pedaços substanciais de lenha ardiam na lareira, pois aquela noite se tornara particularmente gélida. Sentei-me perto do fogo,



numa grande poltrona de carvalho esculpido, com um encosto maravilhosamente alto e que parecia datar dos tempos de Henrique IV.

“*Garçon*”, eu disse, “saberias por ventura quem é aquele oficial?”

“Trata-se do Coronel Gaillarde, *Monsieur*”.

“Ele tem vindo com frequência a este lugar?”

“Uma vez antes desta, *Monsieur*, e durante uma semana inteira; um ano se passou desde então”.

“Trata-se do homem mais pálido que já vi”.

“Isso é verdade, *Monsieur*; ele foi frequentemente tido como um *revenant*<sup>[27]</sup>”.

“Poderias dar-me uma garrafa de um ótimo Borgonha?”

“O melhor da França, *Monsieur*”.

“Coloca-o, com um copo, ao meu lado, sobre esta mesa, por favor. Talvez permaneça sentado aqui por meia hora”.

“Certamente, *Monsieur*”.

Eu estava muito confortável, o vinho era excelente, e meus pensamentos iluminados e serenos. “Belíssima Condessa! Belíssima Condessa! Chegaremos algum dia a nos conhecer melhor?”

## Capítulo VI - A espada nua

Um homem que viajou o dia inteiro, respirando um ar diferente a cada meia hora, que está satisfeito consigo mesmo, sem nada no mundo que o possa perturbar, e que se senta sozinho perto da lareira numa confortável poltrona após ter desfrutado de uma copiosa ceia, pode ser perdoado caso venha a tirar uma accidental soneca.

Eu acabara de encher meu quarto copo quando adormeci. Minha cabeça, devo dizer, pendia desconfortavelmente; e, como se sabe, uma variedade de pratos franceses não é o mais favorável precursor de sonhos agradáveis.

Naquela ocasião, enquanto descansava na estalagem, tive um sonho. Imaginei-me numa enorme catedral, carente de luz, exceto a que vinha de quatro velas dispostas nos cantos de uma plataforma decorada em preto, sobre a qual jazia, também revestido em preto, o que me parecia ser o cadáver da Condessa de Saint-Alyre. O lugar parecia vazio, fazia frio, e eu não conseguia ver (na auréola das velas) além do curto espaço ao meu redor.

O pouco que vi tinha o caráter da melancolia gótica, e ajudou minha imaginação a dar forma e conteúdo ao vazio negro que me cercava. Ouvi um som que se assemelhava ao lento caminhar de duas pessoas percorrendo um corredor lajeado. Um tênue eco me informou sobre a

vastidão do lugar. Um terrível sentimento de expectativa se apoderou de mim, e fiquei horivelmente apavorado quando o corpo que se estendia sobre o cadafalso disse (sem mover-se), num sussurro que me petrificou: “Eles estão vindo para colocar-me viva na sepultura; salve-me”.

Constatei que eu não podia falar nem me movimentar. Eu estava horivelmente assustado.

As duas pessoas que se aproximavam emergiram então da escuridão. Uma delas, o Conde de Saint-Alyre, deslizou até a cabeça da mulher e dispôs suas longas e magras mãos sob a mesma. O Coronel de rosto pálido, com uma cicatriz atravessando-lhe a face e um ar de triunfo infernal, colocou as mãos sob os seus pés, e ambos começaram a erguê-la.

Com indescritível esforço, quebrei o feitiço que me imobilizava, e, com um arquejo, levantei-me.

Eu estava plenamente acordado, mas o largo e malévolo rosto do Coronel Gaillarde me fitava, alvo como a morte, desde o outro lado da lareira. “Onde está ela?”, perguntei, trêmulo.

“Isso depende de quem ela é, *Monsieur*”, retrucou rispidamente o Coronel.

“Deus do céu!”, exclamei, olhando ao meu redor.

O Coronel, que me observava sarcasticamente, acabara de tomar sua *demi-tasse* de *café noir*<sup>[28]</sup>, e agora sorvia sua *tasse*, espalhando uma agradável fragrância de conhaque.

“Adormeci e estava sonhando”, eu disse, temendo que alguma linguagem ofensiva, baseada no papel que ele desempenhara em meu sonho, pudesse ter escapado. “Por alguns instantes, eu não sabia onde estava”.

“O senhor é o jovem cavalheiro que ocupa os aposentos acima dos do Conde e da Condessa de Saint-Alyre?”, ele perguntou, piscando com

um dos olhos, fechado em seus pensamentos, e fitando-me com o outro.

“Acredito que sim... sou eu”, respondi.

“Pois bem, rapaz, tome cuidado para que alguma noite não lhe traga sonhos piores do que este”, ele disse, enigmaticamente, antes de abanar a cabeça com uma risadinha. “Sonhos piores”, repetiu.

“O que *Monsieur* Coronel quer dizer?”, indaguei.

“Eu mesmo estou tentando descobrir”, disse o Coronel; “e acredito que descobrirei. Quando *eu* agarro firmemente a ponta do fio entre meu indicador e meu polegar, por mais difícil que seja, eu o sigo, pedaço por pedaço, pouco a pouco, acompanhando-o de um lado para o outro, para cima e para baixo, e ao redor, até que a pista inteira se encontre enrolada em meu polegar, e o final, seu segredo, firme entre meus dedos. Engenhoso! Tão astuto quanto cinco raposas! Alerta como uma doninha! *Parbleu!* Se eu me tivesse rebaixado a tal ocupação, eu teria feito minha fortuna como espião. Bom vinho esse?”, perguntou, espiando interrogativamente a minha garrafa.

“Muito bom”, respondi. “O Coronel aceitaria uma taça?”

O homem pegou a maior que pôde encontrar, encheu-a, ergueu-a com uma reverência e a sorveu lentamente. “Bah! Isso não está bom”, exclamou, com algum desgosto, enquanto a enchia novamente. “O senhor deveria ter deixado que *eu* escolhesse o Borgonha, e não lhe teriam trazido este troço”.

Afastei-me daquele homem o mais rápido que a civilidade o permitia, e, após vestir meu chapéu, saí sem outra companhia além de minha robusta bengala. Visitei o pátio, e ergui os olhos para as janelas dos aposentos da Condessa. Elas estavam fechadas, e eu sequer tinha o desprezível consolo de contemplar a luz sob a qual aquela bela dama

estava, naquele momento, escrevendo, lendo, ou então sentada, pensando em... alguém.

Suporte aquela séria privação o tanto quanto pude, e fui fazer um pequeno passeio pela cidade. Não vos entediarei com os efeitos do luar, nem com os resmungos de um homem que se apaixonou à primeira vista por um belo rosto. Basta dizer que minha caminhada levou cerca de meia hora, e que, ao retornar por um leve *détour*<sup>[29]</sup>, encontrei-me numa pequena praça, com duas altas casas de beiral triangular de cada lado, e uma rude estátua de pedra, desgastada por séculos de chuva, sobre um pedestal no centro da pavimentação. Contemplando a estátua, lá estava um homem magro e um tanto alto, o qual instantaneamente identifiquei como o Marquês d'Harmonville: ele não tardou a me reconhecer. Deu um passo na minha direção, deu de ombros e riu:

“O senhor deve estar surpreso por encontrar *Monsieur* Droquille contemplando uma velha figura de pedra ao luar. Qualquer coisa para passar o tempo. O senhor, como posso ver, sofre de *ennui*<sup>[30]</sup>, assim como eu. Estas pequenas cidades provinciais! Meu Deus! Como é difícil viver nelas! Se eu pudesse me arrepender de ter formado na juventude uma amizade que muito me honra, acredito que seria por condenar-me a uma estadia num lugar que me obriga a adotar tal atitude. Suponho que o senhor se dirigirá a Paris pela manhã, não?”

“Reservei cavalos”.

“Quanto a mim, espero por uma carta, ou a chegada de alguém; tanto uma coisa como a outra me emancipariam; não posso, porém, dizer quando qualquer uma delas ocorrerá”.

“Posso ser-lhe de alguma ajuda neste assunto?”, perguntei.

“Fico imensamente agradecido, *Monsieur*, mas nenhuma. Não, esta é uma peça em que cada *rôle*<sup>[31]</sup> já se encontra distribuído. Sou apenas um

amador, induzido unicamente por amizade a desempenhar um papel nesta trama”.

Assim, ele continuou a falar por algum tempo, enquanto caminhávamos lentamente na direção da Belle Étoile; então, fez-se silêncio, o qual quebrei perguntando-lhe se sabia alguma coisa a respeito do Coronel Gaillarde.

“Ah, sim, certamente! É um pouco louco; teve alguns ferimentos graves na cabeça. Costumava infernizar até a morte o pessoal no Gabinete de Guerra. Ele sempre está sofrendo algum delírio. Arrumaram-lhe um emprego; não era regimental, é claro, mas, naquela campanha, Napoleão, que não podia poupar ninguém, o colocou no comando de um regimento. Ele sempre foi um lutador impetuoso, e homens dessa estirpe eram mais do que nunca necessários”.

Há, ou havia, uma segunda estalagem naquela cidade, chamada L'Écu de France. Diante da entrada desta, o Marquês se deteve, desejou-me um misterioso boa noite, e desapareceu.

Enquanto eu rumava lentamente para minha estalagem, deparei-me, à sombra de uma fileira de álamos, com o *garçon* que há pouco me trouxera o Borgonha. Eu pensava no Coronel Gaillarde, e detive o pequeno criado quando passou por mim.

“Disseste, acredito, que o Coronel Gaillarde certa vez se hospedou na Belle Étoile por uma semana”.

“Sim, *Monsieur*”.

“Estaria ele em sã consciência?”

O garçom me olhou fixamente. “Perfeitamente, *Monsieur*”.

“Suspeitou-se, em algum momento, que ele teria perdido a sanidade?”

“Jamais, *Monsieur*; ele é um tanto ruidoso, mas é um homem muito sagaz”.

“O que devo pensar disso?”, murmurei, enquanto me afastava.

Não tardei a avistar as luzes da Belle Étoile. Uma carruagem, com quatro cavalos, estava parada sob o luar, em frente à porta, e uma furiosa alteração se desenrolava no saguão, onde os gritos do Coronel Gaillarde superavam todos os demais sons.

A maioria dos jovens gosta de, pelo menos, testemunhar uma querela. Mas, intuitivamente, senti que aquilo me interessaria de maneira muito especial. Após correr, quando muito, cinquenta jardas<sup>[32]</sup>, encontrei-me no saguão da velha estalagem. O principal ator daquela estranha cena era, com efeito, o Coronel, que encarava fixamente o velho Conde de Saint-Alyre, enquanto este, em seu traje de viagem, com seu cachecol de seda preta cobrindo-lhe a parte inferior do rosto, o confrontava; ele claramente havia sido interrompido numa tentativa de alcançar sua carruagem. Um pouco atrás do Conde estava a Condessa, ela também em trajes de viagem, com seu denso véu preto sobre o rosto, segurando com seus delicados dedos uma rosa branca. Não se pode conceber uma efígie mais diabólica de ódio e de fúria do que o Coronel; as veias emaranhadas saltavam em sua testa; seus olhos pulavam para fora de suas órbitas; ele rangia os dentes, e espuma lhe cobria os lábios. Com a espada empunhada, ele acompanhava suas ruidosas denúncias com batidas de pé sobre o chão e golpes de sua arma no ar.

O anfitrião da Belle Étoile procurava acalmar o Coronel, mas suas palavras eram sumariamente repelidas. Ao fundo, dois criados, pálidos de medo, assistiam passivamente à cena. O Coronel urrava, esbravejava, e girava sua espada. “Eu não tive certeza quando vi vossas aves de rapina; não podia acreditar que teríeis a audácia de viajar por grandes estradas,

pousar em honestas estalagens, e dormir sob o mesmo teto que homens honestos. Vós! *Vós dois...* vampiros, lobos, espíritos malignos! Convoquem os *gendarmes*! Por São Pedro e todos os diabos, se um de vós tentar sair por aquela porta, deceparei vossas cabeças”.

Por um momento, fiquei horrorizado. Ali estava uma situação e tanto! Caminhei até a dama; ela descontroladamente colocou sua mão sobre o meu braço. “Ó, *Monsieur!*”, sussurrou, com grande agitação, “que homem terrível! O que faremos? Ele não nos deixa passar; ele matará meu marido”.

“Não tema nada, *Madame*”, respondi, com romântica devoção, e, intercalando-me entre o Conde e Gaillarde, enquanto este último vociferava suas invectivas, bradei: “Morda sua língua, e saia do caminho, rufião, tirano, covarde!”

A dama deixou escapar um tênue grito, o que mais do que recompensou o risco que corri, pois a espada do frenético soldado, após um momento de estupefação, relampejou pelo ar no intuito de cortar-me ao meio.



## Capítulo VII - A rosa branca

Fui demasiado veloz para o Coronel Gaillarde. Enquanto ele erguia sua espada, indiferente a quaisquer consequências além de minha condigna punição, e absolutamente decidido a rasgar-me até os dentes, acertei-o na lateral de sua cabeça com minha pesada bengala; e, enquanto ele cambaleava para trás, desferi um novo golpe, praticamente no mesmo lugar, projetando-o ao chão, onde permaneceu estirado, como se morto estivesse.

Se estava vivo ou não, isso não me importava mais do que os botões regimentais de seu casaco; eu me encontrava, naquele momento, arrastado por um tumulto de encantadoras e diabólicas emoções!

Quebrei sua espada com o pé, e espalhei os pedaços pela rua. O velho Conde de Saint-Alyre, sem olhar para os lados e sem agradecer ninguém, saltitou pelo saguão, atravessou a porta, desceu os degraus, e entrou em sua carruagem. Instantaneamente, vi-me ao lado da bela Condessa, reduzida, destarte, a conduzir-se a si mesma; ofereci meu braço, que ela aceitou, e a acompanhei até a carruagem. Logo que entrou, fechei a porta. Tudo sem que uma só palavra fosse proferida.

Eu estava prestes a perguntar se havia algum encargo com o qual ela pudesse me honrar – minha mão estava amparada na borda inferior da janela aberta.

A mão da dama estava tímida e excitadamente deitada sobre a minha. Seus lábios quase tocaram minha face quando ela apressadamente sussurrou:

“É possível que jamais tornemos a nos ver. Ó, que eu possa um dia esquecê-lo! Vá... Adeus... Por Deus, vá!”

Apertei sua mão por um instante. Ela a retirou, mas tremulamente introduziu na minha a rosa que mantivera entre seus dedos durante a agitada cena que acabara de vivenciar.

Tudo isso aconteceu enquanto o Conde comandava, persuadia e maldizia seus criados, vacilantes e ausentes durante a crise, como minha consciência mais tarde insinuou, em razão de meu astuto estratagema. Agora, eles assumiam os seus lugares com a agilidade que a apreensão confere aos homens. Os chicotes dos cocheiros ressoaram, os cavalos dispararam, e, assim, sob a luz do luar, a carruagem, com sua preciosa carga, seguiu pela pitoresca rua principal, com destino a Paris.

Permaneci inerte sobre a calçada, até que o veículo estivesse fora do alcance de meus olhos e ouvidos.

Com um profundo suspiro, virei-me, com minha rosa branca guardada em meu lenço – o pequeno *gage*<sup>[33]</sup> de despedida, o “favor secreto, doce e precioso”<sup>[34]</sup> que nenhum olho mortal além dos seus e dos meus viram ser entregue.

O proprietário da Belle Étoile e seus assistentes haviam parcialmente erguido contra o muro o herói ferido de cem combates; apoiaram-no, em cada lado, em malas e travesseiros, e despejaram um copo de conhaque – devidamente registrado em sua conta – em sua grande boca, a qual, pela primeira vez, recusou-se a engolir semelhante dádiva.

Um cirurgião militar de uns sessenta anos, pequeno, calvo e usando óculos, que amputara oitenta e sete pernas e braços após a batalha de

Eylau, tendo posteriormente retornado, com sua espada e seu serrote, seus louros e seus curativos, para aquela que era sua cidade natal, foi chamado, e logo diagnosticou que o crânio do valente Coronel estava fraturado; em todo caso, havia uma concussão na sede do pensamento, o que renderia aos seus notáveis poderes de autocura trabalho suficiente para mantê-lo ocupado por uma quinzena.

Comecei a sentir-me um pouco inquieto. Seria uma desagradável surpresa se minha excursão, na qual eu pretendia quebrar bancas e corações, e, como podeis ver, cabeças, acabasse na forca ou na guilhotina. Não estava claro, naqueles tempos de instabilidade política, qual era a aparelhagem adotada para as execuções.

Roncando furiosamente, o Coronel foi transferido para o seu quarto.

Encontrei meu anfitrião na sala em que jantáramos. Sempre que se emprega algum tipo de força, para defender um ponto de real importância, devem-se rejeitar todos os respeitáveis cálculos de economia. Melhor estar cem por cento acima do mínimo necessário do que uma fração de unidade abaixo dele. É o que instintivamente senti.

Pedi uma garrafa do melhor vinho de meu senhorio; fiz com que ele o partilhasse comigo, na proporção de dois copos para um; e disse-lhe então que ele não devia recusar um módico *souvenir* de um hóspede que ficara tão encantado com tudo o que tinha visto na renomada Belle Étoile. Assim sendo, coloquei trinta e cinco napoleões em sua mão: ao tocá-los, seu semblante, até então absolutamente não encorajador, se tornou radiante, seus modos se abrandaram, e estava claro, enquanto ele despejava apressadamente as moedas em seu bolso, que relações benevolentes haviam sido estabelecidas entre nós.

Imediatamente, acomodei a cabeça fissurada do Coronel sobre o *tapis*<sup>[35]</sup>. Ambos concordamos que, se eu não lhe tivesse desferido uma

pancada bastante sensata com minha bengala, ele teria decapitado metade dos hóspedes da Belle Étoile. Não havia um empregado na casa que não confirmasse, sob juramento, tal declaração.

Pode o leitor supor que eu tivesse outros motivos, além do desejo de escapar à embaraçosa inquisição da lei, para desejar retomar minha jornada a Paris com a menor demora possível. Julgai com que horror descobri que, por alguma razão qualquer, não se podiam encontrar cavalos naquela noite. O último par restante na cidade fora reservado no Écu de France, por um cavalheiro que almoçara e jantara na Belle Étoile, e que devia necessariamente dirigir-se a Paris naquela noite.

Quem era o cavalheiro? Já teria ele partido? Poderia ele ser eventualmente convencido a aguardar até a manhã?

O cavalheiro se encontrava agora no andar de cima aprontando suas coisas, e seu nome era *Monsieur* Droqville.

Subi correndo pelas escadas. Encontrei meu criado Saint-Clair em meu quarto. Ao vê-lo, meus pensamentos se desviaram para outra questão.

“Então, Saint-Clair, diz-me imediatamente quem é a dama?”, exigi.

“A dama é filha ou esposa, não importa qual, do Conde de Saint-Alyre – o velho cavalheiro que, segundo fui informado, esteve tão perto de ser fatiado como um pepino, esta noite, pela espada do general que *Monsieur*, por um golpe do destino, mandou para a cama com apoplexia”.

“Morde tua língua, tolo! O homem está bestialmente bêbado... ele está emburrado... poderia falar se quisesse... quem se importa? Faz as minhas malas. Quais são os aposentos de *Monsieur* Droqville?”

Ele sabia, é claro; ele sempre sabia de tudo.

Meia hora mais tarde, *Monsieur* Droqville e eu viajavamos em direção a Paris, em minha carruagem e com seus cavalos. Depois de algum

tempo, arrisquei-me a perguntar ao Marquês d'Harmonville se a dama que acompanhava o Conde era de fato a Condessa. “Não teria ele uma filha?”

“Sim; uma jovem dama muito bela e encantadora, acredito... Não sei dizer... Pode ser que fosse ela, sua filha de um primeiro casamento. Vi apenas o Conde hoje”.

O Marquês se sentia cada vez mais sonolento, e, pouco tempo depois, ele de fato adormeceu em seu canto. Esmoreci e cochilei; mas o Marquês dormia como uma pedra. Despertou apenas por um minuto ou dois na parada seguinte, onde ele felizmente reservara cavalos, segundo me contou, por intermédio de seu criado.

“O senhor me perdoará por mostrar-me uma companhia tão tediosa”, ele disse, “mas, até hoje à noite, não tive mais do que duas horas de sono, em mais de sessenta horas. Tomarei uma xícara de café aqui; já tirei minha soneca. Permita recomendar-lhe que faça o mesmo. O café deste lugar é realmente excelente”. Pediu duas xícaras de *café noir*<sup>[36]</sup>, e aguardou, com a cabeça para fora da janela. “Guardaremos as xícaras”, ele disse, ao recebê-las do atendente, “e a bandeja. Obrigado”.

Houve alguma demora enquanto ele pagava por essas coisas; então, pegou a pequena bandeja, e ofereceu-me uma xícara de café.

Recusei a bandeja, de modo que ele a colocou sobre os próprios joelhos, para que funcionasse como uma mesa em miniatura.

“Não posso suportar ser aguardado e apressado”, ele disse, “gosto de apreciar meu café com tranquilidade”.

Concordei. Aquilo realmente *era* a própria perfeição do café.

“Eu, assim como o Marquês, dormi muito pouco nas duas ou três noites passadas, e encontro dificuldade para manter-me acordado. Este café fará maravilhas por mim; é tão revigorante”.

Antes que tivéssemos terminado, a carruagem voltara a se movimentar.

Por algum tempo, nosso café nos tornou tagarelas, e nossa conversa se manteve animada.

O Marquês era extremamente amigável, assim como inteligente, e me ofereceu um brilhante e divertido relato da vida parisiense, seus ardis e perigos, no intuito de proporcionar-me os mais valiosos avisos práticos.

A despeito das divertidas e curiosas histórias que o Marquês relatava com tamanha precisão e vivacidade, voltei a sentir-me gradualmente sonolento e distraído.

Por certo, ao percebê-lo, o Marquês gentilmente permitiu que nossa conversa desse, aos poucos, lugar ao silêncio. A janela ao seu lado estava aberta. Jogou sua xícara através dela, e fez o mesmo com a minha; por fim, a pequena bandeja teve o mesmo destino, e pude ouvi-la retinindo na estrada: um valioso achado, certamente, para algum modesto e madrugador andarilho!

Encostei-me em meu canto; eu mantinha meu amado *souvenir* – minha rosa branca – perto de meu coração, guardada, agora, em papel branco. Ela inspirava toda espécie de sonho romântico. Comecei a sentir-me cada vez mais sonolento. Mas o verdadeiro sono não veio. Em meu canto, eu ainda enxergava, com os olhos parcialmente fechados e de soslaio, o interior da carruagem.

Eu ansiava por dormir; mas a barreira entre manter-me acordado e adormecer parecia absolutamente intransponível; em vez disso, entrei num estado de inusitada e indescritível indolência.

O Marquês apanhou sua maleta que estava no chão, colocou-a sob os joelhos, destravou-a, e retirou uma lanterna, a qual ele pendurou, com dois ganchos a ela anexados, na janela do lado oposto. Acendeu-a com um

fósforo, colocou os óculos e, após tirar um maço de cartas, pôs-se a lê-las cuidadosamente.

Avançávamos muito lentamente. Antes daquela noite, minha impaciência me fizera empregar quatro cavalos entre uma parada e outra. Naquela emergência, porém, estávamos bastante felizes por podermos contar com dois animais. Isto posto, a diferença de velocidade era deprimente.

Cansei-me da monotonia de ver o Marquês, de óculos, lendo, dobrando e anotando carta após carta. Eu desejava livrar-me da imagem que me enfastiava, mas algo me impedia de fechar os olhos. Tentei, uma vez após a outra, mas, definitivamente, eu perdera o poder de os fechar.

Eu teria tapado meus olhos, mas não conseguia movimentar a mão; minha vontade não mais agia sobre o meu corpo – descobri que era incapaz de mover uma junta ou um músculo, tanto quanto o era de derrubar, pelo mero esforço de minha vontade, a carruagem.

Antes daquele momento, eu não havia experimentado nenhum sentimento de horror. Fosse o que fosse aquilo, não se tratava de um simples pesadelo. Fiquei terrivelmente apavorado! Seria aquilo um surto?

Era horrível ver meu amigável companheiro prosseguir tão serenamente sua ocupação, quando ele poderia ter dissipado meus horrores com uma simples sacudida.

Fiz um estupendo esforço para chamá-lo, mas em vão; repeti a tentativa por diversas vezes, sem resultado.

Meu companheiro agora amarrava suas cartas num maço, e olhava pela janela, cantarolando uma melodia de ópera. Recuou sua cabeça, e disse, virando-se para mim:

“Sim, vejo as luzes; devemos chegar em dois ou três minutos”.

Olhou-me mais de perto e, com uma espécie de sorriso e uma pequena encolhida de ombros, disse: “Pobre criança! Como devia estar cansado... Como dorme profundamente! Quando a carruagem parar, ele despertará”.

Em seguida, guardou suas cartas na maleta, trancou-a, pôs os óculos em seu bolso, e olhou novamente pela janela.

Chegáramos a uma pequena cidade. Suponho que, àquela altura, passava das duas horas da madrugada. A carruagem parou, vi a porta de uma estalagem aberta, deixando escapar alguma luz.

“Chegamos!”, disse meu companheiro, virando-se alegremente para mim. Entretanto, não despertei.

“Sim, como devia estar cansado!”, exclamou, após ter aguardado uma resposta. Meu criado, que se encontrava do lado de fora da carruagem, abriu a porta.

“Seu senhor dorme profundamente, está tão fatigado! Seria cruel perturbá-lo. Nós dois entraremos, enquanto os cavalos forem trocados, e tomaremos algum refresco; escolheremos algo que *Monsieur* Beckett gostaria de trazer para a carruagem, pois quando vier a despertar, ele certamente terá fome”.

Ele diminuiu a luz da lanterna, e introduziu algum óleo; então, tomando cuidado para não me perturbar, com outro sorriso amável e uma nova palavra de cautela ao meu criado, ele saiu; pude ouvi-lo conversar com Saint-Clair, enquanto passavam pela porta da estalagem e eu permanecia em meu canto, na carruagem, naquele mesmo estado.



## Capítulo VIII - Uma visita de três minutos

Sofri extremas e prolongadas dores corporais em diferentes períodos de minha vida, mas, graças a Deus, jamais tive de suportar semelhante desgraça antes ou depois daquela ocasião. Honestamente, espero que ela não se assemelhe a nenhum tipo de morte a que estejamos expostos. Eu era, com efeito, um espírito aprisionado; e era revoltante a minha silenciosa e inerte agonia.

A capacidade de pensar permanecia clara e ativa. Um pálido terror tomou conta de minha mente. Como aquilo iria acabar? Seria aquela realmente a minha morte?

O leitor entenderá que minha faculdade de observar se encontrava desimpedida. Eu podia ouvir e ver tudo tão distintamente como o fiz em toda a minha vida. Simplesmente, minha vontade perdera, por assim dizer, o controle sobre o meu corpo.

Eu disse que o Marquês d'Harmonville não apagara a lanterna de sua carruagem antes de entrar na estalagem da aldeia. Eu escutava atentamente, ansiando por seu retorno, o qual poderia, por algum venturoso acidente, despertar-me de minha catalepsia.

Sem que qualquer som de passos anunciasse uma chegada, a porta da carruagem subitamente se abriu, e um completo estranho silenciosamente entrou e fechou a porta.

A lanterna me proporcionava uma luz tão forte quanto a de uma vela de cera, de modo que eu podia perfeitamente ver o intruso. Era um homem jovem, vestindo um largo sobretudo cinza escuro, dotado de uma espécie de capuz, que cobria sua cabeça. Enquanto ele se movia, pensei ter visto, por baixo, a faixa dourada de um barrete militar; e certamente vi a fita e os botões de um uniforme nos punhos do casaco, os quais eram visíveis sob as largas mangas de seu invólucro externo.

O jovem tinha um bigode espesso e uma barbicha, e observei que uma cicatriz vermelha partia de seu lábio e lhe atravessava a bochecha.

Após entrar e fechar suavemente a porta, sentou-se ao meu lado. Tudo se fizera num instante; inclinando-se na minha direção, e dissimulando os olhos com sua mão enluvada, ele examinou atentamente meu rosto por alguns segundos.

Aquele homem entrara tão silenciosamente quanto um fantasma; e tudo o que fez foi realizado com uma rapidez e uma determinação que indicavam um plano bem delineado e pré-arranjado. Seus desígnios eram claramente sinistros. Pensei que iria roubar-me e, talvez, assassinar-me. Não obstante, permaneci inerte como um cadáver entre suas mãos. Ele inseriu seus dedos em meu bolso peitoral, do qual extraiu minha preciosa rosa branca e todas as cartas que ele continha, entre as quais estava um documento de alguma importância para mim.

Olhou de relance para as minhas cartas. Claramente, não eram o que ele queria. Também minha preciosa rosa foi deixada de lado. Era evidentemente o documento que mencionei que lhe interessava; pois, assim que o abriu, passou a fazer com um lápis rápidas anotações num caderninho.

Aquele homem parecia executar suavemente sua tarefa com uma silenciosa e tranquila celeridade que sugeria, pensei, o treinamento do

departamento de polícia.

Ele rearranjou os papéis, possivelmente na mesma ordem em que os encontrara, recolocou-os em meu bolso peitoral, e saiu.

Sua visita, acredito, não chegou a durar três minutos. Logo após seu desaparecimento, tornei a ouvir a voz do Marquês. Ele entrou, e o vi olhar-me e sorrir, quase invejando, imaginei, meu profundo repouso. Ah, se ele soubesse de tudo!

Ele retomou sua leitura e suas anotações sob a luz da pequena lanterna que acabara de servir aos propósitos de um espião.

Estávamos agora fora da cidade, prosseguindo nossa jornada no mesmo passo moderado. O cenário de minha visita policial, como eu a devia ter designado, se encontrava agora duas léguas<sup>[37]</sup> atrás de nós, quando subitamente senti uma estranha palpitação num dos ouvidos, e a sensação de que o ar estaria passando através dele para dentro de minha garganta. Era como se uma bolha de ar, formada nas profundezas de meu ouvido, inchasse e explodisse ali mesmo. A indescritível tensão de meu cérebro pareceu, num único instante, ceder; havia um estranho zumbido em minha cabeça, e uma espécie de vibração através de cada nervo de meu corpo, como aquela que se sente quando um membro está, segundo a fraseologia popular, dormente. Soltei um grito e me ergui parcialmente, antes de cair para trás, trêmulo e com uma sensação de mortal fragilidade.

O Marquês me olhou fixamente, tomou minha mão, e sinceramente me perguntou se eu estava doente. Eu não consegui responder senão com um profundo grunhido.

Gradualmente, o processo de restabelecimento se completou; e eu me vi capaz, ainda que muito fragilmente, de contar-lhe o quão doente estivera, e, em seguida, de lhe descrever a violação de minhas cartas, durante sua ausência da carruagem.

“Por Deus!”, exclamou. “Teria o meliante tocado em minha maleta?”

Pude tranquilizá-lo, nos limites do que eu pudera observar, quanto a este ponto. Ele instalou a maleta no assento ao seu lado, abriu-a e examinou muito minuciosamente o seu conteúdo.

“Sim, intacta; tudo está a salvo, graças a Deus!”, murmurou. “Há meia dúzia de cartas aqui que eu não permitiria a algumas pessoas ler nem por uma vultosa quantia”.

Perguntou-me então, com uma amabilíssima ansiedade, tudo sobre a enfermidade a respeito da qual eu reclamara. Após ouvir-me, disse:

“Um amigo meu certa vez teve um ataque muito semelhante ao seu. A cena ocorreu a bordo de um navio, e sucedeu a um estado de alta excitação. Era um bravo homem, como o senhor; e fora solicitado a subitamente exercer tanto sua força como sua coragem. Uma hora ou duas depois, o cansaço o sobrepujou, e ele pareceu cair num sono profundo. Realmente afundou num estado que ele mais tarde descreveria de tal forma que penso dever tratar-se precisamente da mesma afecção que a sua”.

“Fico feliz em pensar que meu ataque não foi o único. Por acaso, ele teria sofrido uma reincidência?”

“Frequentei-o por anos depois daquilo, e jamais ouvi falar de tal coisa. O que me espanta é o paralelo nas causas predisponentes de cada ataque. O seu inesperado e valente embate, em tão desesperada desvantagem, contra um experiente espadachim, como aquele insano coronel de dragões<sup>[38]</sup>, sua fadiga e, finalmente, a exemplo de meu outro amigo, seu gradual adormecimento”.

“Eu gostaria”, ele prosseguiu, “que alguém pudesse descobrir quem foi o *coquin*<sup>[39]</sup> que examinou suas cartas. Entretanto, não vale a pena

voltar por isso, pois não descobriríamos nada. Essas pessoas sempre agem com grande habilidade. Estou certo, sem embargo, de que deve ter sido um agente da polícia. Um meliante de qualquer outra espécie o teria roubado”.

Doente e exausto, falei muito pouco, mas o Marquês continuava a expressar-se graciosamente.

“Tornamo-nos tão íntimos”, ele disse, por fim, “que devo relembrar que não sou, por enquanto, o Marquês d’Harmonville, mas apenas *Monsieur* Droqville. Não obstante, quando chegarmos a Paris, embora não possa vê-lo com frequência, eu talvez possa ser-lhe útil. Devo perguntar-lhe o nome do hotel em que o senhor pretende pousar; pois estando o Marquês, como o senhor sabe, em viagem, a residência d’Harmonville se encontra, neste momento, ocupada por apenas dois ou três velhos criados, que sequer devem ver *Monsieur* Droqville. Este cavalheiro cuidará, entretanto, de proporcionar-lhe um acesso ao camarote do Marquês na Ópera, assim como, possivelmente, a outros lugares mais restritos; e assim que a tarefa diplomática do Marquês d’Harmonville estiver encerrada, e ele estiver livre para revelar sua identidade, ele não dispensará seu amigo, *Monsieur* Beckett, de cumprir sua promessa de ir visitá-lo, neste outono, no Château d’Harmonville”.

Podeis ter certeza de que agradei ao Marquês.

Quanto mais nos aproximávamos de Paris, maior valor eu dava à sua proteção. O apoio de um grande homem naquele lugar, naquele momento preciso, demonstrando tão amável interesse por um estranho que ele tinha, por assim dizer, confundido com outra pessoa, podia tornar minha visita consideravelmente mais encantadora do que eu antecipara.

Nada poderia ser mais gracioso do que a maneira de ser e a aparência do Marquês; e, enquanto eu continuava a lhe agradecer, a

carruagem subitamente se deteve em frente ao lugar onde uma troca de cavalos nos aguardava, e onde iríamos, afinal, nos separar.

## Capítulo IX - Mexerico e conselho

Minha atribulada jornada finalmente chegara ao seu fim. Sentei-me em frente à janela de meu hotel, olhando para a esplendorosa Paris, a qual tinha, num instante, recuperado toda a sua jovialidade, e mais do que sua costumeira agitação. Todo o mundo leu a respeito da espécie de excitação que seguiu a catástrofe de Napoleão e a segunda restauração dos Bourbons. Não tenho necessidade, portanto – ainda que, com este distanciamento, eu pudesse fazê-lo – de relembrar e descrever minhas experiências e impressões do aspecto peculiar de Paris naqueles tempos estranhos. Era, por certo, minha primeira visita. Mas, por mais que eu a tenha visitado com frequência desde então, não acredito jamais ter visto aquela encantadora capital num estado tão prazerosamente excitado, e excitante.

Havia dois dias que eu estava em Paris; eu visitara todas as espécies de lugares de interesse, e não sofrera nada da grosseria e da insolência de que outros reclamaram por parte de desesperados oficiais do derrotado exército francês.

Devo também confessar outra coisa. Meu romance se apoderara completamente de mim; e a chance de ver o objeto de meu sonho conferiu um secreto e encantador interesse às minhas caminhadas e passeios pelas ruas e redondezas, assim como às minhas visitas às galerias e outros monumentos da metrópole.

Eu não havia visto nem ouvido falar do Conde ou da Condessa; tampouco tinha o Marquês d'Harmonville dado qualquer sinal de vida. Eu já me recuperara completamente da estranha indisposição que sofrera durante minha jornada noturna.

A noite se aproximava, e eu começava a temer que meu nobre amigo se tivesse esquecido de mim, quando um servente veio entregar-me o cartão de “*Monsieur Droqville*”; com grande alvoroço e prontidão, solicitei-lhe que fizesse entrar o cavalheiro.

O Marquês d'Harmonville entrou, amável e gracioso como sempre.

“Atualmente, sou um pássaro noturno”, ele disse, logo após termos proferido as pequenas saudações de praxe. “Mantenho-me à sombra durante o dia, e, mesmo agora, quase não ousei vir numa carruagem fechada. Os amigos para quem assumi uma tarefa um tanto crítica ordenaram que assim fosse. Acreditam que tudo estará perdido se minha presença em Paris for descoberta. Primeiramente, deixe-me presenteá-lo com estas entradas para o meu camarote. Estou tão envergonhado por não poder dar-lhe mais entradas para a próxima quinzena; durante minha ausência, eu instruíra meu secretário a oferecê-las, para quaisquer apresentações, ao primeiro de meus amigos que pudesse se candidatar, e o resultado é que não encontro quase nada à minha disposição”.

Agradei-lhe imensamente.

“E agora algumas palavras na minha condição de mentor. O senhor, é claro, não veio aqui sem cartas de apresentação?”

Apresentei meia dúzia de cartas, cujos endereços ele examinou.

“Esqueça estas cartas”, ele disse. “Eu mesmo apresentarei o senhor. Levá-lo-ei pessoalmente de casa em casa. Um amigo ao seu lado equivale a muitas cartas. Até lá, não crie intimidades, nem faça amizades. Vós, jovens, preferis exaurir os divertimentos públicos de uma grande cidade



antes de embarçar-vos com os compromissos da alta sociedade. Aproveite-os. Isso o ocupará, dia e noite, por, quando menos, três semanas. Quando tal exploração chegar ao fim, estarei livre, e eu mesmo o apresentarei à brilhante, porém comparativamente calma, rotina da elite. Coloque-se em minhas mãos; e em Paris, lembre-se: uma vez na alta sociedade, o senhor sempre a ela pertencerá”.

Agradei-lhe imensamente, e prometi seguir fielmente seus conselhos.

Ele pareceu satisfeito, e disse:

“Apontar-lhe-ei agora alguns dos lugares a que o senhor deve ir. Pegue o seu mapa, e escreva letras ou números sobre os pontos que indicarei, e faremos uma pequena lista. Todos os lugares que mencionarei ao senhor valem a pena ser vistos”.

Daquela maneira metódica, e com uma profusão de divertidas e escandalosas anedotas, ele me forneceu um catálogo e um guia que, para um caçador de novidades e prazeres, era inestimável.

“Numa quinzena, talvez numa semana”, ele disse, “devo estar livre para ser-lhe realmente útil. Enquanto isso, mantenha-se alerta. O senhor não deve jogar; será roubado se o fizer. Lembre-se, o senhor está cercado, aqui, por hábeis trapaceiros e vilões de toda espécie, os quais sobrevivem devorando estranhos. Não confie em ninguém além das pessoas que conhece”.

Agradei-lhe novamente, e prometi beneficiar-me de seus conselhos. Mas meu coração se encontrava demasiadamente dominado pela bela dama da Belle Étoile para permitir que nossa conversa se encerrasse sem qualquer esforço para descobrir algo a seu respeito. Assim, perguntei-lhe sobre o Conde e a Condessa de Saint-Alyre, os quais eu

tivera a felicidade de livrar de uma extremamente desagradável querela no saguão da estalagem.

Infelizmente, ele não os tinha visto desde então. Não sabia onde estavam hospedados. Possuíam uma bela e velha residência a apenas algumas léguas de Paris; mas ele acreditava que provavelmente permaneceriam, ao menos por alguns dias, na cidade, visto que, após tão longa ausência, preparativos seriam, sem dúvida, necessários para sua recepção em seu lar.

“Por quanto tempo estiveram longe de casa?”

“Cerca de oito meses, acredito”.

“Creio tê-lo ouvido dizer que são pobres, não?”.

“O que o *senhor* consideraria pobres. Mas, *Monsieur*, o Conde possui uma renda que lhes proporciona uma vida confortável e até mesmo elegante, vivendo, como fazem, de modo bastante tranquilo e recluso, naquela módica região”.

“Seriam eles então muito felizes?”

“Pode-se dizer que *deveriam* ser felizes”.

“E o que os impede de sê-lo?”

“Ele é ciumento”.

“Mas sua esposa... lhe dá motivos para isso?”

“Temo que ela os dê”.

“Como, *Monsieur*?”

“Sempre pensei que ela era um pouco... que era *demasiado*...”

“Demasiado *o que*, *Monsieur*?”

“Demasiado bela. Mas, embora ela tenha olhos notavelmente bonitos, traços requintados e a mais delicada tez no mundo, acredito que seja uma mulher proba. O senhor jamais a viu?”

“Havia uma dama, abrigada sob um capuz, com um véu bastante denso sobre o rosto, naquela noite no saguão da Belle Étoile, quando rompi a cabeça do sujeito que ameaçava o velho Conde. Mas seu véu era tão espesso que eu não podia ver um único traço através dele!” Minha resposta, como podeis observar, era diplomática. “Ela podia ter sido a filha do Conde. Eles se querelam?”

“Quem, ele e sua esposa?”

“Sim”.

“Um pouco”.

“Ah! E sobre o que se querelam?”

“É uma longa história; sobre os diamantes da dama. São valiosos... valem, segundo La Perelleuse, cerca de um milhão de francos. O Conde desejaria que fossem vendidos e convertidos em renda, a qual ele propõe que seja definida de acordo com a vontade dela. A Condessa, a quem eles pertencem, resiste, e por uma razão, acredito, que ela não lhe pode revelar”.

“E posso perguntar qual seria?”, indaguei, com a curiosidade consideravelmente aguçada.

“Ela pensa, imagino, em como ficará bela com as joias quando desposar seu segundo marido”.

“Ah?... Sim, por certo. Mas o Conde de Saint-Alyre é um bom homem?”

“Admirável, e extremamente inteligente”.

“Eu gostaria muito de ser apresentado ao Conde: o senhor me diz que ele é tão...”

“Tão agradavelmente casado. Mas eles vivem completamente fora da sociedade. De quando em quando, ele a leva à Ópera, ou a algum divertimento público; mas isso é tudo”.

“E ele deve lembrar de tantas coisas do Antigo Regime, e de muitas das cenas da Revolução!”

“Sim, ele é o homem certo para um filósofo, como o senhor! E ele cai no sono após o jantar; e sua esposa não. Mas, falando seriamente, ele se retirou da alta e alegre sociedade, e se tornou apático; e o mesmo aconteceu com sua esposa; nada parece interessá-la hoje, nem mesmo... seu marido!”

O Marquês se levantou para anunciar sua partida.

“Não arrisque o seu dinheiro”, ele disse. “Logo, o senhor terá uma oportunidade de desembolsar algum de maneira muito vantajosa. Diversas coleções de ótimos quadros, pertencentes a pessoas que se envolveram nessa restauração bonapartista, devem, dentro de algumas semanas, vir a leilão. O senhor poderá fazer maravilhas quando tais vendas começarem. Haverá surpreendentes pechinchas! Reserve-se para elas. Informar-lhe-ei tudo a respeito. A propósito”, ele disse, detendo-se ao aproximar-se da porta, “eu já ia me esquecendo. Deve ocorrer na semana que vem a coisa que mais deverá lhe agradar, pois tão pouco se vê disso na Inglaterra... Falo de um *bal masqué*<sup>[40]</sup>, que terá, segundo se diz, um esplendor ainda maior do que o habitual. Ele acontecerá em Versalhes... o mundo inteiro estará lá; há uma enorme procura por entradas! Mas acredito que posso prometer-lhe uma. Boa noite! *Adieu!*”

## Capítulo X - O véu negro

Falando fluentemente a língua local, e dotado de ilimitados recursos financeiros, não havia nada que pudesse impedir-me de aproveitar tudo o que era aproveitável na capital francesa. Podeis facilmente supor como transcorreram dois dias. Ao término desse período, e praticamente no mesmo horário, *Monsieur* Droqville veio novamente me visitar.

Cortês, amável e alegre como de costume, contou-me que o baile de máscaras estava marcado para a próxima quarta-feira, e que solicitara um convite para mim.

Que terrível infelicidade! Disse-lhe que temia não poder comparecer.

Olhou-me fixa e silenciosamente por um momento, com um olhar desconfiado e ameaçador, o qual não entendi, e então indagou, um tanto rispidamente:

“E *Monsieur* Beckett teria a bondade de dizer-me por que não?”

Eu estava um pouco surpreso, mas respondi a simples verdade: eu assumira um compromisso para a noite em questão, com dois ou três amigos ingleses, e não via como poderia estar presente.

“Mas é claro! Vós, ingleses, onde quer que estejais, sempre procurais vossos labregos ingleses, vossa cerveja e ‘*bifstek*’<sup>[41]</sup>; e quando vindes aqui, em vez de procurar aprender algo a respeito do povo que

visitais e fingis estudar, ficais embebedando-vos, praguejando e fumando uns com os outros, e não vos tornais mais sábios ou mais polidos ao término de vossas viagens do que se tivésseis passado todo esse tempo embriagando-vos numa taverna em Greenwich”.

Riu sarcasticamente, e seu semblante fazia pensar que poderia ter me envenenado.

“Aqui está”, ele disse, atirando o convite sobre a mesa. “Aceite-o ou não, como quiser. Suponho que enfrentarei dificuldades pelos esforços que empreendi; mas não é comum que um homem como eu enfrente dificuldades, peça um favor e garanta um privilégio para um conhecido, e seja assim tratado”.

Aquilo era de uma espantosa impertinência!

Eu estava chocado, ofendido, penitente. Talvez eu tivesse cometido, inadvertidamente, uma quebra de decoro, de acordo com as ideias francesas, o que quase justificava a brusca severidade da indignada repreensão do Marquês.

Assim, numa confusão de diversos sentimentos, apressei-me em apresentar minhas desculpas, e em acalmar o amigo fortuito que demonstrara por mim tão desinteressada gentileza.

Disse-lhe que eu romperia, fosse qual fosse o custo, o compromisso no qual infelizmente me enredara; que eu falara de modo pouco refletido, e que certamente não lhe agradecera de maneira inteiramente proporcional à sua gentileza e à minha real estima por esta última.

“Peço-lhe que não diga mais nenhuma palavra”, ele disse; “minha vexação se devia inteiramente ao senhor; e eu a expressei, estou perfeitamente consciente disto, em termos demasiado fortes, mas que sua amabilidade certamente perdoará. Aqueles que me conhecem um pouco melhor estão cientes de que, por vezes, digo muito mais do que pretendo; e

sempre lamento quando o faço. *Monsieur* Beckett se esquecerá de que seu velho amigo *Monsieur* Droqville perdeu momentaneamente a calma por sua causa, e... somos tão amigos agora quanto éramos antes”.

Sorriu como o *Monsieur* Droqville da Belle Étoile, e estendeu-me sua mão, a qual apertei muito respeitosa e cordialmente.

Nossa querela momentânea apenas fizera de nós amigos mais próximos.

O Marquês me recomendou então que eu procurasse um leito em algum hotel em Versalhes, pois haveria rebuliço para reservá-los; e aconselhou-me a ir até o local na manhã seguinte com esse propósito.

Reservei, nesse intuito, cavalos para as onze horas; e, após estender um pouco mais a conversa, o Marquês d’Harmonville me desejou boa noite, desceu apressadamente as escadas, cobrindo a boca e o nariz com seu lenço, e, como pude ver de minha janela, saltou para dentro de sua carruagem fechada e partiu.

No dia seguinte, eu estava em Versalhes. Ao aproximar-me da porta do Hôtel de France, estava claro que eu não chegara cedo demais, se é que, na verdade, já não estava um tanto atrasado.

A massa de carruagens estava enfileirada diante da entrada, de sorte que eu não tinha nenhuma chance de aproximar-me senão desembarcando e embrenhando-me entre os cavalos. O saguão estava repleto de criados e cavalheiros gritando com o proprietário, o qual, num estado de polida distração, lhes assegurava, a todos eles, que não havia nenhum quarto ou aposento livre em toda a casa.

Saí novamente, deixando o saguão àqueles que gritavam, protestavam e bajulavam, na ilusão de que o anfitrião pudesse, caso fosse de seu agrado, encontrar algo para eles. Subi em minha carruagem e parti, tão rápido quanto meus cavalos o podiam suportar, rumo ao Hôtel du

Réservoir. O bloqueio em torno da porta deste último era tão completo quanto no primeiro caso. O resultado foi o mesmo. Aquilo era muito irritante, mas o que se podia fazer? Enquanto eu estava no saguão conversando com as autoridades do hotel, meu cocheiro havia, de maneira um tanto intrusiva, levado seus cavalos, pouco a pouco, à medida que as demais carruagens se afastavam, até os degraus da entrada da estalagem.

Tal arranjo era muito conveniente no que dizia respeito a entrar novamente na carruagem. Mas, uma vez cumprida essa etapa, como prosseguir? Havia carruagens na frente, e carruagens atrás, e não menos de quatro fileiras de carruagens, de todas as espécies, no lado de fora.

Eu tinha então uma vista ampla e nítida, e se eu me mostrara impaciente até aquele momento, podeis adivinhar quais foram meus sentimentos quando vi uma carruagem aberta passar ao longo da estreita faixa de estrada deixada livre no outro lado: uma caleche no qual tive a certeza de reconhecer a Condessa velada e seu marido. Aquela carruagem havia sido precedida por uma carroça que ocupava toda a largura da estreita passagem, e que se movia com a costumeira morosidade de tais veículos.

Teria sido mais sensato de minha parte saltar sobre o *trottoir*<sup>[42]</sup>, e contornar o bloco de carruagens que estava à frente da caleche. Mas, infelizmente, eu era mais um Murat do que um Moltke<sup>[43]</sup>, e preferi um ataque direto ao meu objeto a recorrer a uma *tactique*<sup>[44]</sup>. Lancei-me, não sei como, através do banco traseiro da carruagem que estava ao lado da minha; atravessei uma espécie de charrete, na qual um velho cavalheiro e um cão cochilavam; passei com incoerentes desculpas por cima da lateral de uma carruagem aberta, na qual estavam quatro cavalheiros envolvidos numa ardente disputa; tropecei no lado oculto ao sair, e caí sobre as costas



de um par de cavalos, os quais instantaneamente arrancaram e me projetaram de cabeça no pó.

Àqueles que observavam minha imprudente investida, sem conhecer meu intuito secreto, devo ter parecido demente. Felizmente, a interessante caleche passara antes da catástrofe, e coberto de pó como eu estava, com o chapéu afundado na cabeça, podeis ter certeza de que eu não fazia questão de apresentar-me ante o objeto de minha quixotesca devoção.

Permaneci parado por algum tempo sob uma tempestade de injúrias, desagradavelmente temperada de risos; então, em meio a estes últimos, enquanto me esforçava para sacudir a poeira de minhas roupas com meu lenço, ouvi uma voz que me era familiar: “*Monsieur Beckett*”.

Olhei, e vi o Marquês espiando pela janela de uma carruagem. Era uma visão bem-vinda. Num instante, encontrei-me ao lado de seu veículo.

“Seria melhor que o senhor deixasse Versalhes”, ele disse; “o senhor certamente descobriu que não há uma única cama disponível em qualquer um dos hotéis; e posso acrescentar que não há nenhum quarto para alugar em toda a cidade. Mas consegui algo para o senhor que será perfeitamente adequado. Diga ao seu criado para nos seguir; em seguida, entre aqui e sente-se ao meu lado”.

Felizmente, uma abertura se fez entre as estreitamente dispostas carruagens, permitindo que a minha se aproximasse.

Instruí o criado a nos seguir; e tendo o Marquês dirigido algumas palavras a seu condutor, vimo-nos imediatamente em movimento.

“Levá-lo-ei a um lugar confortável, cuja mera existência não é conhecida senão de poucos parisienses, e onde, sabendo como estavam as coisas aqui, reservei-lhe um quarto. Situando-se a apenas uma milha de distância<sup>[45]</sup>, trata-se de uma velha e confortável estalagem, chamada Le

Dragon Volant<sup>[46]</sup>. O senhor pode considerar-se afortunado por ter meu fastidioso negócio me levado para tal lugar tão cedo”.

Creio que percorrêramos cerca de uma milha e meia<sup>[47]</sup> até o lado mais distante do palácio quando nos encontramos numa velha e estreita estrada, com os bosques de Versalhes de um lado, e, de outro, árvores muito mais antigas, de dimensões raramente vistas na França.

Paramos diante de uma antiga e sólida estalagem, construída em pedra de Caen, num estilo mais rico e florido do que o habitual em semelhantes casas, e que indicava que ela havia sido originalmente concebida como mansão privada de alguma pessoa abastada e, provavelmente, visto que o muro ostentava vários escudos e suportes esculpidos, nobre. Uma espécie de varanda, menos antiga que o resto, projetava-se hospitaleiramente com um amplo e florido arco, sobre o qual, esculpido em alto relevo na pedra, pintado e dourado, estava o símbolo da estalagem. Aquele era o Dragão Voador, com suas asas, de um vermelho brilhante e de ouro, abertas, e sua cauda, de um verde pálido e de ouro, torcida e emaranhada em inúmeros anéis, encerrando-se numa ponta brilhante e farpada como o dardo da morte.

“Não devo entrar... mas o senhor descobrirá que se trata de um lugar confortável; de todo modo, melhor do que nada. Eu gostaria de entrar com o senhor, mas meu anonimato o proíbe. Ouso dizer que o senhor ficará ainda mais satisfeito ao saber que a estalagem é assombrada... Sei que eu teria ficado, em minha juventude. Mas não aluda a este terrível fato ao conversar com seu anfitrião, pois acredito tratar-se de um assunto doloroso. *Adieu*. Se quiser divertir-se no baile, aceite o meu conselho e vá de dominó<sup>[48]</sup>. Acredito que devo comparecer; e certamente, se o fizer, com a mesma fantasia. Como iremos nos reconhecer? Deixe-me ver... segurando algo entre os dedos... uma flor não dará certo, pois muitos

trarão flores. Suponhamos que o senhor consiga uma cruz vermelha com algumas polegadas de comprimento – afinal, o senhor é inglês<sup>[49]</sup> – costurada ou presa no seio de seu dominó, e eu uma cruz branca... Sim, isso funcionará muito bem; e seja qual for o cômodo em que o senhor estiver, mantenha-se perto da porta até que nos encontremos. Procurá-lo-ei em todas as portas pelas quais eu passar; e o senhor, da mesma maneira, procurará por mim; dessa forma, *devemos* rapidamente nos encontrar. Assim, estamos entendidos. Não posso apreciar algo dessa espécie senão com uma pessoa jovem; um homem de minha idade requer o contágio de espíritos jovens e a companhia de alguém que aprecia tudo espontaneamente. Até logo; vemo-nos hoje à noite”.

Naquele momento, eu estava em pé *sobre* a estrada; fechei a porta da carruagem; despedi-me; e o homem partiu.

## Capítulo XI - O Dragon Volant

Lancei um olhar ao meu redor.

O edifício era pitoresco, e as árvores faziam com que o parecesse ainda mais. O caráter antiquado e remoto da cena contrastava estranhamente com o esplendor e a azáfama da vida parisiense, aos quais meus olhos e ouvidos se tinham acostumado.

Examinei o velho e belíssimo emblema por um minuto ou dois. Em seguida, investiguei mais cuidadosamente o exterior da casa. Era larga e sólida, e correspondia mais à minha ideia de uma antiga hospedaria inglesa, na qual os Peregrinos da Cantuária<sup>[50]</sup> poderiam ter pousado, do que a uma estalagem francesa. Exceção feita, é verdade, a um torreão que se elevava no flanco esquerdo da casa, e que se encerrava num telhado em forma de apagador de velas, o que sugeria um castelo francês.

Entrei e me apresentei como *Monsieur* Beckett, para quem um quarto fora reservado. Fui recebido com toda a consideração devida a um milorde inglês, dotado, é claro, de uma insondável bolsa.

Meu anfitrião me conduziu ao meu apartamento. Era um quarto amplo, um pouco sombrio, revestido com lambri escuro, e mobiliado num estilo imponente e lúgubre, de há muito obsoleto. Havia uma larga lareira, e uma pesada cornija, entalhada com escudos, nos quais eu poderia, caso eu tivesse tido curiosidade suficiente, ter descoberto uma correspondência

com a heráldica dos muros externos. Havia algo de cativante, de melancólico e até mesmo de depressivo naquilo tudo. Fui até a janela esculpida na pedra, e contemplei o pequeno parque abaixo, dotado de um denso bosque, formando o pano de fundo de um castelo que apresentava um conjunto daqueles torreões com tetos cônicos que há pouco mencionei.

O bosque e o castelo eram visões melancólicas. Exibiam sinais de negligência, e quase de deterioração; e a desolação da grandeza decaída, assim como um certo ar de abandono, pairavam opressivamente sobre a cena.

Perguntei a meu anfitrião o nome do castelo.

“Aquele, *Monsieur*, é o Château de la Carque”, respondeu.

“É uma pena que esteja tão descuidado”, observei. “Talvez eu deva dizer que é uma pena que seu proprietário não seja mais rico, não?”

“Talvez, *Monsieur*”.

“*Talvez?*”, repeti, encarando-o. “Suponho então que ele não seja muito popular”.

“Nem uma coisa nem outra, *Monsieur*”, respondeu; “eu quis apenas dizer que não saberíamos dizer que uso ele poderia fazer de riquezas”.

“E quem é ele?”, indaguei.

“O Conde de Saint-Alyre”.

“Ah, o Conde! O senhor tem certeza disso?”, perguntei, com grande impaciência.

Foi então a vez do estalajadeiro de me encarar.

“Certeza *absoluta*, *Monsieur*: o Conde de Saint-Alyre”.

“O senhor o vê com frequência por estes lados?”

“Não muito, *Monsieur*; ele frequentemente se ausenta por um tempo considerável”.

“E é pobre?”, indaguei.

“Pago-lhe o aluguel por esta casa. Não é muito; mas me parece que ele o aguarda com impaciência”, retrucou, sorrindo sarcasticamente.

“Pelo que ouvi, entretanto, imagino que ele não deve ser muito pobre”, continuei.

“Dizem, *Monsieur*, que ele joga. Não sei. Certamente não é rico. Há cerca de sete meses, um de seus parentes faleceu num lugar distante. Seu corpo foi enviado à residência do Conde aqui, e foi por ele enterrado no Père-Lachaise<sup>[51]</sup>, como desejara o pobre cavalheiro. O Conde se encontrava em profunda aflição, embora tivesse recebido um vultoso legado, dizem, em razão daquela morte. Mas o dinheiro nunca parece servir-lhe para nada, em nenhuma ocasião”.

“Acredito que seja idoso, não?”

“Idoso? Nós o chamamos ‘Judeu Errante’, embora ele nem sempre tenha, é verdade, os cinco *sous* em seu bolso<sup>[52]</sup>. Não obstante, *Monsieur*, a coragem nunca lhe falta. Desposou uma jovem e bela mulher”.

“E ela...?”, insisti.

“É a Condessa de Saint-Alyre”.

“Sim; mas imagino que se possa dizer algo mais? Teria ela atributos?”

“Três, *Monsieur*; três, pelo menos, muito agradáveis”.

“Ah, e quais são eles?”

“Juventude, beleza e... diamantes”.

Caí no riso. O velho e astuto cavalheiro frustrava a minha curiosidade.

“Vejo, meu amigo”, eu disse, “que o senhor está relutante...”

“Em querelar-me com o Conde”, concluiu. “Verdade. Veja, *Monsieur*, ele poderia atormentar-me de duas ou três maneiras, e eu poderia fazer-lhe o mesmo. Mas, de modo geral, é melhor que cada um

cuide de seus assuntos, e que se mantenham relações pacíficas; estou certo de que o senhor entende”.

De nada adiantava, portanto, insistir, pelo menos por enquanto. Talvez ele não tivesse nada a relatar. Se, após algum tempo, algo me fizesse mudar de ideia, eu poderia tentar o efeito de alguns napoleões. Talvez sua intenção fosse mesmo arrancá-los.

O dono do Dragon Volant era um homem idoso, magro, bronzado, inteligente, e com um ar determinado, perfeitamente militar. Descobri mais tarde que ele servira sob Napoleão em suas primeiras campanhas italianas.

“Uma pergunta, acredito, o senhor pode responder”, eu disse, “sem correr o risco de uma disputa. Encontra-se o Conde em casa?”

“Ele possui muitas casas, imagino”, disse evasivamente o anfitrião. “Mas... mas penso poder dizer, *Monsieur*, que ele se encontra, neste momento, instalado no Château de la Carque”.

Mais interessado do que nunca, olhei pela janela, para onde, do outro lado do terreno ondulado, se encontrava o castelo, com seu melancólico fundo de folhagem.

“Eu o vi hoje, em sua carruagem, em Versalhes”, eu disse.

“Muito natural”.

“Então, sua carruagem, seus cavalos e seus criados estariam no castelo?”

“Ele deixa a carruagem aqui, *Monsieur*, e os criados são contratados para a ocasião. Apenas um deles dorme no castelo. Semelhante vida deve ser aterrorizante para a Condessa”, respondeu.

“Que velho chantagista!”, pensei. “Com essa tortura, ele espera arrancar-lhe os diamantes. Que vida! Que demônios para se enfrentar... ciúme e extorsão!”

Tendo feito esse discurso para si mesmo, o cavaleiro dirigiu mais uma vez os olhos para o castelo do feiticeiro, e lançou um suave suspiro – um suspiro de desejo, de resolução e de amor.

Que tolo fui! E, no entanto, à vista dos anjos, tornamo-nos por acaso mais sábios à medida que envelhecemos? Parece-me, apenas, que nossas ilusões se alteram à medida que avançamos; mas ainda continuamos a ser os loucos de sempre.

“Bem, Saint-Clair”, eu disse, enquanto meu criado entrava e começava a arrumar minhas coisas. “Encontraste uma cama?”

“No sótão, *Monsieur*, entre as aranhas e, *par ma foi!*<sup>[53]</sup>, os gatos e as corujas. Mas nos damos muito bem. *Vive la bagatelle!*”<sup>[54]</sup>

“Eu não tinha ideia de que a estalagem estava tão cheia”.

“São, sobretudo, os criados, *Monsieur*, daquelas pessoas suficientemente afortunadas para conseguirem apartamentos em Versalhes”.

“E o que pensas do Dragon Volant?”

“O Dragon Volant, *Monsieur*! O velho dragão incandescente! É o próprio diabo, se tudo for verdade! Pela fé de um cristão, *Monsieur*, dizem que milagres diabólicos ocorreram nesta casa”.

“O que queres dizer com isso? *Revenants*<sup>[55]</sup>?”

“De modo algum, senhor; eu gostaria que não fosse pior do que isso. *Revenants*? Não! Pessoas que *jamais* retornaram... que desapareceram diante dos olhos de meia dúzia de homens que as observavam”.

“O que queres dizer, Saint-Clair? Conta-me a história, ou milagre, ou seja lá o que for”.

“É apenas, *Monsieur*, que um antigo chefe dos estábulos do falecido rei, aquele que perdeu sua cabeça – durante a Revolução, como *Monsieur* terá a bondade de se lembrar –, tendo recebido a permissão do Imperador



de retornar à França, viveu aqui, neste hotel, por um mês, e, no fim, desapareceu, visivelmente, como eu lhe disse, diante de meia dúzia de testemunhas críveis! O outro era um nobre russo, de mais de seis pés de altura<sup>[56]</sup>, que, em pé no centro da sala, no andar de baixo, descrevendo a sete cavalheiros de inquestionável sinceridade os últimos momentos de Pedro o Grande, e segurando um corpo de *eau de vie*<sup>[57]</sup> em sua mão esquerda, e sua *tasse de café*<sup>[58]</sup>, quase vazia, em sua mão direita, desapareceu de maneira semelhante. Suas botas foram encontradas sobre o chão, ali onde ele estivera; e o cavalheiro à sua direita, para seu espanto, encontrou a xícara de café entre seus próprios dedos, e o cavalheiro à sua esquerda o copo de *eau de vie*...”

“Que ele engoliu, em sua confusão”, sugeri.

“Que foi preservado por três anos, entre os curiosos artigos desta casa, e foi quebrado pelo *curé*<sup>[59]</sup> enquanto conversava com *Mademoiselle* Fidone no quarto da governanta; mas do nobre russo propriamente dito, nada mais se viu ou ouviu. *Parbleu!* Quando *nós* sairmos do Dragon Volant, espero que seja pela porta. Ouvi tudo isso, *Monsieur*, do cocheiro que nos trouxe”.

“Então *deve* ser verdade!”, eu disse, jocosamente. Não obstante, eu começava a sentir a melancolia da paisagem e do quarto no qual me encontrava; apoderara-se de mim, não sei como, um pressentimento do mal; minha piada foi proferida com esforço, e minha coragem esmoreceu.

## Capítulo XII - O mago

Não se poderia imaginar espetáculo mais esplendoroso do que aquele baile de máscaras. Entre outros *salons* e galerias, onde era possível circular livremente, estava a enorme perspectiva da “Grande Galerie des Glaces”<sup>[60]</sup>, iluminada naquela ocasião por não menos do que quatro mil velas, refletidas e multiplicadas por todos os espelhos, para que o efeito fosse quase ofuscante. A grande sequência de *salons* estava abarrotada de máscaras, em todas as fantasias concebíveis. Não havia um único cômodo deserto. Cada lugar era animado por cantorias, cores brilhantes, joias esplendorosas, a hilaridade da comédia improvisada, e todos os espirituosos incidentes de um baile de máscaras habilmente conduzido. Eu jamais vira nada minimamente comparável àquela magnífica *fête*<sup>[61]</sup>. Eu circulava, indolentemente, em meu dominó e minha máscara, detendo-me, vez por outra, para apreciar um diálogo inteligente, uma canção farsesca, ou um divertido monólogo, mas mantendo-me, ao mesmo tempo, atento ao que me cercava, para que meu amigo de dominó preto, com a pequena cruz branca em seu peito, não passasse despercebido por mim.

Demorei-me particularmente, olhando ao meu redor, perto de cada uma das portas pelas quais passei, como o Marquês e eu havíamos combinado; mas ele ainda não aparecera.

Enquanto eu assim ocupava meu tempo, dando-me ao luxo de um leve divertimento, avistei uma liteira dourada, ou melhor, um palanquim chinês, exibindo a fantástica exuberância da decoração “celestial”, carregado sobre barras douradas por quatro chineses suntuosamente vestidos. Um chinês, com uma vareta em sua mão, marchava à frente de todos, e outro logo atrás; e um homem magro e solene, com uma longa barba preta e um alto fez, como aqueles com que um dervixe é costumeiramente representado, caminhava ao lado do palanquim. Um roupão estranhamente bordado caía sobre seus ombros, coberto de símbolos hieróglifos; o bordado era preto e dourado, sobre um fundo variegado de cores brilhantes. O roupão estava preso em volta de sua cintura por um largo cinto dourado, com figuras cabalísticas traçadas em vermelho escuro e preto; meias vermelhas e sapatos bordados de ouro, pontudos e curvados para cima nas pontas, à moda oriental, apareciam por baixo do roupão. O rosto do homem era sombrio, inerte e solene, e suas sobrancelhas eram pretas e enormemente pesadas; ele carregava um livro de aparência singular sob o braço, e uma vareta de madeira preta polida em sua outra mão; e andava com o queixo afundado em seu peito, e os olhos fixos no chão. O homem à frente balançava sua vareta para a direita e para a esquerda, a fim de abrir caminho para o avanço do palanquim, cujas cortinas estavam fechadas; e havia algo tão singular, estranho e solene na coisa toda que imediatamente me senti interessado.

Fiquei muito satisfeito quando vi os carregadores abaixarem sua carga a poucas jardas<sup>[62]</sup> do lugar em que eu estava.

Os carregadores e os homens com as varetas douradas imediatamente bateram palmas, e, em silêncio, executaram, em volta do palanquim, uma curiosa e quase frenética dança, a qual era, no entanto,

quanto aos passos e posturas, perfeitamente metódica. Ela logo foi acompanhada de palmas e pequenos gritos, ritmicamente executados.

Enquanto a dança se desenrolava, uma mão foi suavemente colocada sobre o meu braço, e, ao virar a cabeça, vi um dominó preto com uma cruz branca parado ao meu lado.

“Estou feliz por tê-lo encontrado”, disse o Marquês; “e particularmente neste momento. Este é o melhor grupo de todas as salas. O *senhor* deve conversar com o feiticeiro. Há cerca de uma hora, deparei-me com eles em outro *salon*, e consultei o oráculo com algumas perguntas. Nunca em minha vida fiquei mais maravilhado. Embora suas respostas fossem um pouco dissimuladas, logo ficou claro que ele sabia todos os detalhes sobre aquele assunto, do qual ninguém sobre a terra ouviu falar além de mim e dois ou três outros homens, os quais estão entre as mais cautelosas pessoas da França. Jamais me esquecerei desse choque. Vi outras pessoas que o consultaram claramente tão surpresas e até mesmo mais assustadas do que eu. Vim com o Conde de Saint-Alyre e a Condessa”.

Ele acenou na direção de uma figura esguia, também num dominó. Era o Conde.

“Venha”, disse-me, “apresentá-lo-ei”.

Eu o segui, como podeis supor, com toda a solicitude.

O Marquês me apresentou com uma agradável alusão à minha venturosa intervenção na Belle Étoile; o Conde me cobriu de cortesias, e terminou dizendo, o que me agradou ainda mais:

“A Condessa está perto de nós, no *salon* vizinho ao próximo, conversando com sua velha amiga, a Duquesa d’Argensaque; irei encontrá-la em alguns minutos; e quando eu a trouxer aqui, ela o

conhecerá e, além disso, agradecer-lhe-á por sua ajuda, prestada com tanta coragem quando fomos tão desagradavelmente perturbados”.

“O senhor deve, definitivamente, falar com o mago”, disse o Marquês ao Conde de Saint-Alyre, “isso o divertirá sobremaneira. *Eu* o fiz, e posso garantir-lhe que não poderia ter antecipado semelhantes respostas! Não sei em que acreditar”.

“Realmente? Neste caso, devemos certamente experimentar”, respondeu.

Aproximamo-nos, os três juntos, da lateral do palanquim, ao lado do qual se encontrava o mago de barba preta.

Um jovem rapaz em traje espanhol, que, com um amigo ao seu lado, acabara de conversar com o conjurador, disse, ao passar por nós:

“Engenhosa mistificação! Quem é o homem no palanquim? Ele parece conhecer todo o mundo!”

O Conde, em sua máscara e dominó, avançava rigidamente ao nosso lado, rumo ao palanquim. Um círculo livre era mantido pelos servidores chineses, ao redor do qual amontoavam-se os espectadores.

Um daqueles homens – aquele que, com a vareta dourada, liderara a procissão – avançou, estendendo sua mão vazia, com a palma para cima.

“Dinheiro?”, indagou o Conde.

“Ouro”, respondeu o assistente.

O Conde colocou uma moeda em sua mão; ao adentrarmos o círculo, o Marquês e eu fomos ambos instados a, por nossa vez, fazer o mesmo. Fizemos o devido desembolso.

O conjurador se mantinha ao lado do palanquim, com a cortina de seda em sua mão; seu queixo, com sua longa e pontuda barba preta, afundado em seu peito; e a outra mão segurando a vareta preta, sobre a qual ele se inclinava. Seus olhos continuavam fixos no chão, e seu rosto

parecia absolutamente desprovido de vida. Com efeito, eu jamais vira rosto ou fisionomia tão inerte, exceto na morte.

A primeira pergunta feita pelo Conde foi:

“Sou casado, ou solteiro?”

O conjurador abriu rapidamente a cortina, e avançou seu ouvido na direção de um chinês suntuosamente vestido, que estava sentado na liteira; em seguida, recuou sua cabeça, e fechou novamente a cortina; por fim, respondeu: “Casado”.

O mesmo rito foi observado a cada rodada, de modo que o homem com a vareta preta apresentasse a si mesmo, não como profeta, mas como médium; e respondesse, aparentemente, com palavras de alguém superior a ele.

Seguiram-se duas ou três outras perguntas cujas respostas pareceram divertir consideravelmente o Marquês; mas sem que eu pudesse entender o motivo, pois não sabia quase nada a respeito das peculiaridades e das aventuras do Conde.

“Por acaso minha mulher me ama?”, ele perguntou, jocosamente.

“Tanto quanto o senhor merece”.

“A quem mais amo no mundo?”

“A si mesmo”.

“Ah! Imagino que esse seja praticamente o caso de todo o mundo. Mas, deixando-me fora da questão, por acaso amo qualquer coisa na Terra mais do que minha mulher?”

“Os diamantes dela”.

“Oh!”, exclamou o Conde. O Marquês, como pude ver, riu.

“É verdade”, disse o Conde, mudando peremptoriamente de assunto, “que está ocorrendo uma batalha em Nápoles?”

“Não; na França”.

“É mesmo?” disse o Conde, satiricamente, com uma olhadela ao redor. “E posso indagar entre que poderes, e a respeito de que disputa em particular?”

“Entre o Conde e a Condessa de Saint-Alyre, e a respeito de um documento que ambos subscreveram em 25 de julho de 1811”.

Mais tarde, o Marquês me contaria que aquela era a data de seu acordo de casamento.

O Conde permaneceu absolutamente imóvel por cerca de um minuto; e é possível imaginar que seus interlocutores tivessem visto seu rosto enrubescer sob a máscara.

Ninguém, além do Marquês e eu, sabia que o inquiridor era o Conde de Saint-Alyre.

Imaginei que ele estivesse desconcertado em seu esforço de encontrar um assunto para sua próxima pergunta, e, talvez, arrependido por ter se enredado em semelhante colóquio. Se aquele era o caso, foi socorrido, pois o Marquês, tocando seu braço, sussurrou:

“Olhe à sua direita, e veja quem está chegando”.

Olhei na direção indicada pelo Marquês, e vi uma macilenta figura avançando em nossa direção. Não era uma máscara. O rosto era largo, repleto de cicatrizes e pálido. Em uma palavra, tratava-se da hedionda face do Coronel Gaillarde, o qual, vestindo o traje de um cabo da Guarda Imperial, com seu braço esquerdo arrumado de sorte a assemelhar-se a um toco, deixando a parte inferior da manga do casaco vazia e presa ao peito. Havia, porém, um verdadeiro curativo cobrindo sua sobrancelha e sua têmpora, onde minha bengala deixara sua marca, inserindo-se esta, doravante, entre suas mais honrosas cicatrizes de guerra.

## Capítulo XIII - O oráculo me conta maravilhas

Por um instante, esqueci o quão impérvios eram minha máscara e meu dominó ao olhar duro do velho soldado, e me preparei para uma agitada peleja. Foi apenas por um instante, é claro; mas o Conde cautelosamente recuou um pouco à medida que o fanfarrão cabo, de uniforme azul, casaco e polaina brancos – pois meu amigo Gaillarde era tão barulhento e presunçoso em sua personagem fictícia quanto em sua personagem real de coronel de dragões – se aproximava. Por duas vezes, ele quase se fizera expulsar da festa por louvar, em espetaculares relatos burlescos, os feitos de Napoleão o Grande, e quase chegara às vias de fato com um hussardo prussiano. Na verdade, ele já se teria envolvido em várias escaramuças sanguinárias, caso seu discernimento não lhe tivesse lembrado que o único objetivo de sua presença naquele lugar, isto é, o de arranjar um encontro com uma rica viúva, em quem ele acreditava ter deixado uma terna impressão, seria frustrado por sua prematura remoção por alguns *gendarmes* da cena festiva da qual ele era um mero ornamento.

“Dinheiro? Ouro? Bah! Que dinheiro pode ter acumulado um soldado ferido como vosso humilde servidor, quando não lhe resta senão sua mão de combate, a qual, encontrando-se necessariamente ocupada, não



lhe deixa um único dedo para recolher os despojos de um inimigo derrotado?”

“Nenhum ouro da parte dele”, disse o mago. “Suas cicatrizes o isentam”.

“Bravo, *Monsieur le prophète*<sup>[63]</sup>! Bravíssimo! Aqui estou. Devo começar, *mon sorcier*<sup>[64]</sup>, sem mais demora, a questioná-lo?”

Sem aguardar a resposta, deu início ao interrogatório, com uma voz retumbante. Após meia dúzia de perguntas e respostas, indagou: “A quem persigo neste momento?”

“Duas pessoas”.

“Ha! Duas? Pois bem, quem são elas?”

“Um inglês, que irá matá-lo, caso o senhor tente agarrá-lo; e uma viúva francesa, a qual, caso o senhor venha a encontrá-la, cuspirá em seu rosto”.

“*Monsieur le magicien*<sup>[65]</sup> fala com franqueza, e sabe que seu hábito o protege. Não importa! Por qual motivo os persigo?”

“A viúva infligiu uma ferida em seu coração, e o inglês uma ferida em sua cabeça. Ambos são, separadamente, fortes demais para o senhor; tome cuidado para que sua caçada não os reúna”.

“Bah! Como poderia isso acontecer?”

“O inglês protege as damas. Deixou a prova disso em vossa cabeça. A viúva, caso o veja, se casará com ele. É preciso tempo, ela pensará, para tornar-se coronel, e o inglês é inquestionavelmente jovem”.

“Pois cortarei a crista desse galo”, ele vociferou com uma imprecisão e uma careta; então, em tom mais suave, perguntou: “Onde está ela?”

“Perto o bastante para ofender-se, caso o senhor venha a fracassar”.

“E ela deveria mesmo, por minha fé. Tem razão, *Monsieur le prophète*<sup>[66]</sup>! Cem mil vezes obrigado! Adeus!” Então, olhando ao seu redor e esticando seu pescoço esguio o tanto quanto podia, afastou-se, levando suas cicatrizes, seu colete e suas polainas brancos, e sua barretina de pele de urso.

Eu tentava ver quem era a pessoa sentada no palanquim. Apenas uma vez tive a oportunidade de dar uma olhadela toleravelmente longa. O que vi era singular. O oráculo estava vestido, como eu disse, de modo muito suntuoso, à moda chinesa. Sua fisionomia era, de modo geral, de escala maior do que a do intérprete, que se mantinha do lado de fora. Os traços me pareciam largos e marcados, e a cabeça permanecia inclinada para baixo! Os olhos se mantinham fechados, e o queixo sobre o seio de sua peliça bordada. O rosto, que parecia estático, era a própria imagem da apatia. Sua aparência e sua *pose* pareciam uma réplica exagerada da imobilidade da figura que se comunicava com o ruidoso mundo exterior. Aquele rosto parecia vermelho-sangue; mas aquilo se devia, concluí, à luz que entrava através das cortinas de seda vermelha. Percebi tudo isso praticamente num único olhar; não tive muitos segundos para fazer minha observação. O caminho estava agora aberto, e o Marquês disse: “Vá em frente, meu amigo”.

Assim fiz. Quando alcancei o mago, como chamávamos o homem com a vareta preta, olhei por sobre meu ombro, para ver se o Conde se encontrava à proximidade.

Não, ele estava algumas jardas atrás de mim; e ele e o Marquês, cuja curiosidade parecia, àquela altura, estar satisfeita, agora conversavam casualmente sobre algum assunto absolutamente distinto.

Eu estava aliviado, pois o sábio parecia despejar segredos inesperadamente; e alguns dos meus talvez não tivessem divertido o

Conde.

Refleti por um momento. Eu desejava testar o profeta. Um fiel da Igreja da Inglaterra era uma *rara avis*<sup>[67]</sup> em Paris.

“Qual é minha religião?”, perguntei.

“Uma bela heresia”, respondeu instantaneamente o oráculo.

“Uma heresia? ... E como ela se chama?

“O amor”.

“Oh! Suponho, então, que eu seja um politeísta, e que ame muitas pessoas, não?

“Uma”.

“Mas, falando seriamente”, perguntei, no intuito de desviar ligeiramente o curso de nosso colóquio de uma via embaraçosa, “por acaso aprendi de cor quaisquer palavras de devoção?”

“Sim”.

“Poderia o senhor repeti-las?”

“Aproxime-se”.

Fi-lo, e estendi meu ouvido.

O homem com a vareta preta fechou as cortinas, e sussurrou, lenta e distintamente, as seguintes palavras, as quais, mal preciso dizê-lo, reconheci instantaneamente:

*“É possível que jamais tornemos a nos ver. Ó, que eu possa um dia esquecê-lo! Vá... Adeus... Por Deus, vá!”*

Assustei-me ao ouvi-las. Eram, como sabeis, as últimas palavras a mim sussurradas pela Condessa.

Meu Deus! É miraculoso! Palavras até agora muito seguramente ouvidas por ninguém mais na terra além de mim e da dama que as pronunciou!

Olhei para o rosto impassível do porta-voz com a vareta. Não havia traços de intenção, ou mesmo de consciência, de que as palavras que ele emitira pudessem eventualmente me interessar.

“Por que mais anseio?”, perguntei, sem saber ao certo o que eu dizia.

“O Paraíso”.

“O que me impede de alcançá-lo?”

“Um véu preto”.

Cada vez mais quente! As respostas pareciam indicar a mais minuciosa familiaridade com cada detalhe de meu pequeno romance, do qual nem mesmo o Marquês sabia qualquer coisa! E eu, o interrogador, estava mascarado e fantasiado de modo que nem meu próprio irmão poderia ter me reconhecido!

“O senhor diz que amo alguém. E quanto a mim, serei eu amado?”, indaguei.

“Faça uma tentativa”

Eu falava mais baixo do que antes, e me mantinha perto do homem sombrio de barba, para dispensá-lo da necessidade de falar em voz alta.

“Alguém me ama?”, repeti.

“Secretamente”, foi a resposta.

“Muito ou pouco?”, indaguei.

“Em demasia”.

“Quanto tempo durará este amor?”

“Até que a rosa perca suas pétalas”.

A rosa... outra alusão!

“Depois... virá a escuridão!”, suspirei. “Mas até lá viverei na luz”.

“A luz de olhos violetas”.

O amor é, senão uma religião, como o oráculo acabara de apresentá-lo, pelo menos uma superstição. Como ele exalta a imaginação! Como ele enfraquece a razão! Como ele nos torna crédulos!

Tudo aquilo, que no caso de outra pessoa teria me levado aos risos, afetou-me muito poderosamente na situação em que me encontrava. Aquilo inflamou meu ardor, quase enlouqueceu meu cérebro e até influenciou minha conduta.

O porta-voz daquele maravilhoso truque – se é que era truque – agora gesticulava com sua vareta para que eu recuasse, e enquanto eu me afastava, meus olhos permaneciam fixos no grupo, àquela altura envolto, do meu ponto de vista, numa aura de mistério; recuando até o círculo de espectadores, vi o homem erguer subitamente a mão, num gesto de comando, fazendo um sinal para o assistente que, à frente, carregava a vareta dourada.

O assistente golpeou o chão com sua vareta, e, com uma voz estridente, proclamou: “O grande Confu se manterá em silêncio por uma hora”.

Instantaneamente, os carregadores puxaram uma espécie de persiana de bambu, a qual desceu com um estardalhaço agudo, e a prenderam na parte de baixo; então, o homem com o fez alto, barba e vareta pretas, iniciou uma espécie de dança dervixe. Imediatamente, os homens com as varetas douradas se uniram a ele, e, por fim, num círculo externo, os carregadores fizeram o mesmo, sendo o palanquim o centro dos círculos descritos por aqueles solenes dançarinos, cujo passo aos poucos se acelerou, e cujos gestos se tornaram bruscos, estranhos, frenéticos, conforme o movimento se fazia cada vez mais ligeiro, até que, após algum tempo, o rodopio se tornou tão veloz que os dançarinos pareciam voar com a velocidade de uma roda de moinho; finalmente, em

meio a uma generalizada batida de palmas e à admiração universal, aqueles estranhos artistas se misturaram à multidão, e a exibição, ao menos por enquanto, se encerrou.

Não longe dali, o Marquês d'Harmonville olhava para o piso, como sua atitude e sua contemplação pareciam indicar. Aproximei-me, e ele disse:

“O Conde acaba de ir procurar sua esposa. É uma pena que ela não estivesse aqui para consultar o profeta; teria sido divertido, ousado dizer, ver como o Conde o teria suportado. Sugiro que o sigamos. Pedi-lhe que apresentasse o senhor”.

Com o coração palpitante, acompanhei o Marquês d'Harmonville.

## Capítulo XIV - Mademoiselle de la Vallière

Perambulamos, o Marquês e eu, pelos *salons*. Não era tarefa fácil encontrar um amigo em cômodos tão abarrotados.

“Fique aqui”, disse o Marquês, “pensei numa maneira de encontrá-lo. Além disso, o ciúme dele pode tê-lo alertado de que não há vantagem particular em apresentar sua esposa ao senhor; é melhor que eu vá e procure convencê-lo, visto que o senhor parece tanto desejar uma apresentação”.

Aquilo ocorreu numa sala que é agora chamada “Salon d’Apollon”<sup>[68]</sup>. Os quadros permaneceram em minha memória, e minha aventura naquela noite estava destinada a ocorrer naquele local.

Acomodei-me num sofá, e olhei ao meu redor. Três ou quatro pessoas além de mim estavam sentadas naquela espaçosa peça de mobília dourada. Elas conversavam muito alegremente; todas elas... exceto a pessoa sentada ao meu lado, e que era uma dama. Não havia sequer dois pés<sup>[69]</sup> de separação entre nós. A dama parecia entregue a um devaneio. Nada poderia ser mais gracioso. Ela vestia a fantasia perpetuada no retrato de corpo inteiro que Collignan fez de Mademoiselle de la Vallière<sup>[70]</sup>. Tal traje é, como sabeis, não apenas suntuoso, mas elegante. Seu cabelo estava empoado, mas era possível perceber que sua cor natural era castanho-

escura. Um pequeno e lindo pé apareceu, e podia haver algo mais requintado do que sua mão?

Era extremamente provocante que aquela dama estivesse de máscara, e não a segurasse, como muitos faziam, momentaneamente em sua mão.

Eu estava convencido de que era bonita. Aproveitando-me do privilégio de estarmos num baile à fantasia, um microcosmo no qual é impossível, exceto por voz e alusão, distinguir um amigo de um inimigo, eu disse:

“Não é fácil, *Mademoiselle*, enganar-me”.

“Tanto melhor para *Monsieur*”, respondeu, em voz baixa, a máscara.

“Quero dizer”, retomei, determinado a prosseguir com meu gracejo, “que a beleza é uma dádiva mais difícil de dissimular do que supõe *Mademoiselle*”.

“No entanto, *Monsieur* obteve grande êxito em tal empresa”, ela disse, com o mesmo tom suave e despreocupado.

“Vejo esta fantasia, a da bela *Mademoiselle de la Vallière*, revestindo uma forma que a supera; ergo os olhos, contemplo uma máscara, e, no entanto, reconheço a dama; a beleza é como aquela pedra preciosa nas *Mil e Uma Noites*, que emite, por mais que esteja escondida, uma luz que a trai”.

“Conheço a história”, disse a jovem dama. “A luz a traiu, não ao sol, mas na escuridão. Há mesmo tão pouca luz nestas salas, *Monsieur*, que um pobre vagalume possa brilhar tão intensamente? Pensei que estivéssemos numa luminosa atmosfera, pela qual anda uma certa Condessa”.

Ali estava um discurso embaraçoso! Que resposta eu poderia dar? Aquela dama podia ser, como supostamente são algumas damas, uma



amante de travessuras, ou então uma íntima da Condessa de Saint-Alyre. Cautelosamente, portanto, indaguei:

“Que Condessa?”

“Se o senhor me conhece, deve saber que se trata de minha mais cara amiga. Ela não é linda?”

“Como posso responder, são tantas as condessas”.

“Todos os que me conhecem sabem quem é minha melhor e mais amada amiga. O senhor não sabe quem sou?”

“Isto é cruel. Não posso acreditar que me tenha enganado”.

“Com quem o senhor andava há pouco?”, ela perguntou.

“Um cavalheiro, um amigo”, respondi.

“Vi, é claro, que se tratava de um amigo; mas acredito conhecê-lo, e gostaria de me certificar disso. Por acaso não é um certo Marquês?”

Ali estava outra pergunta extremamente embaraçosa.

“Há tantas pessoas aqui, e pode-se andar com uma delas em determinado momento, e com uma diferente em outro posterior, de modo que...”

“Que uma pessoa inescrupulosa não encontra qualquer dificuldade em fugir de uma simples pergunta como a minha. Saiba então, de uma vez por todas, que nada causa maior desgosto a uma pessoa de espírito do que a desconfiança. *Monsieur* é um cavalheiro reservado. Respeitarei, portanto, sua discrição”.

“*Mademoiselle* me desprezaria, caso eu violasse a confiança de alguém”.

“Mas o senhor não me engana. Imita a diplomacia de seus amigos. Odeio diplomacia. Não significa nada além de fraude e covardia. Não acredita que eu conheça seu amigo? O cavalheiro com a cruz de fita branca

sobre o peito? Conheço perfeitamente o Marquês d'Harmonville. O senhor vê com que belo propósito sua inventividade foi empregada?"

"A essa conjectura não posso responder nem sim nem não".

"Não é necessário que o faça. Mas qual era seu motivo para constranger uma dama?"

"É última coisa que eu faria".

"O senhor fingiu conhecer-me, e não conhece; por capricho, apatia ou curiosidade, o senhor desejou conversar, não com uma dama, mas com uma fantasia. O senhor me contemplou, e fingiu confundir-me com outra pessoa. Mas quem é absolutamente perfeito? Será que a verdade ainda pode ser encontrada sobre a Terra?"

"*Mademoiselle* formou uma opinião equivocada de minha pessoa".

"E também o senhor da minha; descobre que sou menos tola do que havia suposto. Sei perfeitamente quem o senhor pretende divertir com seus elogios e sua melancólica declamação, e quem, com tal amável propósito, o senhor tem procurado".

"Diga-me o que quer dizer com isso", supliquei.

"Sob uma condição".

"E qual seria?"

"A de que o senhor confessará, caso eu venha a nomear a dama".

"*Mademoiselle* descreve injustamente o meu objetivo", objetei. "Não posso admitir ter pretendido falar com qualquer dama no tom que acaba de ser descrito".

"Pois bem, não insistirei nisso; mas se eu disser o nome da dama, o senhor prometerá admitir que estou certa".

"Devo prometer?"

"Certamente não, não há obrigação; mas sua promessa é a única condição sob a qual voltarei a falar com o senhor".

Hesitei por um instante; mas como poderia ela saber? A Condessa dificilmente teria admitido aquele pequeno romance a alguém; e a máscara com o disfarce de La Vallière não podia saber quem era o dominó mascarado ao seu lado.

“Consinto”, eu disse, “prometo”.

“O senhor deve prometer pela honra de um cavalheiro”.

“Pois bem, faço-o; pela honra de um cavalheiro”.

“Então a dama em questão é a Condessa de Saint-Alyre”.

Fiquei indescritivelmente surpreso; estava desconcertado. Lembrei-me, porém, de minha promessa, e disse:

“A Condessa de Saint-Alyre é, inquestionavelmente, a dama a quem eu esperava ser apresentado hoje à noite; mas permita-me assegurar-lhe, pela honra de um cavalheiro, que ela não tem a menor desconfiança de que eu buscava tal privilégio, e que, segundo todas as probabilidades, ela sequer se lembra de que uma pessoa como eu existe. Tive a honra de prestar, a ela e ao Conde, um insignificante serviço, demasiado insignificante, temo, para merecer mais do que a recordação de uma hora”.

“O mundo não é tão ingrato como o senhor supõe; ou, se ele o é, existem, não obstante, alguns corações que o redimem. Dou-lhe minha palavra de que a Condessa de Saint-Alyre jamais se esquece de uma gentileza. Ela não demonstra tudo o que sente; pois é infeliz, e não o pode fazer”.

“Infeliz? Temi, com efeito, que ela o pudesse ser. Mas quanto a todo o resto que *Madame* tem a bondade de supor, isso nada mais é do que um sonho lisonjeiro”.

“Eu lhe disse que sou amiga da Condessa, e, nessa condição, devo saber algo sobre o seu caráter; além disso, existem confidências entre nós, e posso saber mais do que o senhor desconfia a respeito daqueles

insignificantes serviços cuja recordação o senhor supõe ser tão passageira”.

Aquilo alimentava cada vez mais meu interesse. Eu era tão malicioso como outros rapazes, e o caráter hediondo de meus desígnios era como que inexistente, agora que o amor-próprio e todas as paixões que se misturam em tais romances tinham sido despertados. A imagem da linda Condessa havia novamente suplantado a bela réplica de La Vallière que estava diante de mim. Eu teria dado tudo para ouvir, com solene gravidade, que ela de fato se lembrava do campeão que, para protegê-la, se atirara na frente do sabre de um furioso dragão e, munido de um mero bastão, o derrotara.

“*Madame* diz que a Condessa é infeliz”, retomei. “O que causa sua infelicidade?”

“Muitas coisas. Seu marido é velho, ciumento e tirânico. Não é o suficiente? Mesmo quando está livre de sua companhia, ela é solitária”.

“Mas a senhora é sua amiga, não?”, sugeri.

“E o senhor acredita que uma amiga é o bastante?”, ela respondeu; “ela possui apenas uma, a quem pode abrir seu coração”.

“Há espaço para outro amigo?”

“Tente”.

“De que maneira?”

“Ela o ajudará”.

“Como?”

Respondeu por meio de uma pergunta: “Teria o senhor reservado quartos em algum dos hotéis de Versalhes?”

“Não, não consegui. Estou hospedado no Dragon Volant, que se situa à beira do terreno do Château de la Carque”.

“Isso é ainda melhor. Não preciso perguntar-lhe se o senhor tem coragem para uma aventura. Não preciso perguntar-lhe se é um homem honrado. A dama pode confiar-se ao senhor, e não temer nada. Há poucos homens para quem o encontro, como o que arranjarei, poderia ser concedido com segurança. O senhor a encontrará às duas horas da manhã no parque do Château de la Carque. Que quarto o senhor ocupa no Dragon Volant?”

Eu estava maravilhado com a audácia e a determinação daquela mulher. Estaria ela, como dizemos na Inglaterra, me tapeando?

“Posso descrevê-lo com precisão”, eu disse. “Olhando desde a parte de trás da casa em que se encontra meu apartamento, estou hospedado na extremidade direita, perto do ângulo; e um lance de escadas para cima, a partir do saguão”.

“Muito bem; o senhor deve ter observado, se examinou o parque, dois ou três bosquetes de castanheiros e limoeiros, tão próximos uns dos outros que formam um pequeno arvoredo. O senhor deve retornar ao seu hotel, trocar de roupa, e, preservando um escrupuloso sigilo quanto às suas razões e seu destino, deixar o Dragon Volant, e escalar o muro do parque, sem ser visto. O senhor facilmente reconhecerá o arvoredo que mencionei; lá, o senhor encontrará a Condessa, a qual lhe concederá uma audiência de alguns minutos, esperará a mais escrupulosa descrição de sua parte e lhe explicará, em poucas palavras, muito do que não pude contar-lhe muito bem aqui”.

Não posso descrever o sentimento que tais palavras despertaram em mim. Eu estava atônito. A dúvida prevalecia. Eu não podia acreditar em tais perturbadoras palavras.

“*Mademoiselle* deve acreditar que, se eu apenas ousasse convencer-me de que tamanha felicidade e tamanha honra me estivessem realmente

prometidas, minha gratidão seria tão duradoura quanto minha vida. Mas como posso me atrever a acreditar que *Mademoiselle* não fala por sua própria simpatia ou sua bondade mais do que pela certeza de que a Condessa de Saint-Alyre me concederia tão grande honra?”

“*Monsieur* talvez acredite que eu não esteja a par, como pretendo estar, do segredo que ele até então supunha ser partilhado por ninguém mais além da Condessa e dele próprio, ou então que eu o esteja cruelmente enganando. Juro que sou sua confidente por tudo o que há de precioso num sussurrado adeus. Juro-o pela última companheira desta flor!”, ela disse, colocando por um instante entre seus dedos a balançante cabeça de um botão de rosa branca que estava aninhado em seu buquê. “Por minha própria boa estrela, e a dela... ou devo chamá-la nossa *belle étoile*? Eu já disse o suficiente?”

“O suficiente?”, repeti, “mais do que o suficiente... mil vezes obrigado”.

“E na medida em que sou a confidente da Condessa, está claro que sou também sua amiga; e, sendo sua amiga, seria por acaso amigável empregar seu precioso nome de tal maneira, e tudo no intuito de pregar um truque vulgar no senhor... um estranho?”

“Peço a *Mademoiselle* que me perdoe. Lembre-se o quanto me é preciosa a esperança de ver a Condessa, e conversar com ela. É mesmo espantoso, então, que eu me mostre um tanto incrédulo? *Madame* me convenceu, entretanto, e há de perdoar minha hesitação”.

“O senhor estará então no lugar que descrevi, às duas horas?”

“Seguramente”, respondi.

“E *Monsieur*, eu sei, não se omitirá por medo. Não, não precisa assegurar-me disso; sua coragem já foi provada”.

“Nenhum perigo, em tal caso, será inoportuno aos meus olhos”.

“Não seria melhor que *Monsieur* partisse agora, e se juntasse a seu amigo?”

“Prometi aguardar aqui pelo retorno de meu amigo. O Conde de Saint-Alyre disse que pretendia apresentar-me à Condessa”.

“E *Monsieur* é ingênuo a ponto de acreditar nele?”

“Por que não o faria?”

“Porque ele é ciumento e astuto. O senhor verá. Ele jamais o apresentará à sua esposa. Virá aqui dizer que não a consegue encontrar, e prometerá fazê-lo numa próxima ocasião”.

“Acredito vê-lo aproximar-se, ao lado de meu amigo. Não... não há nenhuma dama com ele”.

“Eu lhe avisei. O senhor haverá de aguardar por muito tempo tal felicidade, se ela não puder encontrá-lo senão por intermédio do Conde. Enquanto isso, é melhor não deixar que ele o veja tão perto de mim. Ele suspeitará que estivemos conversando sobre sua esposa; e isso aguçarà seu ciúme e sua vigilância”.

Agradei à minha desconhecida e mascarada amiga, recuei alguns passos, e, fazendo um pequeno desvio, aproximei-me lateralmente do Conde. Sorri sob a minha máscara, enquanto ele me assegurava que a Duquesa de la Roqueme mudara de lugar, e levava a Condessa consigo; mas ele esperava, em pouquíssimo tempo, ter uma oportunidade de viabilizar o nosso encontro.

Evitei o Marquês d’Harmonville, que seguia o Conde. Eu temia que ele propusesse acompanhar-me até a estalagem, e eu não desejava, de modo algum, ver-me forçado a fornecer explicações.

Não tardei, portanto, a perder-me na multidão, e avancei, o mais rápido que pude, até a “Galerie des Glaces”, a qual se situava na direção oposta àquela tomada pelo Conde e meu amigo o Marquês.

## Capítulo XV - A estranha história do Dragon Volant

Aquelas *fêtes*<sup>[71]</sup> ocorriam mais cedo na França daqueles dias do que os nossos modernos bailes londrinos. Consultei meu relógio. Passava um pouco da meia-noite.

Era uma noite calma e abafada; a magnífica sequência de salas, por mais vastas que algumas delas fossem, não podia ser mantida numa temperatura menos do que opressiva, especialmente para pessoas que usavam máscaras. Em alguns lugares, a multidão era inconveniente, e a profusão de luzes incrementava o calor. Removi, conseqüentemente, minha máscara, e vi algumas pessoas fazerem o mesmo, mostrando-se tão negligentes quanto eu em relação ao mistério. Logo que o fiz, comecei a respirar mais confortavelmente; foi quando ouvi uma amigável voz inglesa chamar-me pelo meu nome. Era Tom Whistlewick, do ...º regimento dos Dragões. Ele estava desmascarado, com um rosto coradíssimo, assim como eu. Era um daqueles heróis de Waterloo, recém-saídos do frescor da glória e que, de modo geral, o mundo todo, exceção feita à França, reverenciava; e a única coisa negativa que eu sabia a seu respeito era o costume de saciar sua sede, a qual era excessiva em bailes, *fêtes*, celebrações musicais, e quaisquer reuniões, onde quer que ocorressem, regadas a champanhe. Enquanto ele me apresentava a seu



amigo, *Monsieur* Carmagnac, observei que sua voz estava de fato um pouco pastosa. *Monsieur* Carmagnac era pequeno, esguio e reto como uma vareta. Era calvo, cheirava rapé e usava óculos; e, como eu logo descobriria, ocupava um cargo oficial.

Tom era brincalhão, astuto, e um tanto difícil de entender, em seu atual e agradável humor. Ele erguia as sobrancelhas e apertava os lábios de modo estranho, abanando-se folgadoamente com sua máscara.

Após uma agradável conversa, fiquei feliz ao notar que ele preferia o silêncio, e que se satisfazia com o *rôle* de ouvinte, enquanto eu e *Monsieur* Carmagnac dialogávamos. Em seguida, sentou-se, com extraordinário cuidado e hesitação, sobre um banco, atrás de nós, e logo pareceu encontrar dificuldade para manter os olhos abertos.

“Ouvi o senhor mencionar”, disse o cavalheiro francês, “ter ocupado um apartamento no Dragon Volant, a aproximadamente meia-légua<sup>[72]</sup> daqui. Quando eu trabalhava em outro departamento de polícia, há cerca de quatro anos, dois estranhíssimos casos estiveram relacionados a essa mesma casa. Um deles dizia respeito a um rico *émigré*<sup>[73]</sup>, autorizado a retornar à França pelo Imp... por Napoleão. Ele desapareceu. O outro – igualmente estranho – foi o caso de um nobre russo dotado de grande riqueza. Ele desapareceu de maneira igualmente misteriosa”.

“Meu criado”, eu disse, “apresentou-me um relato confuso de algumas ocorrências, e, se bem me lembro, descreveu as mesmas pessoas – isto é, um nobre francês repatriado e um cavalheiro russo. Mas ele fez de toda a história algo tão maravilhoso – digo, no sentido sobrenatural – que, devo confessar, não acreditei numa só palavra”.

“Não, nada houve de sobrenatural; mas muito daquilo era inexplicável”, disse o cavalheiro francês. “Teorias podem, é claro, ter sido

formuladas; mas a coisa jamais foi explicada, e, tanto quanto sei, nenhuma luz jamais foi lançada sobre ela”.

“Imploro-lhe que me deixe ouvir a história”, insisti. “Penso ter direito a isso, visto que ela diz respeito aos meus aposentos. O senhor por acaso desconfia do pessoal da casa?”

“Ah! Ela mudou de dono desde então. Mas parecia haver uma fatalidade relacionada a um quarto em particular”.

“Poderia o senhor descrever tal quarto?”

“Certamente. É um quarto espaçoso e apainelado, acima de um lance de escadas, na parte de trás da casa, na extremidade direita, quando se olha desde as janelas”.

“Ah, é mesmo? Maldição, esse é exatamente o quarto que ocupo!”, eu disse, começando a sentir-me cada vez mais interessado... talvez de um modo ligeiramente desagradável. “As pessoas morreram, ou foram de fato subtraídas?”

“Não, elas não morreram... desapareceram muito estranhamente. Contar-lhe-ei os detalhes – por acaso, conheço-os com exatidão, pois, no primeiro caso, fiz uma visita oficial à casa, para coletar provas; e, embora eu não tenha estado lá no segundo, os documentos me foram encaminhados, e dei a carta oficial enviada aos parentes das pessoas que haviam desaparecido. Elas haviam peticionado ao governo para que ele investigasse o assunto. Recebemos cartas dos mesmos parentes mais de dois anos depois, as quais nos informaram que os homens desaparecidos nunca mais ressurgiram”.

O homem pegou uma pitada de rapé, e olhou fixamente para mim.

“Nunca mais! Relatarei tudo o que aconteceu, até onde pudemos descobrir. O nobre francês, que era o *Chevalier* Chateau Blassemare, havia, contrariamente à maioria dos *émigrés*, se antecipado, vendido uma

larga porção de seu patrimônio antes que a Revolução tivesse tornado isso quase impossível, e se exilado com uma larga quantia em dinheiro. Retornou com cerca de meio milhão de francos, a maioria dos quais investiu em fundos franceses; uma quantia muito maior permaneceu em terras e ações austríacas. O senhor observará então que aquele cavalheiro era rico, e não havia qualquer alegação de que tivesse perdido dinheiro, ou de que tivesse, de alguma maneira, contraído dívidas. Entende?”

Assenti.

“Os hábitos daquele cavalheiro não eram custosos em relação aos seus meios. Ele possuía acomodações adequadas em Paris; e, por algum tempo, a alta sociedade, os teatros e outros divertimentos moderados retiveram a sua atenção. Ele não jogava. Era um homem de meia-idade, que simulava a juventude, com as vaidades que são comuns em tais pessoas; mas, quanto ao resto, era uma pessoa gentil e polida, que não perturbava ninguém... uma pessoa, como o senhor vê, que dificilmente provocaria uma inimizade”.

“Certamente não”, concordei.

“No início do verão de 1811, ele recebeu uma autorização para copiar um quadro que se encontra nestes *salons*, e veio aqui, a Versalhes, com tal propósito. Seu trabalho avançava lentamente. Após algum tempo, deixou seu hotel aqui e se transferiu, a fim de mudar de ares, para o Dragon Volant; ali, escolheu especificamente o mesmo quarto que, por acaso, foi atribuído ao senhor. A partir daquele momento, ao que parece, ele pouco pintou; e raramente visitou suas acomodações em Paris. Certa noite, encontrou o hospedeiro do Dragon Volant, e lhe disse que iria a Paris, onde permaneceria por um dia ou dois, para tratar de um assunto muito particular; disse ainda que seu criado o acompanharia, mas que ele manteria seus aposentos no Dragon Volant, e retornaria em poucos dias.

Deixou algumas roupas no local, mas levou uma maleta, seu estojo de viagem e o resto, e, com seu criado na parte de trás de sua carruagem, partiu para Paris. Está acompanhando, *Monsieur*?”

“Muito atentamente”, respondi.

“Pois bem, *Monsieur*, ao aproximar-se de seu local de hospedagem, ele repentinamente mandou parar a carruagem, e disse ao seu criado que mudara de ideia; que dormiria em outro lugar naquela noite; que tinha um assunto muito particular no norte da França, não longe de Rouen; que partiria antes da alvorada; e que retornaria em quinze dias. Chamou um *fiacre*, agarrou uma bolsa de couro, a qual, segundo o criado, podia, quando muito, conter algumas poucas camisas e um casaco, mas era enormemente pesada, como ele mesmo pôde atestar, pois a segurou em suas mãos, enquanto seu senhor tirava da bolsa trinta e seis napoleões pelos quais o criado deveria prestar contas quando ele retornasse. Então, mandou que seu criado partisse na carruagem, enquanto ele, com a bolsa que mencionei, subiu no *fiacre*. Até este ponto, a história é absolutamente clara”.

“Perfeitamente”, concordei.

“É aqui que começa o mistério”, disse *Monsieur* Carmagnac. “Depois daquilo, o Conde Chateau Blassemare nunca mais foi visto, até onde sabemos, por algum conhecido ou amigo. Descobrimos que, no dia anterior, o corretor do Conde havia, por diretriz deste último, vendido todas as suas ações em fundos franceses, e lhe entregara todo o dinheiro adquirido. A razão que lhe deu para tal medida se conciliava com o que ele dissera a seu criado. Contou-lhe que ia para o norte da França para quitar algumas dívidas, e não sabia exatamente quanto aquilo poderia lhe custar. A bolsa, que desconcertara o criado por seu peso, continha, certamente, uma grande quantia em ouro. O senhor aceita um pouco?”

Ele educadamente me estendeu sua caixa de rapé aberta, da qual me servi, moderadamente.

“Uma recompensa foi oferecida”, continuou, “quando o inquérito foi aberto, para qualquer informação capaz de lançar alguma luz sobre o mistério, informação que poderia ser proporcionada pelo condutor do *fiacre* ‘empregado na noite de... e assim por diante’, ‘por volta das dez e meia, por um cavalheiro, com uma bolsa de viagem de couro preto em sua mão, que desceu de uma carruagem privada, e deu a seu criado algum dinheiro, que ele contou por duas vezes’. Cerca de cento e cinquenta condutores se apresentaram, mas nenhum deles era o homem em questão. Conseguimos, entretanto, encontrar uma curiosa e inesperada prova num campo absolutamente distinto. Que algazarra aquele incômodo arlequim faz com sua espada!”

“Intolerável!”, assenti.

O arlequim logo se foi, e meu interlocutor prosseguiu.

“A prova de que falo veio de um garoto, de cerca de doze anos de idade, que conhecia perfeitamente a aparência do Conde, por ter sido frequentemente empregado por ele como mensageiro. Ele afirmou que, por volta da meia-noite e meia, naquela mesma noite – sobre a qual, deve-se observar, pairava uma resplandecente lua –, ele fora enviado para buscar a *sage-femme*<sup>[24]</sup> que vivia à proximidade do Dragon Volant, para cuidar de sua mãe, que havia subitamente adoecido. A casa de seu pai, da qual ele partira, encontrava-se a uma milha, ou mais, de distância de tal estalagem; e, para alcançar esta última, ele devia circundar o parque do Château de la Carque, no ponto mais distante do local a que ele se dirigia. O caminho passa pelo velho cemitério de Saint-Aubin, o qual só se encontra separado da estrada por uma baixíssima cerca, e duas ou três enormes árvores. O garoto se sentiu um pouco nervoso ao aproximar-se daquele antigo

cemitério; e, sob o luminoso luar, viu um homem que ele distintamente reconheceu como o Conde, o qual era então chamado por um apelido que significa ‘o homem sorridente’. Ele parecia, porém, bastante pesaroso naquele momento, e estava sentado ao lado de uma lápide, sobre a qual colocara uma pistola, enquanto enfaticamente carregava outra.

“O garoto cautelosamente prosseguiu, sem fazer barulho, com os olhos continuamente voltados para o Conde Chateau Blassemare, ou o homem com quem ele o confundira; seus trajes não eram os que ele habitualmente vestia, mas a testemunha jurou que não podia estar enganada a respeito de sua identidade. O garoto disse que seu rosto parecia severo e soturno; mas, embora o homem não estivesse sorrindo, era o mesmo rosto que ele conhecia tão bem. Nada poderia convencê-lo do contrário. Se aquele realmente era o Conde, então aquela foi a última vez em que foi visto. Desde então, nunca mais se ouviu falar dele. Nada se disse a seu respeito nos arredores de Rouen. Não se encontraram evidências de sua morte, e não há sinal de que esteja vivo”.

“Este é certamente um caso muito singular”, repliquei, e estava prestes a fazer-lhe uma ou duas perguntas, quando Tom Whistlewick, que, sem que eu o notasse, estivera dando uma volta, retornou, muito mais alerta e muito menos embriagado.

“Digo, Carmagnac, que está ficando tarde, e que devo partir; realmente devo, pela razão que lhe indiquei... e, Beckett, devemos nos reencontrar em breve”.

“Lamento muito, *Monsieur*, que eu não possa, neste momento, relatar-lhe o outro caso, o do outro inquilino do mesmo quarto – um caso mais misterioso e sinistro que o último – e que ocorreu no outono do mesmo ano”.

“Fariam os senhores a gentileza de irem ambos jantar comigo no Dragon Volant amanhã?”

Assim, enquanto avançávamos pela “Galerie des Glaces”, obtive deles a promessa de que viriam.

“Por Júpiter!”, disse, em seguida, Whistlewick; “vejam aquele pagode, ou liteira, ou seja lá o que for, onde aqueles sujeitos o deixaram, e nenhum deles à proximidade! Não consigo imaginar como conseguem ler a sorte tão diabolicamente bem. Jack Nuffles – que conheci aqui, hoje à noite – disse que são ciganos. Onde será que estão? Aproximar-me-ei e espiarei o profeta”.

Eu o vi puxar as persianas, as quais eram mais ou menos construídas à maneira das venezianas; as cortinas vermelhas estavam no interior; mas elas não cederam, e ele pôde apenas espiar por baixo de uma delas, a qual não descia até o fim.

Quando tornou a juntar-se a nós, relatou: “Mal pude ver o velho, estava tão escuro. Ele está coberto de ouro e vermelho, e usa um chapéu bordado que se assemelha ao de um mandarim; ele está dormindo profundamente, e, por Júpiter, tem o cheiro de um tourão! Vale a pena ir até lá apenas para poder constatá-lo. Hum! Aquilo sim *é* perfume. Minha nossa!”

Não fazendo questão de aceitar aquele tentador convite, avançamos lentamente em direção à porta. Desejei-lhes boa noite, lembrando-os de sua promessa. E então, finalmente, alcancei minha carruagem, a qual logo se pôs em movimento, rumando lentamente para o Dragon Volant, na mais deserta das estradas, sob as velhas árvores e o suave luar.

Quantas coisas haviam ocorrido nas últimas duas horas! Que variedade de estranhas e vívidas imagens se amontoara naquele curto espaço de tempo! Que aventura me aguardava!

Como aquela silenciosa e deserta estrada, iluminada pela lua, contrastava com o frenético turbilhão de prazeres de cujas gargalhadas, música, luzes, diamantes e cores eu acabara de me livrar.

A visão da natureza solitária numa hora como aquela age como um súbito sedativo. A loucura e o sentimento de culpa de minha empresa me atingiram com momentâneos arrependimento e horror. Desejei jamais ter entrado no labirinto que me conduzia, sem que eu soubesse para onde. Era agora tarde demais para pensar nisso; mas a amargura já começava a se apoderar de mim; e, por alguns instantes, vagos pressentimentos pesaram em meu coração. Eu não teria resistido muito a revelar meu nada viril estado de espírito ao meu vivaz amigo Alfred Ogle, ou mesmo à moderada zombaria do agradável Tom Whistlewick.



## Capítulo XVI - O parque do Château de la Carque

Não havia perigo de que o Dragon Volant fechasse suas portas naquela ocasião antes de três ou quatro horas da manhã. Estavam ali acomodados muitos criados de pessoas importantes, as quais não deixariam o baile senão no último momento, de modo que eles não poderiam retornar aos seus cantos no Dragon Volant até que seus últimos serviços fossem prestados.

Eu sabia, portanto, que teria um tempo considerável para minha misteriosa excursão, sem despertar curiosidade por encontrar-me trancado do lado de fora.

Estávamos agora parados sob a cobertura de galhos, diante do emblema do Dragon Volant e da luz que brilhava através de sua entrada principal.

Dispensei minha carruagem, subi correndo pela larga escadaria, com a máscara em minha mão, e meu dominó esvoaçante à minha volta, e entrei em meu espaçoso quarto. O lambri preto e a mobília imponente, com as cortinas escuras da altíssima cama, tornavam a noite ali ainda mais sombria.

Um feixe oblíquo do luar projetava-se sobre o piso através da janela, à qual apressadamente me dirigi. Olhei para a paisagem que

repousava sob aqueles raios prateados. Ali emergia o contorno do Château de la Carque, suas chaminés e diversos torreões, com seus telhados em forma de apagador de velas, contra o céu cinza pálido. Ali também, mais próximo, a meio-caminho entre a janela pela qual eu olhava e o castelo, mas um pouco mais à esquerda, identifiquei as tufosas massas do arvoredado que a dama mascarada apontara como local de encontro, onde eu e a linda Condessa deveríamos nos reunir naquela noite.

Usei como “ponto de referência” aquele sombrio pedaço de floresta, cuja folhagem brilhava levemente no topo, sob o efeito do luar.

Podeis adivinhar com que estranho interesse e com que turgência do coração eu contemplava o cenário desconhecido de minha vindoura aventura.

O tempo, porém, voava, e a hora do encontro se aproximava. Atirei meu roupão sobre o sofá; apanhei um par de botas, para substituir aqueles finos sapatos sem salto que, naqueles dias, eram chamados *pumps*, e sem os quais nenhum cavalheiro podia comparecer a uma festa de gala. Coloquei meu chapéu e, por fim, peguei um par de pistolas carregadas, as quais, tinham-me avisado, constituíam companhias satisfatórias no estado então instável da sociedade francesa, quando levadas de soldados debandados, alguns deles, supostamente, personagens desesperadas, podiam ser encontradas por toda parte. Feitos esses preparativos, confesso ter levado um espelho até a janela para ver que aparência eu tinha sob o luar; satisfeito, recoloquei-o em seu lugar, e saí correndo escadas abaixo.

No saguão, chamei meu criado.

“Saint-Clair”, eu disse; “pretendo fazer um pequeno passeio ao luar, de apenas dez minutos, aproximadamente. Não debes deitar-te até que eu retorne. Se a noite se revelar belíssima, poderei eventualmente estender um pouco minha caminhada”.

Então, detive-me sobre os degraus, olhando primeiramente por sobre meu ombro direito, e, em seguida, por sobre o esquerdo, tal qual um homem inseguro quanto a qual direção tomar; finalmente, saí pela estrada, ora observando a lua, ora as finas nuvens brancas na direção oposta, assobiando, o tempo todo, uma melodia que escutara num teatro.

Ao chegar a algumas centenas de jardas de distância do Dragon Volant, minha cantoria cessou completamente; virei-me, e olhei bruscamente para a estrada, a qual, sob a lua, parecia tão branca quanto geada; vi a cumeeira da velha estalagem, e uma janela, parcialmente dissimulada pela folhagem, de onde brilhava uma luz crepuscular.

Nenhum passo se fazia ouvir; não havia nenhum sinal de fisionomia humana. Havendo luz suficiente para tal, consultei meu relógio. Faltavam agora apenas oito minutos para a hora marcada. Naquele ponto, um espesso manto de hera cobria a parede, e formava uma cabeça ramalhada no topo.

Aquilo me proporcionava recursos para escalar a parede, e uma cortina parcial para minhas operações, caso algum olhar estivesse fortuitamente voltado para aquele lado. E agora lá estava eu, no parque do Château de la Carque, o mais nefando caçador a invadir as terras de um desprevenido lorde!

Diante de mim, erguia-se o arvoredado indicado, o qual parecia tão preto quanto um tufo de gigantescas penas de carro fúnebre. Ele parecia elevar-se cada vez mais a cada passo; e projetar uma sombra cada vez mais larga e escura na direção de meus pés. Eu continuava avançando, e fiquei feliz ao mergulhar na sombra que me ocultava. Encontrava-me agora entre os grandes e velhos limoeiros e castanheiros – e a expectativa acelerava os batimentos de meu coração.

Havia uma pequena abertura no arvoredor, perto do centro; e eis que, naquele espaço clareado, havia, cercado de um lance de degraus, um pequeno templo ou santuário grego, com uma estátua no meio. Era feito de mármore branco com colunas coríntias caneladas, e as fissuras estavam preenchidas de grama; musgo surgira sobre o pedestal e a cornija, e sinais de longo descuido e deterioração eram aparentes em seu descolorido e gasto mármore. A alguns poucos passos dos degraus, uma fonte, alimentada pelos grandes lagos do outro lado do castelo, produzia um tinido e um respingo constantes numa larga bacia de mármore, e o jato de água brilhava como uma chuva de diamantes sob o fragmentado luar. O estado de abandono e de ruína parcial de tudo aquilo apenas tornava o cenário mais belo, assim como mais triste. Eu aguardava com demasiada atenção a chegada da dama, olhando na direção do castelo, para poder examinar aquelas coisas; mas seu efeito, mesmo parcialmente sentido, era romântico, e evocava, de algum modo, a gruta, a fonte e a aparição de Egéria<sup>[75]</sup>.

Enquanto eu observava, uma voz falou comigo, um pouco atrás de meu ombro esquerdo. Virei-me, quase com um sobressalto, e a máscara, na fantasia de Mademoiselle de la Vallière, encontrava-se ali diante de mim.

“A Condessa estará aqui em instantes”, ela disse. A dama estava imóvel naquele espaço aberto, e a luz do luar caía vigorosamente sobre ela. Nada poderia ser mais vistoso; sua fisionomia parecia mais graciosa e elegante do que nunca. “Enquanto isso, devo contar-lhe algumas peculiaridades da situação dela. Está infeliz, desolada num casamento mal-arranjado, com um tirano ciumento que agora deseja obrigá-la a vender seus diamantes, os quais...”

“Valem trinta mil libras esterlinas. Fiquei sabendo de tudo por meio de um amigo. Posso ajudar a Condessa em sua desigual batalha? Quanto

maior o perigo ou o sacrifício, maior felicidade isso me trará. *Posso ajudá-la?*”

“Se o senhor despreza um perigo... o qual, no entanto, não é um perigo; se o senhor despreza, como ela, os tirânicos cânones do mundo; e se o senhor é suficientemente cavalheiresco para dedicar-se à causa de uma dama, sem outra recompensa além de sua mera gratidão; se puder fazer essas coisas, então sim, o senhor pode ajudá-la, e conquistar com isso um lugar primordial, não apenas em sua gratidão, mas em sua amizade”.

Após pronunciar tais palavras, a dama mascarada se virou e pareceu cair em prantos.

Jurei tornar-me o escravo voluntário da Condessa. “Porém”, acrescentei, “a senhora disse que ela logo estaria aqui”.

“Isto é, se nenhum imprevisto vier a acontecer; mas com o Conde de Saint-Alyre na casa, e seus olhos sempre abertos, é raramente seguro sair”.

“Ela deseja me ver?”, perguntei, com doce hesitação.

“Antes de mais nada, diga-me: o senhor realmente pensou nela, mais de uma vez, desde a aventura na Belle Étoile?”

“Ela jamais abandona meus pensamentos; dia e noite, seus lindos olhos me assombram; sua doce voz sempre ecoa em meus ouvidos”.

“Dizem que a minha se assemelha à dela”, disse a máscara.

“É verdade”, respondi. “Mas trata-se apenas de uma semelhança”.

“Oh! Então a minha é melhor?”

“Perdoe-me, *Mademoiselle*, não foi *isso* o que eu disse. A voz de *Mademoiselle* é doce, mas, acredito, um pouco mais aguda”.

“Em outras palavras, um pouco mais estridente”, respondeu La Vallière, que me pareceu bastante ofendida.

“Não, não mais estridente: sua voz não é estridente, é lindamente doce; mas não tão pateticamente doce como a dela”.

“Isso é preconceito, *Monsieur*; não é verdade”.

Inclinei-me; não podia contradizer uma dama.

“Vejo que *Monsieur* ri de mim; acredita que sou fútil, porque afirmo ser, em alguns pontos, igual à Condessa de Saint-Alyre. Desafio-o a negar que minha mão, pelo menos, seja tão bela quanto a dela”. Ao pronunciar tais palavras, tirou sua luva, e exibiu sua mão, com o dorso para cima, iluminado pelo luar.

A dama parecia realmente enfurecida. Aquilo era pouco digno e irritante, pois, naquela competição sem interesse, o tempo voava, e minha entrevista aparentemente não levava a nada.

“O senhor admitirá então que minha mão é tão bela quanto a dela?”

“Não o posso admitir. Mademoiselle”, eu disse, com a honestidade da irritação. “Não entrarei em comparações, mas a Condessa de Saint-Alyre é, em todos os aspectos, a mais bela dama que já vi”.

A máscara riu friamente, e, depois, num tom cada vez mais suave, disse, com um suspiro: “Provarei tudo o que digo”. Ao pronunciar tais palavras, retirou a máscara: a Condessa de Saint-Alyre, sorridente, confusa, acanhada, e mais bela do que nunca, revelou-se diante de mim!

“Meu Deus!”, exclamei. “Como pude ser tão monstruosamente estúpido! Foi com *Madame la Comtesse*<sup>[76]</sup> que conversei por tanto tempo no *salon*!” Observei-a em silêncio. E com um baixo e suave riso de gentileza, ela estendeu sua mão. Peguei-a, e a levei aos meus lábios.

“Não, o senhor não deve fazer isso”, ela disse em voz baixa, “ainda não somos amigos há tempo suficiente. Parece-me que, embora tenha se enganado, o senhor se lembra da Condessa da Belle Étoile, e que o senhor é um campeão verdadeiro e destemido. Tivesse o senhor se rendido às

pretensões há pouco lançadas pela rivalidade de *Mademoiselle* de la Vallière, em sua máscara, a Condessa de Saint-Alyre nunca mais teria confiado no senhor ou desejado encontrá-lo. Estou agora certa de que o senhor é sincero, assim como corajoso. O senhor sabe agora que não o esqueci; e, além disso, que, se arriscar sua vida por mim, eu também enfrentaria algum perigo para não perder meu amigo para sempre. Não me restam mais do que alguns momentos. Virá o senhor a este local amanhã à noite, às onze horas e quinze minutos? Estarei aqui nesse horário; *Monsieur* deve tomar o mais escrupuloso cuidado para evitar qualquer suspeita de que tenha vindo aqui. *O senhor me deve isso*”.

Ela pronunciou estas últimas palavras com a mais solene súplica.

Jurei sucessivas vezes que preferia morrer a permitir que a menor temeridade pusesse em perigo o segredo que deu à minha vida todo o seu interesse e todo o seu valor.

Ela se tornava, pensei, mais bela a cada momento. Meu entusiasmo se expandia na mesma proporção.

“O senhor deve vir amanhã à noite por um caminho diferente”, ela disse; “e, se vier mais uma vez, poderemos alterá-lo novamente. Do outro lado do castelo, há um pequeno cemitério, com uma capela em ruínas. Os vizinhos têm medo de passar por lá à noite. A estrada é deserta naquele local, e uma passagem no muro dá acesso a este terreno. Atravesse-a e encontrará um bosque, a cinquenta passos deste ponto”.

Prometi, é claro, observar integralmente suas instruções.

“Vivi por mais de um ano na agonia da indefinição. Finalmente, tomei uma decisão. Vivi uma vida melancólica; uma vida mais solitária do que a que se vive no claustro. Não tive ninguém com quem me confidenciar; ninguém para aconselhar-me; ninguém para salvar-me dos horrores de minha existência. Finalmente, encontrei um corajoso e solícito

amigo. Por acaso esquecerei algum dia a heroica cena da Belle Étoile? Teria o senhor... terias realmente guardado a rosa que te dei, quando nos separamos? Sim... juras que sim. Não é preciso; confio em ti. Richard, quantas vezes, em minha solidão, repeti teu nome, o qual descobri por meio de meu criado. Richard, meu herói! Ó, Richard! Ó, meu rei! Eu te amo!”

Eu a teria pregado em meu coração... ter-me-ia atirado aos seus pés. Mas aquela bela e, como dizer, inconsistente mulher me repeliu.

“Não, não devemos desperdiçar nossos momentos com extravagâncias. Entende minha situação. Não existe indiferença na condição de uma pessoa casada. Não amar o próprio marido”, ela continuou, “é odiá-lo. O conde, ridículo em todos os demais aspectos, é formidável em seu ciúme. Assim, por piedade de mim, sê cuidadoso. Simula, diante de todos com quem conversar, a mais completa ignorância sobre todas as pessoas do Château de la Carque; e, se alguém em tua presença mencionar o Conde ou a Condessa de Saint-Alyre, certifica-te de dizer que jamais viu qualquer um dos dois. Terei mais a dizer amanhã à noite. Tenho razões, que não posso explicar, para tudo o que faço, e para tudo o que postergo. Até breve. Vai! Deixa-me”.

Ela gesticulou peremptoriamente para que eu me afastasse. Ecoei seu “até breve”, e obedeci.

Aquela conversa não durara, acredito, mais do que dez minutos. Escalei novamente o muro do parque, e alcancei o Dragon Volant antes que suas portas fossem fechadas.

Deitei-me em minha cama, acordado, numa febre de exaltação. Continuei a ver, até que despontasse a alvorada, a linda Condessa de Saint-Alyre, sempre no escuro, diante de mim.



## Capítulo XVII - O ocupante do palanquim

O Marquês veio ver-me no dia seguinte. Meu café da manhã tardio ainda estava sobre a mesa.

Ele viera, disse, pedir-me um favor. Um acidente ocorrera com sua carruagem em meio à multidão que deixava o baile, e ele implorou, caso eu me dirigisse a Paris, por um assento na minha – era o caso, e fiquei feliz por contar com sua companhia. Acompanhou-me até meu hotel; subimos até meus aposentos. Fiquei surpreso ao ver um homem sentado numa poltrona, de costas para nós, lendo um jornal. Levantou-se. Era o Conde de Saint-Alyre, com seus óculos de ouro sobre o nariz; e sua peruca preta, com cachos oleosos, disposta em cima de sua estreita cabeça, assemelhando-se a ébano entalhado num repulsivo rosto de buxo. Seu cachecol preto tinha sido abaixado. Seu braço direito estava apoiado numa tipoia. Não sei se havia algo de incomum em seu semblante naquele dia, ou se não era nada mais do que o efeito do preconceito emergindo de tudo o que eu ouvira em meu misterioso encontro em seu parque, mas pareceu-me que seu semblante estava mais marcadamente ameaçador do que eu tinha visto antes.

Eu não era um pecador suficientemente calejado para encontrar tão repentinamente aquele homem, ferido ao menos na intenção, sem um distúrbio momentâneo.

Ele sorriu.

“Vim, *Monsieur* Beckett, na esperança de encontrá-lo aqui”, ele rouquejou, “e pensei tomar uma grande liberdade, mas talvez meu amigo, o Marquês d’Harmonville, com quem eu talvez tenha algum crédito, possa dar-me a assistência de que tanto necessito”.

“Com grande prazer”, disse o Marquês, “mas apenas após as seis horas. Devo agora comparecer a uma reunião de três ou quatro pessoas que não devo desapontar, e sei perfeitamente que não poderemos nos separar mais cedo”.

“O que devo fazer então?”, exclamou o Conde. “Uma hora teria bastado para tudo. Teria algum dia havido um *contretemps*<sup>[77]</sup> mais infeliz?”

“Dar-lhe-ei uma hora com prazer”, eu disse.

“Quanta bondade sua, *Monsieur*! Mal ousou solicitá-la. O assunto, para um homem tão jovial e encantador como *Monsieur* Beckett, é um pouco *funeste*<sup>[78]</sup>. Peço-lhe que leia este bilhete, que me foi entregue esta manhã”.

Aquilo certamente não era aprazível. Era um bilhete informando que o corpo do primo do Conde, *Monsieur* de Saint-Amand, que morrera em sua casa, o Château Clery, havia sido, em conformidade com instruções por ele deixadas por escrito, enviado para ser enterrado no Père-Lachaise, e, com a permissão do Conde de Saint-Alyre, chegaria à residência deste último (o Château de la Carque) por volta das dez horas da noite seguinte, para ser então conduzido num carro fúnebre, com quaisquer membros da família que desejassem comparecer ao funeral.

“Não cheguei a ver esse pobre cavalheiro duas vezes em minha vida”, disse o Conde, “mas, não possuindo ele outro parente, eu dificilmente poderia declinar, por mais desagradável que isto seja; desejo, portanto, ir ao escritório, para que o registro seja assinado, e a ordem

cumprida. Mas eis outra infelicidade. Por azar, torci meu polegar, e não posso assinar meu nome por uma semana. Não obstante, um nome servirá tanto quanto outro. O seu tanto quanto o meu. E como o senhor tem a bondade de me acompanhar, tudo dará certo”.

Partimos. O Conde me deu um informe com o nome e o sobrenome do falecido, sua idade, a causa de sua morte, e os detalhes habituais; havia, além disso, uma observação sobre a exata posição em que uma sepultura de tipo simples e ordinário, cujas dimensões eram descritas, havia de ser cavada, entre duas criptas pertencentes à família Saint-Amand. O funeral, conforme estava exposto, ocorreria a uma hora e meia da madrugada (na noite subsequente à próxima); ele me entregou então o dinheiro, com taxas adicionais, para o enterro noturno. Era uma soma importante; perguntei-lhe, visto que deixava o assunto todo em minhas mãos, em nome de quem eu deveria tomar o recibo.

“Não no meu, meu caro amigo. Queria que eu me tornasse testamenteiro, atribuição da qual, ontem, declinei por escrito; e estou informado de que, caso o recibo seja emitido em meu nome, isso me constituiria em testamenteiro aos olhos da lei, e me fixaria nessa posição. Peço-lhe que o tome, se não tiver objeção, em seu próprio nome”.

Assim procedi.

Vereis, mais tarde, por que sou obrigado a mencionar todos esses detalhes.

Entrementes, o Conde descansava na carruagem, com seu cachecol de seda preta erguido até o nariz, e seu chapéu dissimulando-lhe os olhos, enquanto cochilava em seu canto, estado em que o encontrei ao retornar.

Paris perdera seu encanto para mim. Cumpri apressadamente os pequenos compromissos que havia assumido, e ansiei novamente por meu tranquilo quarto no Dragon Volant, a melancolia dos bosques do Château

de la Carque, e a tumultuosa e excitante influência da proximidade ao objeto de meu desenfreado, e vicioso, romance.

Fui retido por algum tempo por meu corretor. Eu tinha, como disse, uma grandíssima quantia depositada, e não investida, junto ao meu banqueiro. Importavam-me muito pouco os juros de alguns dias – e muito pouco a quantia inteira, comparada à imagem que ocupava meus pensamentos, e acenava para mim com um braço alvo, em meio à escuridão, na direção dos limoeiros e castanheiros do Château de la Carque. Mas eu fixara aquele dia para encontrá-lo, e fiquei aliviado quando me aconselhou a deixar tudo nas mãos de meu banqueiro por mais alguns dias, visto que os fundos certamente cairiam de imediato. Tal acontecimento tampouco deixaria de repercutir em minhas subsequentes aventuras.

Para minha grande tristeza, ao retornar ao Dragon Volant, encontrei, em minha sala de estar, meus dois convidados, dos quais me tinha completamente esquecido. Amaldiçoei no meu íntimo minha própria estupidez por ter me embaraçado com sua agradável companhia. Aquilo, porém, não podia mais ser evitado, e uma palavra aos serventes permitiu que tudo fosse organizado para o jantar.

Tom Whistlewick demonstrava grande vigor; e pôs-se quase imediatamente a contar uma estranhíssima história.

Disse-me que não apenas Versalhes, mas Paris inteira estava em polvorosa, em razão de uma revoltante, e quase sacrílega, peça pregada na noite anterior.

O pagode, como ele persistia em chamar o palanquim, havia sido deixado no último local em que o havíamos visto. Nem o conjurador, nem o assistente, nem os carregadores haviam retornado. Quando se encerrou o

baile, e os convidados finalmente se retiraram, os criados que vieram apagar as luzes, e trancar as portas, o encontraram ainda ali.

Foi decidido, entretanto, que fosse deixado onde estava até a manhã seguinte, quando se imaginou que os donos enviariam mensageiros para removê-lo.

Ninguém veio. Os criados receberam então a ordem de retirá-lo; e seu peso extraordinário os lembrou, pela primeira vez, de seu esquecido ocupante humano. A porta foi forçada; e imagine qual não foi seu desgosto quando descobriram, não um homem vivo, mas um cadáver! Três ou quatro dias deviam ter passado desde a morte do robusto homem de túnica chinesa e chapéu pintado. Algumas pessoas pensaram tratar-se de um truque concebido para insultar os Aliados<sup>[79]</sup>, em cuja homenagem o baile fora organizado. Outros sustentaram não tratar-se de nada além de um atrevido e cínico gracejo que, por mais chocante que fosse, poderia ser perdoado como efeito da embriaguez e da irrefreável bufonaria da juventude. Outros ainda, menos numerosos e com inclinações místicas, insistiram que o corpo era efetivamente necessário à exibição, e que as revelações e alusões que maravilharam tantas pessoas se deviam claramente à necromancia.

“O assunto, porém, está agora nas mãos da polícia”, observou *Monsieur* Carmaignac, “e não seremos mais dignos de nossa reputação, se os transgressores da propriedade e do sentimento público não forem identificados e condenados, a menos, é claro, que tenham sido muito mais astutos do que esses tolos geralmente são”.

No meu íntimo, eu pensava em como havia sido absolutamente inexplicável meu colóquio com o conjurador, tão arrogantemente relegado por *Monsieur* Carmaignac à condição de “tolo”; e quanto mais eu pensava, mais maravilhoso aquilo me parecia.

“Certamente, foi uma piada original, embora um tanto questionável”, disse Whistlewick.

“Nem sequer original”, disse Carmagnac. “Praticamente a mesma coisa foi feita, há aproximadamente cem anos, num baile público em Paris; e os marotos que pregaram a peça jamais foram encontrados”.

Quanto a isso, *Monsieur* Carmagnac, como eu descobriria mais tarde, dizia a verdade; pois, entre meus livros de anedotas e memórias francesas, o mesmo incidente se encontra grifado por minha própria mão.

Enquanto conversávamos, o criado nos disse que o jantar estava servido, e, por conseguinte, sentamo-nos à mesa; meus convidados mais do que compensavam minha comparativa taciturnidade.

## Capítulo XVIII - O cemitério

Nosso jantar, assim como os vinhos, estava delicioso; melhor, talvez, naquela remota estalagem do que em alguns dos mais pretenciosos hotéis em Paris. O efeito moral de um ótimo jantar é imenso – e todos o sentimos. A serenidade e a amabilidade que o seguem são mais sólidas e confortáveis do que as tumultuosas benevolências de Baco.

Meus amigos estavam alegres, e, portanto, muito tagarelas, o que me eximiu da obrigação de falar, e os incitou a continuamente entreterem a mim e um ao outro com agradáveis anedotas e diálogos, dos quais, devo confessar, não ouvi praticamente nada, tanto meus pensamentos estavam voltados para outro lugar, até que subitamente emergiu um assunto que me interessava poderosamente.

“Sim”, disse Carmagnac, continuando a conversa que me escapara, “houve, além daquele nobre russo, outro caso, ainda mais estranho. Lembrei-me dele esta manhã, mas não consigo recordar-me do nome. Era um inquilino do mesmíssimo quarto. A propósito, *Monsieur*, não seria melhor”, acrescentou, virando-se para mim, rindo, em tom aparentemente jocoso, mas com a mais absoluta seriedade, “que o senhor viesse a ocupar outro apartamento, agora que a casa não está mais lotada? Isto é, se o senhor ainda pretende hospedar-se aqui”.

“Muito obrigado, mas não! Estou pensando em trocar de hotel; e posso facilmente dirigir-me à cidade à noite; ademais, embora eu permaneça aqui pelo menos esta noite, não espero desaparecer como os outros. Não obstante, o senhor diz que há outra aventura, da mesma espécie, relacionada ao mesmo quarto. Permita-nos ouvi-la. Antes, porém, tome algum vinho”.

A história que contou era curiosa.

“Tudo aconteceu”, disse Carmagnac, “tanto quanto me lembro, antes dos demais casos. Um cavalheiro francês – eu gostaria de lembrar-me de seu nome – filho de um mercador, veio a esta estalagem (o Dragon Volant), e foi acomodado pelo senhorio no mesmo quarto de que temos falado. *Seu* apartamento, *Monsieur*. Ele de modo nenhum era jovem – passava dos quarenta – e estava longe de ser bem-apessoado. As pessoas daqui disseram que era o homem mais feio, e o mais amável, que já vivera. Tocava violino, cantava e compunha poesia. Seus hábitos eram estranhos e erráticos. Por vezes, permanecia sentado o dia todo em seu quarto escrevendo, cantando e tocando violino, saindo apenas à noite para uma caminhada. Um homem excêntrico! Ele não era, de modo algum, um milionário, mas possuía um *modicum bonum*, entende? Pouco mais de meio-milhão de francos. Ele consultou seu corretor sobre investir seu dinheiro em ações estrangeiras, e retirou toda a quantia depositada junto ao seu banqueiro. O senhor sabe agora como estavam as coisas quando a catástrofe ocorreu”.

“Por favor, encha o seu copo”, eu disse.

“Coragem holandesa<sup>[80]</sup>, *Monsieur*, para enfrentar a catástrofe!”, disse Whistlewick, enchendo seu copo.

“Bem, aquela foi a última vez que se ouviu falar de seu dinheiro”, retomou Carmagnac. “O senhor ouvirá agora a respeito do homem em si



mesmo. Na noite após aquela operação financeira, ele foi tomado por um frenesi poético: mandou chamar aquele que era então o senhorio desta casa, e lhe disse que por muito tempo concebera um poema épico, que pretendia iniciá-lo naquela noite, e que, em nenhuma circunstância, ele deveria ser perturbado antes de nove horas da manhã. Ele possuía dois pares de velas, uma pequena ceia fria numa mesa lateral, uma escrivaninha aberta, papel suficiente sobre esta última para conter a *Henriade*<sup>[81]</sup> inteira, e uma proporcional provisão de penas e tinta.

“Sentado diante de sua escrivaninha, ele foi visto pelo servente que veio trazer-lhe uma xícara de café às nove horas, horário em que, segundo o intruso, ele escrevia rápido o suficiente para incendiar o papel – esta foi a frase que ele usou. Ele não ergueu a cabeça, e parecia excessivamente absorto. Porém, quando o servente retornou, cerca de uma hora depois, a porta estava trancada; e o poeta, de dentro, respondeu que não deveria ser perturbado.

“O *garçon* foi-se embora, e, na manhã seguinte, às nove horas, tornou a bater em sua porta; não recebendo resposta, olhou pelo buraco da fechadura; as luzes ainda queimavam, e as janelas estavam fechadas, como ele as havia deixado; bateu novamente, e ainda mais forte, sem que houvesse resposta. Ele relatou aquele contínuo e alarmante silêncio ao estalajadeiro, o qual, percebendo que seu hóspede não deixara sua chave na fechadura, conseguiu encontrar outra que a abrisse. As velas começavam a ceder em seu encaixe, mas havia luz suficiente para constatar que o ocupante do quarto havia partido! A cama não havia sido desfeita; a janela estava vedada. Ele deve ter saído e, trancando a porta do lado de fora, colocado a chave em seu bolso, antes de deixar a casa. Aqui, porém, havia outra dificuldade: o Dragon Volant fechou suas portas e deixou tudo trancado à meia-noite; após esse horário, ninguém mais podia

deixar a casa, senão obtendo a chave, abrindo por si mesmo a porta, e necessariamente deixando esta última destrancada, ou então recorrendo a algum conluio ou ajuda de outra pessoa na casa.

“Ora, aconteceu que, algum tempo após o trancamento das portas, à meia-noite e meia, um criado que não tinha sido notificado da ordem do hóspede de não ser perturbado, vendo uma luz brilhar através do buraco da fechadura, bateu na porta para indagar se o poeta desejava alguma coisa. Este último mostrou-se muito pouco obsequioso com seu perturbador, e o dispensou com um novo aviso de que não devia ser novamente interrompido naquela noite. Aquele incidente atestou o fato de que ele ainda estava na casa depois que as portas tinham sido trancadas e vedadas. O próprio estalajadeiro ficou com as chaves, e jurou tê-las encontrado pela manhã penduradas na parede, em seu lugar habitual, acima de sua cama; assegurou que ninguém as poderia ter subtraído sem despertá-lo. Isso é tudo o que pudemos descobrir. O Conde de Saint-Alyre, a quem esta casa pertence, mostrou-se muito solícito e consternado. Mas nada foi descoberto”.

“E desde então não se ouviu mais nada a respeito do poeta épico?”, perguntei.

“Nada, nem mesmo a menor pista; ele jamais tornou a aparecer. Suponho que esteja morto; se não estiver, deve ter caído numa diabólica enrascada, a respeito da qual não ouvimos nada, e que o compeliu a sumir com todo o sigilo e toda a prontidão possíveis. Tudo o que sabemos com certeza é que, tendo ocupado o quarto em que o senhor dorme, ele desapareceu, ninguém jamais soube como, e, desde então, nunca mais se ouviu falar dele”.

“O senhor mencionou três casos até aqui”, eu disse, “e todos ocorridos no mesmo quarto”.

“Três, sim, e todos igualmente ininteligíveis. Quando homens são assassinados, a grande e imediata dificuldade que os assassinos encontram é como ocultar o corpo. É muito difícil acreditar que três pessoas tenham sido consecutivamente assassinadas no mesmo quarto, e seus corpos tão eficientemente descartados que nenhum vestígio deles jamais tenha sido encontrado”.

Passamos então para outros tópicos, e o austero *Monsieur* Carmagnac nos entreteve com uma coleção absolutamente prodigiosa de anedotas escandalosas, que suas oportunidades no departamento de polícia lhe haviam permitido acumular.

Felizmente, meus convidados tinham compromissos em Paris, e me deixaram por volta das dez horas.

Subi ao meu quarto, e olhei pela janela para o terreno do Château de la Carque. O luar se encontrava parcialmente dissimulado pelas nuvens, e, naquela luminosidade inconsistente, a vista do parque adquiria um caráter melancólico e fantástico.

As estranhas anedotas relatadas por *Monsieur* Carmagnac sobre o quarto em que eu me encontrava retornaram vagamente à minha mente, afogando em repentinas sombras a alegria das histórias mais frívolas que ele contara em seguida. Olhei ao meu redor para aquele quarto tomado por uma ameaçadora obscuridade, com uma sensação quase desagradável. Apanhei minhas pistolas, agora com um indefinido receio de que elas realmente pudessem ser necessárias naquela noite, antes do meu retorno. Tal sentimento, que fique claro, absolutamente não arrefeceu meu ardor. Nunca dantes meu entusiasmo se elevara àquelas alturas. Minha aventura me absorvia e me arrastava; mas aquilo acrescentava uma estranha e implacável excitação à expedição.

Perambulei por algum tempo em meu quarto. Eu me certificara do exato ponto em que o pequeno cemitério estava situado. Ele se encontrava a cerca de uma milha de distância. Eu não desejava alcançá-lo mais cedo do que o necessário.

Deixei silenciosamente a casa e caminhei pela estrada à minha esquerda, para então entrar numa trilha mais estreita, também à minha esquerda e que, contornando o muro do parque e descrevendo uma rota tortuosa por todo o caminho, sob grandes e velhas árvores, passava pelo antigo cemitério. Este último se encontrava coberto de árvores, e ocupava pouco mais de metade de um acre de terra à esquerda da estrada, interpondo-se entre esta última e o parque do Château de la Carque.

Ali, naquele local assombrado, detive-me e escutei. O lugar estava completamente silencioso. Uma nuvem espessa escurecera a lua, de modo que eu podia distinguir pouco mais do que o contorno de objetos próximos, e isso de modo bastante vago; por vezes, como que flutuando numa névoa preta, emergia a superfície branca de uma lápide.

Entre as formas percebidas pelos meus olhos, contra o cinza metálico do horizonte, estavam alguns daqueles arbustos ou árvores que, assim como nossos juníperos, chegam aos seis pés de altura<sup>[82]</sup>, assumindo a forma de um álamo em miniatura, mas com a folhagem mais sombria de um teixo. Não conheço o nome da planta, mas a vi com frequência em lugares fúnebres como aquele.

Sabendo que eu estava um tanto adiantado, sentei-me sobre a borda de uma lápide para aguardar, pois, tanto quanto eu sabia, a bela Condessa podia ter boas razões para não querer que eu adentrasse o terreno do castelo mais cedo do que ela indicara. No estado de apatia induzido pela espera, permaneci sentado ali, com meus olhos voltados para o objeto diante de mim, que por acaso era aquele tênue contorno preto que

descrevi. Ele estava logo à minha frente, a meia dúzia de passos de onde eu me encontrava.

A lua começava agora a escapar de trás da nuvem que por tanto tempo lhe dissimulara o rosto; e, à medida que a luminosidade se intensificava, a árvore que eu vinha indolentemente contemplando passou a adquirir uma nova forma. Não era mais uma árvore, mas um homem absolutamente estático. Quanto mais brilhava o luar, mais nítida se tornava a imagem, até que ela finalmente se revelou com a mais perfeita distinção. Era o Coronel Gaillarde.

Felizmente, ele não olhava em minha direção. Eu podia apenas vê-lo de perfil; mas não havia como confundir o bigode branco, o rosto *farouche*<sup>[83]</sup>, e a delgada estatura de seis pés. Ali estava ele, com seu ombro voltado para mim, ouvindo e procurando, claramente, por algum sinal ou pessoa esperada, diretamente à sua frente.

Se, por ventura, ele voltasse os olhos para a minha direção, eu sabia que teria de contar com uma instantânea reprise do combate apenas iniciado no saguão da Belle Étoile. Em todo caso, poderia a maligna fortuna ter colocado, naquele lugar e naquela hora, um observador mais perigoso? Que êxtase para ele, com uma única descoberta, atingir-me com tanta força e estilhaçar a Condessa de Saint-Alyre, a quem ele parecia odiar.

Ele ergueu seu braço, e assobiou suavemente; ouvi, em resposta, um assovio igualmente baixo; e, para meu alívio, o Coronel avançou na direção daquele som, ampliando, a cada passo, a distância que nos separava; logo depois, ouvi-o falar, mas em tom baixo e cauteloso.

Assim mesmo, pensei ter reconhecido a peculiar voz de Gaillarde.

Desloquei-me silenciosamente na direção em que aqueles sons eram audíveis. Ao fazê-lo, eu tinha, é claro, de empregar a mais extrema

cautela.

Pensei ter visto um chapéu sobre um pedaço irregular de muro deteriorado, e então um segundo – sim, vi dois chapéus conversando; as vozes vinham de baixo deles. Eles se deslocaram, não na direção do parque, mas na da estrada, enquanto eu permanecia deitado sobre a grama, espiando por sobre uma sepultura, como faria um escaramuçador, ao observar o inimigo. Uma após a outra, as figuras emergiram a olhos vistos, ao escalarem a amurada à beira da estrada. O Coronel, que apareceu por último, permaneceu sobre o muro por algum tempo, olhando à sua volta, e então saltou sobre a estrada. Ouvi seus passos e sua conversa enquanto caminhavam juntos, de costas para mim, na direção que os levava para longe do Dragon Volant.

Esperei até que aqueles sons se esvanecessem inteiramente com o distanciamento para então entrar no parque. Segui as instruções que recebera da Condessa de Saint-Alyre, e abri caminho pelo matagal até o ponto mais próximo do arruinado templo; então, rapidamente atravessei o curto espaço aberto que me separava deste último.

Eu estava agora, mais uma vez, sob os gigantescos ramos dos velhos limoeiros e castanheiros; suavemente, e com um coração palpitante, aproximei-me da pequena estrutura.

A lua agora brilhava firmemente, derramando seu fulgor sobre a suave folhagem, e mosqueando, aqui e ali, a verdura sob os meus pés.

Alcancei os degraus do velho templo; encontrava-me agora entre os seus gastos pilares de mármore. Ela não estava lá, tampouco estava no santuário interno, cujas janelas arqueadas estavam quase inteiramente cobertas por massas de hera. A dama ainda não chegara.

## Capítulo XIX - A chave

Eu me encontrava agora sobre os degraus, observando e escutando. Depois de um minuto ou dois, ouvi o estalo de galhos secos pisoteados, e, olhando em sua direção, vi uma figura aproximar-se entre as árvores, envolta numa capa.

Avancei ansiosamente. Era a Condessa. Ela não falou, mas estendeu-me sua mão, e eu a conduzi ao cenário de nossa última entrevista. Ela reprimiu o ardor de minha apaixonada saudação com gentil, porém peremptória, firmeza. Ela removeu seu capuz, jogou para trás seu belíssimo cabelo, e, fitando-me com olhos tristes e reluzentes, suspirou profundamente. Algum terrível pensamento parecia pesar sobre ela.

“Richard, devo falar francamente. O momento decisivo de minha vida chegou. Estou certa de que me defenderás. Acredito que tenhas piedade de mim, e talvez até mesmo que me ames”.

Ao ouvir tais palavras, tornei-me eloquente, como acontece com os jovens loucos em minha situação. Ela me silenciou, entretanto, com a mesma firmeza melancólica.

“Ouve, caro amigo, e então digas se poderá me ajudar. Que loucura a minha confiar em ti; e, no entanto, meu coração diz: quanta sabedoria! Encontrar-te aqui como faço... que insanidade isso deve parecer! Que baixa opinião deves ter de mim! Mas, quando souberes de tudo, julgar-me-

ás com justiça. Sem tua ajuda, não posso cumprir meu propósito. Não cumprindo tal propósito, devo morrer. Estou acorrentada a um homem que desprezo... por quem tenho horror. Tomei a decisão de fugir. Possuo joias, principalmente diamantes, pelas quais me ofereceram trinta mil libras de teu dinheiro inglês. Elas constituem minha propriedade separada por meu acordo de casamento; levá-las-ei comigo. Por certo, sabes avaliar joias. Eu contava as minhas quando a hora chegou, e trouxe isto em minha mão para te mostrar. Vê”.

“É magnífico!”, exclamei, enquanto um colar de diamantes cintilava e lampejava ao luar, suspenso em seus belos dedos. Pensei, mesmo naquele trágico momento, que ela prolongava a exibição, encontrando um deleite propriamente feminino naqueles esplendorosos brinquedos.

“Sim”, ela disse, “devo desfazer-me de todas elas. Transformá-las-ei em dinheiro e romperei para sempre os laços viciosos e desnaturados que, em nome de um sacramento, me uniram a um tirano. É improvável que um homem jovem, belo, generoso e corajoso, como és, seja rico. Richard, dizes que me ama; partilharei tudo isso contigo. Fugiremos juntos para a Suíça; escaparemos de qualquer perseguição; com a ajuda de poderosos amigos, arranharemos uma separação, e, com o tempo, alcançaremos a felicidade e recompensarei meu herói”.

Podeis supor com que estilo, florido e veemente, expressei minha gratidão, prometi a devoção de minha vida, e coloquei-me absolutamente à sua disposição.

“Amanhã à noite”, ela disse, “meu marido levará os restos mortais de seu primo, *Monsieur* de Saint-Amand, ao Père-Lachaise. O carro fúnebre, ele diz, deixará este local às nove e meia. Deverás estar aqui, onde estamos, às nove horas”.



Prometi uma pontual obediência.

“Não te encontrarei aqui; mas vê uma luz vermelha na janela da torre, naquele canto do castelo?”

Assenti.

“Eu a deixei lá para que, amanhã à noite, quando chegar o momento, possas reconhecê-la. Assim que essa luz rosada aparecer naquela janela, este será o sinal de que o funeral terá deixado o castelo, e de que poderás aproximar-te em segurança. Irás, então, até aquela janela, e eu a abrirei para que possas entrar. Cinco minutos depois, uma carruagem de viagem, com quatro cavalos, estará pronta em frente à *porte-cochère*<sup>[84]</sup>. Colocarei os diamantes em tuas mãos; e, assim que entrarmos na carruagem, nossa fuga se iniciará. Deveremos ter, pelo menos, cinco horas de vantagem; e, com energia, planejamento e recursos, não temo nada. Estás pronto para empreender tudo isso por mim?”

Novamente, declarei-me seu escravo.

“Minha única dúvida”, ela disse, “é como converteremos com suficiente rapidez meus diamantes em dinheiro; não ousa removê-los enquanto meu marido se encontra na casa”.

Ali estava a oportunidade que eu tanto desejava. Eu lhe disse então que possuía, entre as mãos de meu banqueiro, uma quantia não inferior a trinta mil libras, da qual, sob a forma de ouro e cédulas, eu viria provido, e que, dessa maneira, os riscos e as perdas que adviriam de uma venda precipitada de seus diamantes seriam evitados.

“Meu Deus!”, ela exclamou, com uma espécie de decepção. “És rico então? Perdi, portanto, a bem-aventurança de tornar meu generoso amigo mais feliz. Assim seja, já que assim deve ser! Contribuamos, cada qual, em parcelas iguais, para o nosso fundo comum. Traz o teu dinheiro; e eu

minhas joias. Encontro felicidade até mesmo misturando meus recursos aos teus”.

Logo depois, seguiu-se um colóquio romântico, repleto de poesia e paixão, que eu procuraria em vão reproduzir.

Por fim, veio uma instrução muito especial.

“Vim munida, também, de uma chave, cuja utilidade devo explicar”.

Era uma chave dupla – um longo e fino tronco, com uma chave em cada ponta – uma do tamanho daquelas que abrem uma porta de quarto ordinária; outra quase tão pequena quanto a chave de um estojo de viagem.

“Toda cautela será pouca amanhã à noite. Uma interrupção mataria todas as minhas esperanças. Chegou ao meu conhecimento que ocupas o quarto assombrado no Dragon Volant. É exatamente o quarto que eu desejaria ver-te ocupando. Dir-te-ei por quê: conta-se a história de um homem que, certa noite, tendo-se trancado nesse mesmo quarto, desapareceu antes do amanhecer. A verdade é que ele queria, acredito, escapar de credores; e o anfitrião do Dragon Volant naquela época, sendo um patife, o ajudou a fugir. Meu marido investigou o assunto, e descobriu como se deu a fuga. Foi por meio desta chave. Aqui está um informe e um plano descrevendo como ela deve ser aplicada. Eu a tirei da escrivaninha do Conde. E agora devo, mais uma vez, deixar que tua engenhosidade descubra como ludibriar as pessoas no Dragon Volant. Certifica-te de testar as chaves primeiro, para ver se as fechaduras giram livremente. Prepararei minhas joias. Seja qual for a divisão que fizermos, é melhor que tragas teu dinheiro, pois muitos meses podem transcorrer antes que possas retornar a Paris, ou revelar nosso local de residência a alguém; e nossos passaportes... arruma tudo isso, nos nomes e lugares que desejares. E agora, caro Richard” (ela colocou afetuosamente seu braço sobre o meu ombro, e olhou com inefável paixão em meus olhos, com sua outra mão

envolta na minha), “minha vida está em tuas mãos; apostei tudo em tua fidelidade”.

Ao pronunciar esta última palavra, ela subitamente tornou-se mortalmente pálida, e arquejou: “Meu Deus! Quem está aí?”

No mesmo momento, ela recuou através da porta na divisória de mármore, perto da qual ela se encontrava, e que dava para uma pequena câmara sem teto, tão pequena quanto o santuário e cuja janela se encontrava obscurecida por uma massa emaranhada de hera, tão densa que um único feixe de luz, quando muito, passava em meio às folhas.

Permaneci sob a soleira que ela acabara de atravessar, olhando na direção para a qual ela lançara aquele aterrorizado olhar. Não era de espantar que estivesse apavorada. Muito perto de nós, a não mais de trinta jardas<sup>[85]</sup> de distância, andando a um passo acelerado, e muito distintamente iluminados pela lua, o Coronel Gaillarde e seu companheiro se aproximavam. A sombra da cornija e um pedaço de muro me dissimulavam. Inconsciente disso, eu aguardava o momento em que, com um de seus frenéticos urros, ele se precipitaria para me atacar.

Dei um passo para trás, saquei uma de minhas pistolas do bolso, e a engatilhei. Era óbvio que não me tinha visto.

Permaneci com o dedo no gatilho, determinado a matá-lo, caso ele tentasse entrar no local em que se encontrava a Condessa. Teria seguramente sido um homicídio; mas, na minha mente, eu não tinha dúvidas ou escrúpulos a esse respeito. Uma vez que nos envolvemos em práticas secretas e pecaminosas, ficamos mais perto de outros e maiores crimes do que suspeitamos.

“Ali está a estátua”, disse o Coronel, em seu tom abrupto e dissonante. “Esta é a figura”.

“À qual se alude nas estrofes?”, indagou seu companheiro.

“Ela mesma. Veremos mais na próxima ocasião. Avante, *Monsieur*; marchemos”.

E, para meu grande alívio, o valente Coronel virou e marchou em meio às árvores, com as costas viradas para o castelo, caminhando sobre a grama, como logo vi, rumo ao muro do parque, o qual eles atravessaram não longe do frontão do Dragon Volant.

Encontrei a Condessa tremendo num estado de horror não simulado, mas, ao contrário, muito real. Não aceitou que eu a acompanhasse até o castelo. Mas prometi-lhe que impediria o retorno do Coronel louco; e que, até aquele ponto, pelo menos, ela nada tinha a temer. Ela rapidamente se recompôs, desejou-me novamente um afetuoso e demorado boa noite, e partiu, ficando eu a observá-la, com a chave em minha mão, e tamanha fantasmagoria flutuando em meu cérebro que quase me levava à loucura.

Ali estava eu, imbuído de honradez e razão, pronto para enfrentar todos os perigos, para lançar-me até mesmo no homicídio se necessário, e para enredar-me em inextricáveis e horríveis consequências (e que me importava isso?) por uma mulher da qual eu nada sabia, exceto que era linda e impulsiva!

Frequentemente agradei aos céus por sua piedade ao conduzir-me pelos labirintos em que estive muito perto de me perder.

## Capítulo XX - O barrete de inverno

Encontrava-me agora na estrada, a duzentas ou trezentas jardas<sup>[86]</sup> do Dragon Volant. Eu embarcara numa aventura e tanto! E, como prelúdio, não era improvável que me aguardasse, em minha estalagem, outro encontro, desta vez possivelmente não tão venturoso, com o grotesco espadachim.

Eu estava feliz por ter trazido minhas pistolas. Eu certamente não era obrigado por lei alguma a permitir que um rufião me dilacerasse, sem resistência.

Os ramos inclinados do velho parque, os gigantescos álamos do lado oposto e a lua pairando sobre o todo tornavam pitoresco o estreito caminho até a entrada da estalagem.

Caminhando lentamente em direção à porta, ainda aberta, do Dragão Voador, eu ainda não conseguia pensar com muita clareza; os acontecimentos se sucediam com enorme rapidez, e eu, envolvido na ação de um drama tão extravagante e pecaminoso, mal conseguia me reconhecer ou acreditar em minha própria história.

Não havia nenhum sinal, visível ou audível, do Coronel. No saguão, procurei me informar. Nenhum cavaleiro chegara à estalagem na última meia hora. Fui até o salão. Estava deserto. O relógio indicava meia-noite, e pude ouvir o criado trancar o portão. Peguei uma vela. As luzes naquela

albergaria rural estavam, àquela hora, apagadas, e a casa dava a sensação de que todos já tinham ido dormir há muitas horas. Enquanto eu subia a larga escadaria, a luz fria da lua penetrava pela janela do patamar; fiz uma pausa momentânea para contemplar o terreno arborizado do torreado castelo que despertava tanto interesse em mim. Imaginei, entretanto, que olhos indiscretos pudessem encontrar um significado naquele olhar noturno, e que possivelmente o próprio Conde pudesse, com seu humor ciumento, suspeitar de um sinal naquela luz inabitual na janela da escadaria do Dragon Volant.

Assim que abri a porta de meu quarto, levei um pequeno susto ao deparar-me com uma mulher extremamente idosa e dotada do mais alongado rosto que já vi; ela usava o que se costumava denominar um barrete de inverno, cuja borda branca contrastava com sua pele morena e amarelada, e tornava seu rosto enrugado ainda mais feio. Ela ergueu seus ombros curvados, e olhou para o meu rosto, com olhos anormalmente negros e brilhantes.

“Acendi a lareira, *Monsieur*, pois a noite está fria”.

Agradei-lhe, mas ela não partiu. Permaneceu com sua vela entre seus dedos trêmulos.

“Perdoe esta velha, *Monsieur*”, ela disse; “mas o que diabos pode um jovem milorde inglês, com Paris inteira aos seus pés, encontrar no Dragon Volant que o possa entreter?”

Tivesse eu idade para acreditar em contos de fadas, e estivesse em contato diário com a encantadora Condessa d’Aulnoy<sup>[87]</sup>, eu teria visto naquela ressecada aparição o *genius loci*<sup>[88]</sup>, a fada maléfica sob o efeito da qual os desafortunados inquilinos daquele mesmo quarto haviam, de tempos em tempos, desaparecido. Eu havia, porém, passado da idade; não obstante, os olhos sombrios daquela velha estavam fixados nos meus com

uma firme intenção que claramente me indicava que meu segredo era conhecido. Eu estava embaraçado e alarmado; não passou pela minha cabeça perguntar-lhe o que ela tinha a ver com isso.

“Estes velhos olhos viram o senhor no parque do castelo, hoje à noite”.

“*Eu?*”, exclamei, com toda a desdenhosa surpresa que eu conseguia simular.

“Isso de nada adianta, *Monsieur*; sei por que está aqui; e digo-lhe para ir embora. Deixe esta casa amanhã de manhã, e nunca mais retorne”.

Ela ergueu sua mão ociosa, encarando-me intenso horror em seus olhos.

“Não há absolutamente nada... não sei do que a senhora fala”, respondi, “e por que a senhora deveria se importar comigo?”

“Não me importo com *Monsieur*... Importo-me com a honra de uma antiga família, à qual servi em seus dias mais felizes, quando ser nobre significava ser honrado. Mas minhas palavras são inúteis, pois *Monsieur* é insolente. Guardarei meu segredo, e o senhor o seu; isso é tudo. O senhor logo encontrará grande dificuldade em divulgá-lo”.

A velha saiu lentamente do quarto, e fechou a porta, antes que eu me decidisse a dizer qualquer coisa. Por cerca de cinco minutos, permaneci inerte. Presumi que o ciúme do Conde parecia àquela velha criatura a coisa mais terrível sobre a Terra. Fosse qual fosse o desprezo que eu pudesse ter pelos perigos que tão severamente amedrontavam aquela velha dama, não era, de modo algum, agradável, como podeis supor, que uma estranha pudesse desconfiar de um segredo tão perigoso, sobretudo quando tal estranha era partidária do Conde de Saint-Alyre.

Não devia eu, apesar de todos os riscos, informar a Condessa, que tão generosamente ou, como ela mesma disse, tão loucamente depositara

sua confiança em mim, a respeito do fato de que nosso segredo era, quando menos, objeto de suspeita de outra pessoa? Não havia, porém, perigo maior em tentar se comunicar? O que quis dizer a bruxa ao pronunciar as palavras: “Guarde o seu segredo, e eu guardarei o meu”?

Eu tinha mil perguntas perturbadoras diante de mim. Minha aventura se assemelhava a uma jornada pelo Spessart<sup>[89]</sup>, onde, a cada passo, algum novo duende ou monstro emerge do chão ou salta de trás de uma árvore.

Peremptoriamente, afastei aquelas tormentosas e assustadoras dúvidas. Tranquei minha porta, sentei-me à mesa e, com uma vela de cada lado, coloquei diante de mim o pedaço de velino que continha os desenhos e as anotações aos quais eu tinha de recorrer para obter instruções completas sobre a utilização da chave.

Após estudar aquilo por algum tempo, iniciei minha investigação. O ângulo do quarto que estava à direita da janela era cortado por um uma dobra oblíqua no lambri. Examinei aquilo cuidadosamente, e, pressionado, um pequeno pedaço da moldura do madeiramento deslizou lateralmente, revelando uma fechadura. Removido o meu dedo, ele retornava ao seu lugar. Até então, eu interpretara exitosamente minhas instruções. Uma semelhante busca, perto da porta, e imediatamente abaixo da primeira fechadura, foi recompensada por uma descoberta análoga. A extremidade menor da chave se encaixava ali, assim como fora o caso com a fechadura superior; e, então, com dois ou três árduos giros da chave, uma porta se abriu no painel, exibindo uma faixa de parede nua e uma estreita e arqueada passagem, atravessando a espessura da parede; no interior, pude ver uma escada de pedra em espiral.

Com a vela em minha mão, entrei. Não sei dizer se o ar por muito tempo inerte tem uma qualidade peculiar, mas esse sempre me pareceu ser



o caso, e o cheiro de umidade de alvenaria velha pairava naquela atmosfera. Minha vela fragilmente iluminava a parede de pedra nua que envolvia a escadaria, cuja base eu não conseguia enxergar. Continuei a descer, e algumas voltas me levaram ao piso térreo. Ali estava outra porta, de carvalho, simples e antiquada, profundamente imersa na espessura da parede. A extremidade grande da chave se encaixava em sua fechadura. A trava era rígida; para empregar ambas as mãos, deixei a vela sobre a escada; a chave se moveu com dificuldade e, ao girar, emitiu um tinido que me fez temer por meu sigilo.

Por alguns minutos, não me mexi. Após alguns instantes, porém, criei coragem, e abri a porta. Ao soprar para dentro, o ar noturno apagou a vela. Perto da porta, havia um mato de azevinhos e arbustos, denso como uma selva. Eu teria me encontrado na mais completa obscuridade, caso não cintilassem, aqui e ali, em meio às mais altas folhas, lampejos de luar.

Silenciosamente, temendo que alguém pudesse ter aberto sua janela com o som do ferrolho enferrujado, embrenhei-me pela mata até alcançar uma vista para o terreno aberto. Ali, descobri que o matagal se estendia praticamente até o parque, unindo-se ao bosque próximo ao pequeno templo que descrevi.

Um general não teria concebido um deslocamento mais eficazmente camuflado entre o Dragon Volant e o local de encontro onde há pouco eu confabulara com o ídolo de minha ilícita adoração.

Olhando para trás, para a velha estalagem, descobri que a escada que eu descera estava envolta num desses delgados torreões que decoram tais edifícios. Ele estava situado no ângulo que se conectava à parte da parede de meu quarto indicada no mapa que eu estivera estudando.

Amplamente satisfeito com meu experimento, retornei à porta com alguma dificuldade, subi ao meu quarto e tranquei novamente minha porta

secreta; beijei a misteriosa chave que sua mão apertara naquela noite, e guardei-a embaixo de meu travesseiro, sobre o qual, logo depois, deitou-se minha cabeça zozna, sem conseguir, por algum tempo, dormir profundamente.

## Capítulo XXI - Vejo três homens num espelho

Despertei muito cedo na manhã seguinte, excitado demais para voltar a dormir. Assim que pude, sem estimular comentários, fui ver meu anfitrião. Disse-lhe que iria até a cidade naquela tarde, e, em seguida, até ... , onde tinha de encontrar algumas pessoas a negócios; pedi-lhe que mencionasse minha ida àquele lugar a qualquer amigo que viesse me ver, que eu esperava estar de volta dentro de uma semana, e que, até lá, meu criado, Saint-Clair, manteria a chave de meu quarto e velaria por meus pertences.

Tendo preparado esse embuste para o meu senhorio, dirigi-me a Paris, e ali negocieei a parte financeira da questão. O problema era reduzir meu saldo, de cerca de trinta mil libras, a um formato não somente fácil de carregar, mas também disponível, onde quer que eu estivesse, sem envolver correspondência ou qualquer outro incidente que revelasse meu local de residência. Todos esses pontos foram contemplados da melhor maneira possível. Não preciso perturbar-vos com os arranjos que fiz para obter os passaportes. Basta dizer que o destino que escolhi para a nossa fuga foi, no espírito do romance, um dos mais belos e remotos recantos da Suíça.

Quanto à bagagem, eu partiria sem nenhuma. A primeira cidade considerável que alcançássemos na manhã seguinte nos proporcionaria um improvisado guarda-roupa. Eram agora duas horas da tarde; *apenas* duas! Como eu iria passar o restante do dia?

Eu ainda não visitara a Catedral de Notre-Dame, e para lá me dirigi. Passei ali uma hora ou mais; e, em seguida, fui à Conciergerie, ao Palais de Justice e à belíssima Sainte-Chapelle. Restando-me ainda algum tempo para gastar, perambulei pelas estreitas ruas contíguas à Catedral. Lembro-me de ter visto, numa delas, uma velha casa com uma inscrição mural dizendo que aquela tinha sido a residência do cônego Fulberto, o tio da Heloísa de Aberlardo<sup>[90]</sup>. Não sei se aquelas curiosas e velhas ruas, nas quais observei fragmentos de antigas igrejas góticas convertidas em armazéns, ainda existem. Deparei-me, entre outras lojas encardidas e excêntricas, com uma que parecia pertencer a um vendedor de todos os tipos de velhas decorações, armaduras, porcelanas e móveis. Entrei na loja, que era escura, empoeirada e baixa. O proprietário estava ocupado, esfregando uma peça de armadura incrustada, e permitiu que eu fuçasse em seu estabelecimento, e examinasse a meu bel-prazer os curiosos objetos ali acumulados. Gradualmente, avancei até o ponto mais fundo do lugar, onde havia apenas uma janela com muitas vidraças, cada qual com um olho-de-boi, e no mais deplorável estado possível. Quando alcancei a janela, virei-me, e, num recanto, no ângulo formado com a parede lateral da loja, estava um largo espelho, numa antiquada e encardida moldura. Vi, ali refletido, aquilo que, em velhas casas, ouvi ser designado como “alcova”, onde, entre pedaços de madeira e vários artigos empoeirados pendurados na parede, estava uma mesa, à qual três pessoas estavam sentadas e mantinham, ao que me parecia, uma conversa franca. Reconheci instantaneamente duas daquelas pessoas: uma era o Coronel Gaillarde, a

outra o Marquês d'Harmonville. A terceira, que brincava com uma pena, era um homem magro e pálido, marcado pela varíola, com longos cabelos pretos, e da mais hedionda aparência que tinha visto em minha vida. O Marquês ergueu os olhos, e seu olhar foi instantaneamente seguido por seus dois companheiros. Por um momento, fiquei sem saber o que fazer. Mas estava claro que eu não tinha sido reconhecido, o que, aliás, teria sido difícil, estando a luz da janela atrás de mim, e a porção da loja imediatamente à minha frente efetivamente muito escura.

Percebendo isso, tive a presença de espírito de fingir estar inteiramente absorto pelos objetos diante de mim, e voltei a perambular lentamente pela loja. Detive-me por um momento para saber se estava sendo seguido, e fiquei aliviado por não ouvir nenhum passo. Podeis ter certeza de que não me demorei mais naquela loja, onde eu acabara de fazer uma descoberta tão curiosa e tão inesperada.

Não me cabia investigar o que reunira o Coronel Gaillarde e o Marquês naquele lugar tão desprezível e até mesmo sujo, ou quem podia ser a vil pessoa que mordiscava sua pena. Incumbências como as que o Marquês aceitara por vezes acarretam estranhos aliados.

Eu estava feliz por ter deixado o lugar, e logo que o sol se pôs, alcancei os degraus do Dragon Volant, e dispensei o veículo que me trouxera, carregando em minha mão um cofre de dimensões maravilhosamente pequenas, considerando tudo o que ele continha, e envolto numa capa de couro que lhe dissimulava a verdadeira natureza.

Quando cheguei ao meu quarto, chamei Saint-Clair. Contei-lhe praticamente a mesma história que já contara a meu anfitrião. Dei-lhe cinquenta libras, com ordens para gastar o que fosse necessário para si mesmo e pagar por meus aposentos até o meu retorno. Em seguida, desfrutei de um leve e apressado jantar. Meus olhos frequentemente se

detinham no velho e solene relógio pendurado sobre a lareira, meu único cúmplice naquela iníqua aventura. O céu favorecia meus desígnios, e escurecia todas as coisas com um mar de nuvens.

O estalajadeiro me encontrou no saguão, para perguntar-me se eu desejava um veículo para Paris. Eu estava preparado para essa pergunta, e imediatamente respondi que pretendia ir a Versalhes a pé, para ali arrumar uma carruagem. Chamei Saint-Clair.

“Vai”, eu disse, “e toma uma garrafa de vinho com teus amigos. Chamar-te-ei se precisar de algo; enquanto isso, eis a chave de meu quarto; como estarei fazendo algumas anotações, não permitas que ninguém me perturbe por, pelo menos, meia hora. Ao término desse prazo, provavelmente verás que terei partido para Versalhes; e, caso não me encontres no quarto, poderás presumi-lo. Deve encarregar-te de tudo, e trancar a porta, entendes?”

Saint-Clair se retirou, desejando-me toda a felicidade, e certamente prometendo a si mesmo algum pequeno divertimento com meu dinheiro. Com uma vela em minha mão, subi rapidamente as escadas. Faltavam agora apenas cinco minutos para a hora marcada. Não penso ter nenhuma covardia em minha natureza; mas devo confessar que, à medida que o momento crítico se aproximava, senti algo da expectativa e do temor de um soldado prestes a entrar em ação. Teria eu recuado? Não, por nada neste mundo.

Tranquei minha porta, vesti meu sobretudo, e guardei minhas pistolas, uma em cada bolso. Introduzi então minha chave nas fechaduras secretas; abri levemente a porta do lambri, coloquei o cofre sob o braço, apaguei minha vela, destranquei a porta principal, e escutei por alguns instantes para certificar-me de que ninguém se aproximava; então, atravessei rapidamente o piso de meu quarto, passei pela passagem

secreta, e tranquei a fechadura atrás de mim. Eu me encontrava sobre a escada em espiral, na mais completa escuridão, com a chave entre meus dedos. Até ali, o empreendimento se mostrara bem-sucedido.

## Capítulo XXII - Arrebatamento

Desci a escada na mais absoluta escuridão; ao alcançar o piso térreo, identifiquei a porta e tateei até encontrar a fechadura. Com mais cautela, e menos barulho do que na noite anterior, abri a porta, e saí pelo denso matagal. Naquela selva, a escuridão era quase a mesma.

Após trancar a porta, abri lentamente caminho pelas moitas, que logo se tornaram menos densas. Então, com mais facilidade, mas ainda sob espessa cobertura, segui pela trilha do bosque, mantendo-me perto de seu limite.

Finalmente, no ar escurecido, a cerca de cinquenta jardas<sup>[91]</sup> de distância, as colunas do templo de mármore emergiram diante de mim como fantasmas, perfilando-se entre os troncos de velhas árvores. Tudo favorecia meu empreendimento. Eu ludibriara com sucesso meu criado e o pessoal do Dragon Volant, e tão escura era a noite que, ainda que eu tivesse despertado as suspeitas de todos os inquilinos da estalagem, eu poderia ter desafiado com segurança sua curiosidade, mesmo que se tivessem posicionado em cada uma das janelas da casa.

Passando entre os troncos, e saltando por sobre as raízes das velhas árvores, alcancei o local de observação apontado. Deixei meu tesouro em seu cofre revestido de couro no vão da porta, e apoiando meus braços nesta última, olhei firmemente na direção do castelo. O contorno do edifício mal



se podia discernir, misturando-se indistintamente com o céu. Nenhuma luz, em nenhuma das janelas, era visível. Restava-me apenas aguardar; mas por quanto tempo?

Apoiado em minha caixa de tesouro, observando a maciça sombra que representava o castelo, em meio aos meus ardentes e eufóricos anseios, veio à minha mente um estranho pensamento, o qual, pensareis, poderia muito bem ter vindo mais cedo. Subitamente, com a vinda de tal pensamento, a escuridão pareceu aprofundar-se, e o ar ao meu redor foi tomado por uma corrente de frio.

E se, no fim, eu viesse a desaparecer como aqueles outros homens cujas histórias me haviam sido contadas! Não tinha eu empreendido todos os esforços possíveis para apagar cada vestígio de minhas ações reais, e para enganar a todos com quem conversara quanto à direção que eu havia seguido?

Aquele gélido e sinuoso pensamento passou pela minha mente, e então se esvaneceu.

Eu sentia em mim o vigor da juventude, a força consciente, a temeridade, a paixão, a caçada, a aventura! Ali estava um par de pistolas de cano duplo, quatro vidas em minhas mãos! O que de mal poderia acontecer? O Conde? Exceto por consideração por minha Dulcineia<sup>[92]</sup>, o que me importava se o velho covarde, a quem eu tinha visto num acesso de terror diante do briguento Coronel, iria ou não se interpor? Eu presumia o pior que pudesse acontecer. Porém, com uma aliada tão astuta e corajosa como minha linda Condessa, como poderia tal desventura se produzir? Bah! Ri de tais fantasias.

Enquanto eu comungava comigo mesmo, o sinal de luz despontou. A luz rosada, *couleur de rose*, símbolo de esperança e alvorada de um dia feliz.

Nítida, suave e firme, brilhava a luz pela janela. Por contraste, as colunas de pedra se enegreciam. Murmurando palavras de amor apaixonado enquanto observava o sinal, coloquei meu cofre sob o braço, e com rápidas passadas, aproximei-me do Château de la Carque. Nenhum sinal de luz ou de vida, nenhuma voz humana, nenhum passo, nenhum latido indicava uma chance de interrupção. Uma persiana estava abaixada; ao aproximar-me da janela alta, constatei que meia dúzia de degraus conduziam a ela, e que uma larga gelosia, que servia de porta, estava aberta.

Uma sombra do lado de dentro caiu sobre a persiana; ela foi puxada para o lado, e quando alcancei os degraus, uma voz suave murmurou: “Richard, meu caro Richard, vem, ó, vem! Como ansiei por este momento!”

Ela jamais esteve tão bela. Meu amor se elevou ao patamar do apaixonado entusiasmo. Tudo o que eu desejava era que houvesse algum perigo real naquela aventura que fosse digno de tal criatura. Quando se encerrou a primeira e tumultuosa saudação, ela fez com que eu me sentasse ao seu lado, no sofá. Conversamos ali por um minuto ou dois. Disse-me que o Conde havia partido, e que, àquela altura, ele se encontrava a mais de uma milha de distância, acompanhando o funeral até o Père-Lachaise. Ali estavam os seus diamantes. Ela exibiu, apressadamente, uma caixa aberta contendo uma profusão das maiores pedras preciosas.

“O que é isto?”, ela perguntou.

“Uma caixa contendo uma quantia de trinta mil libras em dinheiro”, respondi.

“O quê?! Todo esse dinheiro?”, ela exclamou.

“Cada centavo”.

“Não teria sido por acaso desnecessário trazer tamanha soma, tendo em vista todos estes aqui?”, ela disse, tocando seus diamantes. “Teria sido gentil de sua parte permitir que eu nos sustentasse, pelo menos por algum tempo. Isso me teria feito ainda mais feliz do que já estou”.

“Caríssimo e generoso anjo!” Esta foi minha extravagante declamação. “Esqueces que talvez seja necessário, por um longo tempo, manter nosso paradeiro em sigilo, o que tornará impossível que nos comuniquemos com segurança com qualquer pessoa”.

“Trouxeste então esta grande quantia... tens certeza? Chegaste a contar?”

“Sim, seguramente; recebi-a hoje mesmo”, respondi, talvez exibindo alguma surpresa em minha face. “Contei o dinheiro, é claro, ao recebê-lo de meus banqueiros”.

“Viajar com tanto dinheiro faz com que me sinta um pouco nervosa; mas estas joias representam um perigo igualmente grande; *isto* não muda muito as coisas. Coloca as caixas lado a lado; deverás tirar teu sobretudo quando estivermos prontos para partir, e, com ele, conseguiremos ocultá-las. Não quero que os condutores desconfiem que trazemos conosco tamanho tesouro. Devo agora pedir que feches as cortinas daquela janela, e traves as venezianas”.

Eu mal cumprira minhas ordens quando alguém bateu na porta do quarto.

“Sei quem é”, ela disse, sussurrando para mim.

Ví que não estava alarmada. Deslocou-se silenciosamente até a porta, e iniciou uma sussurrante conversa de um minuto.

“Minha fiel criada, que virá conosco. Ela diz que não poderemos partir com segurança senão dentro de dez minutos. Ela está levando café ao quarto ao lado”.

Ela abriu a porta deste último, e olhou para dentro.

“Devo avisá-la para não levar muita bagagem. Ela é tão estranha! Não me sigas... fica onde estás... é melhor que ela não te veja”.

Deixou o quarto com um gesto de cautela.

Uma mudança se produzira nos modos daquela linda mulher. Nos últimos minutos, uma sombra vinha se apoderando dela, um ar de preocupação, um olhar que beirava a desconfiança. Por que estava tão pálida? Por que aquele olhar sombrio em seu rosto? Por que até mesmo sua voz se alterara? Será que algo havia subitamente dado errado? Havia o prenúncio de algum perigo?

Aquela dúvida, entretanto, rapidamente se aquietou. Tivesse havido qualquer coisa dessa espécie, ela certamente me teria contado. Era natural que, conforme se aproximava o momento decisivo, ela ficasse cada vez mais nervosa. Ela não retornou tão cedo quanto eu esperava. Para um homem em minha situação, absoluta quietude é praticamente impossível. Eu me movia impientemente pelo quarto. Este era de pequenas dimensões. Havia uma porta na outra extremidade. Eu a abri, com grande imprudência. Escutei, e o silêncio era absoluto. Eu me encontrava num estado de excitação e ansiedade, e cada faculdade se concentrava no que estava para acontecer, desprendendo-se até certo ponto do presente imediato. Não posso explicar de qualquer outro modo o fato de ter cometido tantas tolices naquela noite, pois, em meu estado natural, eu absolutamente não carecia de astúcia. Talvez a mais estúpida delas foi, em vez de imediatamente fechar aquela porta, a qual eu jamais deveria ter aberto, pegar uma vela e entrar no quarto.

Ali, fiz, muito inesperadamente, uma descoberta bastante assustadora.

## Capítulo XXIII - Uma xícara de café

Não havia tapete no quarto. Sobre o piso, encontravam-se muitas raspas e uma pilha de tijolos. Atrás destes, sobre uma mesa estreita, estava um objeto que eu mal conseguia acreditar estar vendo.

Aproximei-me, e removi um lençol que lhe dissimulava muito levemente a forma. Não havia confusão possível. Era um caixão; e, sobre a tampa, havia uma placa, com uma inscrição em francês:

PIERRE DE LA ROCHE SAINT-AMAND.

ÂGÉ DE XXIII ANS<sup>[93]</sup>.

Recuei, duplamente chocado. Aquilo significava que o funeral ainda não partira! Ali estava o corpo. Eu havia sido enganado. Aquilo, sem dúvida, explicava o embaraço tão manifesto na atitude da Condessa. Teria sido mais sábio de sua parte contar-me qual era a verdadeira situação.

Retirei-me daquele melancólico cômodo, e fechei a porta. A sua falta de confiança em mim era a pior temeridade que ela podia ter cometido. Não há nada mais perigoso do que cautela mal-empregada. Na mais completa ignorância do fato, entrei no quarto, e lá eu poderia justamente ter me deparado com algumas das pessoas que eu devia evitar.

Aquelas reflexões foram interrompidas, logo após se iniciarem, pelo retorno da Condessa de Saint-Alyre. Vi, num relance, que ela detectou

em meu rosto alguma evidência do que acontecera, pois lançou um olhar furtivo para a porta.

“Viste algo... algo que te tenha perturbado, caro Richard? Estiveste fora deste quarto?”

Respondi prontamente: “Sim”; e lhe contei francamente o que ocorrera.

“Bem, não quis deixar-te mais desconfortável do que o necessário. Além disso, é nojento e horrível. O corpo *está* ali; mas o Conde saiu quinze minutos antes que eu acendesse a lâmpada colorida e me preparasse para te receber. O corpo não chegou senão oito ou dez minutos depois de sua partida. Ele temia que o pessoal no Père-Lachaise viesse a supor que o funeral tivesse sido adiado. Ele sabia que os restos mortais do pobre Pierre certamente chegariam esta noite, embora um inesperado atraso tenha ocorrido; e ele tem razões para querer que o funeral seja concluído antes de amanhã. O carro fúnebre com o corpo deve deixar este local em dez minutos. Assim que ele partir, estaremos livres para iniciar nossa louca e feliz jornada. Os cavalos e a carruagem estão na *portecoche*. Quanto a este *funeste* horror” (ela estremeceu lindamente), “não pensemos mais nele”.

Ela trancou a porta de comunicação, e quando se virou, havia tão bela penitência em seu rosto e em sua atitude que estive prestes a atirar-me aos seus pés.

“Esta foi a última vez”, ela disse, numa doce e triste súplica, “que enganei meu corajoso e belo Richard... meu herói! Me perdoas?”

Eis que se iniciou outra cena de apaixonada efusão, arrebatamentos e declamações de amantes, mas apenas murmurados, caso os ouvidos de inesperadas testemunhas estivessem atentos.

Então, ela subitamente ergueu sua mão, como que para impedir meu movimento, seus olhos fixos em mim e seu ouvido voltado para a porta do quarto em que o caixão estava situado, e permaneceu nessa posição, sem respirar, por alguns instantes. Em seguida, com um pequeno aceno na minha direção, ela andou sobre a ponta dos pés até a porta, e escutou, estendendo sua mão para trás, de modo a avisar-me para não avançar; após algum tempo, retornou, ainda sobre a ponta dos pés, e sussurrou: “Eles estão removendo o caixão... vem comigo”.

Acompanhei-a até o quarto onde sua criada, segundo ela me dissera, conversara com ela. Café e algumas xícaras de porcelana, que me pareceram extremamente belas, estavam sobre uma bandeja de prata; e alguns copos de licor, com um frasco, que revelou-se ser *noyau*<sup>[94]</sup>, descansavam numa salva ao seu lado.

“Servir-te-ei. Devo ser tua criada aqui; devo agir segundo minha vontade; não pensarei ter sido perdoada por meu querido se ele se recusar a satisfazer-me em qualquer coisa”.

Ela encheu uma xícara com café, e a entregou com sua mão esquerda; passou afetuosamente seu braço direito por trás de meu ombro, e acariciando meus cachos com seus dedos, sussurrou: “Bebe isto. Eu também tomarei um pouco agora mesmo”.

Estava excelente; e, quando terminei, ela me estendeu o licor, o qual também ingeri.

“Volta, meu caro, para o quarto ao lado”, ela disse. “A essa altura, aquelas terríveis pessoas devem ter partido, e, por enquanto, estaremos mais seguros lá do que aqui”.

“Tu ordenas, e eu obedeço; comandar-me-ás, não apenas agora, mas sempre, e em todas as coisas, minha bela rainha!”, murmurei.

Meu heroísmo estava, ousou dizer, fundado sobre meu ideal da escola francesa do galanteio. Fico, até agora, envergonhado ao lembrar da maneira grandiloquente como tratei a Condessa de Saint-Alyre.

“Assim mesmo, debes tomar outro copo em miniatura – um copo de fada – de *noyau*”, disse ela jovialmente. Naquela volátil criatura, a funérea melancolia do momento anterior e a ansiedade de uma aventura na qual todo o seu futuro estava em risco desapareceram num instante. Ela foi rapidamente buscar outro minúsculo copo, o qual, com algumas eloquentes ou meigas palavras, levei aos meus lábios e sorvi.

Beijei sua mão, beijei seus lábios, olhei em seus belos olhos, e novamente a beijei, sem resistência de sua parte.

“Chamas-me Richard. Como devo chamar minha linda divindade?”, perguntei.

“Chame-me Eugénie, é o meu nome. Sejam absolutamente sinceros; isto é, se me amas tão plenamente quanto eu te amo”.

“Eugénie!”, exclamei, enquanto tal nome me lançava num novo arrebatamento.

Acabei dizendo-lhe o quanto eu estava impaciente para iniciar nossa jornada; e, enquanto eu falava, uma estranha sensação subitamente se apoderou de mim. Não se assemelhava, de modo algum, a um desmaio. Não encontro outra maneira de descrevê-la senão como um repentino refreamento do cérebro; era como se a membrana na qual ele está situado, se é que tal coisa existe, se contraísse e se tornasse inflexível.

“Prezado Richard! Qual é o problema?”, ela exclamou, com uma expressão de terror em seu rosto. “Meu Deus! Estás doente? Senta-te, eu imploro; senta-te nesta cadeira”. Ela praticamente me forçou a fazê-lo; eu não estava em condições de oferecer a menor resistência. Reconheci com toda a segurança a sensação que sobreveio. Eu estava deitado sobre a



cadeira, desprovido, àquela altura, da capacidade de pronunciar uma única sílaba, de fechar as pálpebras, de mexer os olhos, de movimentar um músculo. Em poucos segundos, eu deslizara precisamente para o mesmo estado em que eu passara tantas horas aterradoras em minha viagem noturna com o Marquês d'Harmonville, quando rumávamos para Paris.

Grande e ruidosa era a agonia da dama. Ela parecia ter perdido qualquer senso de medo. Chamava-me pelo meu nome, sacudia-me pelo ombro, erguia meu braço e o deixava cair, o tempo todo implorando, com frases perturbadoras, que eu desse o menor sinal de vida, e jurando que, caso eu não o fizesse, ela tiraria sua própria vida.

Tais exclamações, após um ou dois minutos, subitamente cessaram. A dama se tornou absolutamente silenciosa e calma. De maneira extremamente metódica, apanhou uma vela e se colocou diante de mim, pálida, é verdade, muito pálida, mas com uma expressão de intensa concentração, mesclada a um traço de horror. Ela movimentou a vela diante dos meus olhos, claramente observando o efeito. Então, deixou-a no chão, e tocou um sino por duas ou três vezes, incisivamente. Posicionou as duas caixas (isto é, a dela contendo as joias e meu cofre) lado a lado sobre a mesa; e a vi cuidadosamente trancar a porta que dava acesso ao quarto no qual eu acabara de tomar meu café.

## Capítulo XXIV - Esperança

Ela acabara de largar meu pesado cofre, o qual pareceu ter tido considerável dificuldade em levantar da mesa, quando a porta do quarto onde eu havia visto o caixão se abriu, deixando entrar uma sinistra e inesperada aparição.

Era o Conde de Saint-Alyre, que, como eu vos disse, estava supostamente a caminho do Père-Lachaise, e não voltaria senão após um tempo considerável. Ele permaneceu diante de mim por um instante, com a guarnição da porta e um fundo escuro emoldurando-o à maneira de um retrato. Sua esguia e hedionda fisionomia estava envolta no mais profundo luto. Ele tinha um par de luvas pretas em sua mão, e fumo em volta de seu chapéu.

Embora estivesse em silêncio, seu rosto demonstrava sinais de agitação; sua boca se franzia e se contraía. Ele parecia execravelmente vicioso e assustado.

“E então, minha cara Eugénie? E então, minha criança... hein? Está tudo correndo admiravelmente bem?”

“Sim”, ela respondeu, em tom baixo, mas firme. “Mas não deveríeis, Planard e tu, ter deixado aquela porta aberta”.

Foi com severidade que ela disse o seguinte: “Ele foi até lá e olhou onde quis; felizmente, não moveu lateralmente a tampa do caixão”.

“Planard deveria ter cuidado disso”, disse o Conde incisivamente. “*Ma foi!* Não posso estar em todo lugar!” Ele deu meia dúzia de pequenos passos na minha direção, e colocou os óculos.

“*Monsieur Beckett*”, ele gritou, rispidamente, por duas ou três vezes. “Olá! Não sabe quem sou?”

Aproximou-se e examinou cuidadosamente meu rosto; ergueu minha mão e a chacoalhou, chamando-me novamente, para então deixá-la cair e dizer: “A coisa se espalhou admiravelmente, minha *mignonne*. Quando o efeito começou?”

A Condessa veio posicionar-se ao seu lado, olhando-me fixamente por alguns segundos.

Não podeis imaginar o efeito de ser silenciosamente contemplado por aqueles dois pares de olhos maléficos.

A dama olhou para onde, segundo eu me lembrava, estava a cornija e, acima dela, um relógio, cujo tique-taque regular eu nitidamente ouvia.

“Quatro... cinco... seis minutos e meio”, ela disse, lentamente, de maneira fria e ríspida.

“*Brava! Bravissima!* Minha bela rainha! Minha pequena Vênus! Minha Joana d’Arc! Minha heroína! Meu modelo de mulher!”

Ele me encarava com odiosa curiosidade, sorrindo, enquanto tateava com seus esguios e bronzeados dedos para encontrar a mão da dama. Mas esta última, não prezando muito (ouso dizer) suas carícias, recuou um pouco.

“Venha, *ma chère*, contemos estas coisas. O que é? Uma carteira? Ou... ou... *o quê?*”

“É *isto!*”, disse a dama, apontando com um olhar de desgosto para o cofre, que estava em seu estojo de couro sobre a mesa.

“Oh! Vamos ver... contemos... vejamos”, ele disse, enquanto desafiava as correias com seus dedos trêmulos. “Devemos contar tudo... devemos cuidar disso. Tenho lápis e caderneta... mas... onde está a chave? Vês esta maldita fechadura? Meu...! O que é isto? Onde está a chave?”

Ele estava em pé diante da Condessa, arrastando os pés, com as mãos estendidas e todos seus dedos estremecendo.

“Não está comigo; como poderia estar? Está no bolso dele, é claro”, disse a dama.

Num instante, os dedos do velho patife estavam em meus bolsos; ele arrancou tudo o que continham, incluindo-se algumas chaves.

Eu estava precisamente no estado em que estivera durante minha viagem com o Marquês a Paris. Aquele desgraçado, eu sabia, estava prestes a me roubar. O drama como um todo, e o *rôle* da Condessa nele, eu ainda não conseguia compreender. Eu não podia saber ao certo – muito mais presença de espírito e recursos histriônicos tem a mulher do que são conferidos ao conjunto de nosso desastrado sexo – se o retorno do Conde não era, na verdade, uma surpresa para ela; e aquele exame do conteúdo de meu cofre um improvisado esforço por parte do Conde. Mas tudo se tornava, a cada momento, cada vez mais claro, e eu estava destinado a muito em breve compreender inteiramente minha terrível situação.

Eu não era capaz de virar os olhos para um lado ou para o outro, nem mesmo a menor fração da espessura de um fio de cabelo. Porém, se deixarmos que alguém, situado como eu estava no fundo de um quarto, constate por si mesmo, pela experiência, o quão amplo é o campo visual, sem a menor alteração na linha de visão, ele descobrirá que tal campo abrange a largura inteira de um quarto espaçoso, e isso até numa curtíssima distância à sua frente; e, com menor nitidez, por uma refração,

acredito, no próprio olho, até num ponto realmente muito próximo. Portanto, praticamente nada do que ocorria no quarto era ocultado de mim.

Àquela altura, o velho encontrara a chave. O estojo de couro estava aberto. Em seguida, o cofre revestido de ferro foi destravado, e seu conteúdo foi esvaziado sobre a mesa.

“Rolos de cem napoleões cada. Um, dois, três. Sim, rápido. Anota: mil napoleões. Um, dois; sim, certo. Outros mil, *escreve!*” E assim continuou até que o ouro tivesse sido rapidamente contado. Vieram então as notas.

“Dez mil francos. *Escreve*. Dez mil francos de novo. Isso foi anotado? Notas menores teriam sido melhores. Elas deveriam ter sido menores. Estas são horrivelmente embaraçosas. Tranca novamente aquela porta; Planard perderia a razão se descobrisse esta quantia. Por que não lhe disseste para trazer notas menores? Não importa agora... continua... não há nada a fazer... *escreva*... outros dez mil francos... outros... outros”. E assim por diante, até que meu tesouro tivesse sido inteiramente contabilizado na minha frente, enquanto eu via e ouvia tudo o que acontecia com a mais aguda distinção. Minhas percepções mentais eram horrivelmente vívidas. Porém, em todos os outros aspectos, eu estava morto.

Após contá-los, o velho recolocara no cofre cada nota e cada rolo de moedas, e agora, tendo-se certificado da soma total, ele o trancou e o recolocou muito metodicamente em sua capa, abriu um armário embutido na parede, e, após guardar nele a caixa de joias da Condessa e meu cofre, o trancou; imediatamente após completar tais arranjos, pôs-se a desabafar, com mais acrimônia e maldições a respeito do atraso de Planard.

Destrancou a porta, olhou para dentro do quarto escuro, e escutou. Fechou novamente a porta e retornou. O velho sofria de um ataque de ansiedade.

“Separei dez mil francos para Planard”, disse o Conde, tocando o bolso de seu colete.

“Isso o satisfará?”, perguntou a dama.

“Por quê? Ele que se dane!”, gritou o Conde. “Ele não tem consciência? Jurarei diante dele tratar-se de metade do todo”.

Mais uma vez, ele e a dama vieram observar-me ansiosamente por algum tempo, em silêncio. Em seguida, o velho Conde voltou a grunhir a respeito de Planard, e a comparar o relógio em sua mão com o da parede. A dama parecia menos impaciente; não estava mais sentada olhando para mim, mas para o outro lado do quarto, de modo que eu podia ver seu perfil... e ele parecia estranhamente alterado, sombrio, semelhante ao de uma bruxa. Minha última esperança morreu enquanto eu contemplava aquele rosto aborrecido cuja máscara caíra. Eu estava certo de que eles pretendiam coroar seu roubo com um homicídio. Por que não me despachavam de uma vez por todas? Que objetivo podia haver em adiar a catástrofe que anteciparia sua própria segurança. Não consigo relembrar adequadamente, nem para mim mesmo, os indescritíveis horrores que sofri. Deveis supor um verdadeiro pesadelo – isto é, um pesadelo em que os objetos e o perigo são reais, e o feitiço da morte corporal parece ser prolongável segundo o prazer das pessoas que presidem nossos sobrenaturais tormentos. Eu não tinha dúvidas quanto à causa do estado em que me encontrava.

Naquela agonia, da qual eu não podia emitir a menor expressão, vi a porta do cômodo onde estivera o caixão abrir-se lentamente, e o Marquês d’Harmonville entrar no quarto.

## Capítulo XXV - Desespero

A esperança momentânea, esperança violenta e vacilante, esperança que era quase tortura, deu lugar a um diálogo e, com ele, aos terrores do desespero.

“Graças a Deus, Planard, finalmente o senhor chegou”, disse o Conde, agarrando-o com as duas mãos pelo braço, segurando-o e arrastando-o na minha direção. “Veja, olhe para ele. Até aqui, tudo transcorreu muito, muito, muito bem. Devo segurar a vela?”

Meu amigo d’Harmonville, Planard, fosse quem fosse, aproximou-se de mim, tirando suas luvas, as quais guardou em seu bolso.

“A vela, um pouco para este lado”, ele disse, antes de, debruçando-se sobre mim, examinar atentamente o meu rosto. Tocou minha testa, arrastou sua mão sobre ela, e então olhou em meus olhos por algum tempo.

“Então, doutor, o que pensa?”, sussurrou o Conde.

“Que quantidade lhe destes?”, disse o Marquês, rebaixado agora à condição de médico.

“Setenta gotas”, disse a dama.

“No café quente?”

“Sim; sessenta numa xícara de café e dez no licor”.

Sua voz, baixa e firme, pareceu tremer um pouco. É preciso uma longa trajetória na criminalidade para subjugar completamente a natureza, e neutralizar esses sinais exteriores de agitação que sobrevivem a toda bondade.

O médico, porém, me tratava tão calmamente como o faria com um cadáver prestes a ser colocado sobre uma mesa de dissecação, para os fins de uma palestra.

Olhou-me novamente nos olhos por algum tempo, agarrou meu pulso, e posicionou os dedos para medir minha pulsação.

“Esta ação está suspensa”, ele disse para si mesmo.

Em seguida, colocou algo, que naquele momento me pareceu ser um pedaço de folha de ouro, sobre os meus lábios, mantendo sua cabeça longe o bastante para que sua própria respiração não atingisse o objeto.

“Sim”, ele disse, suavemente, em solilóquio.

Então, abriu minha camisa, e aplicou o estetoscópio, deslocando-o de um ponto para outro; escutou com o ouvido em sua extremidade, como se buscasse um som muito distante, ergueu sua cabeça e disse a si mesmo, de maneira igualmente suave: “Toda ação apreciável dos pulmões se dissipou”.

Então, virando-se, como pude supor pelo som, ele disse:

“Setenta gotas, admitindo um desperdício de dez, deveriam segurá-lo firmemente por seis horas e meia... é o suficiente. O experimento que fiz na carruagem foi de apenas trinta gotas, e revelou um cérebro altamente sensível. Não seria conveniente matá-lo, entende? Tem certeza de não ter excedido *setenta*?”

“Perfeitamente”, disse a dama.

“Se ele morresse, a evaporação seria interrompida, e material estranho, parte dele venenoso, seria encontrado no estômago, não percebe?



Se a senhora tiver alguma dúvida, seria melhor utilizar a bomba estomacal”.

“Caríssima Eugénie, sê sincera, por favor, sê sincera”, insistiu o Conde.

“Eu *não* tenho dúvida, tenho *certeza*”, ela respondeu.

“Quanto tempo faz, exatamente? Mande observar o tempo”.

“Foi o que fiz; o ponteiro dos minutos estava exatamente ali, em baixo do ponto do pé daquele Cupido”.

“O efeito provavelmente durará, portanto, sete horas. Então, ele se recuperará; a evaporação estará completa, e nenhuma partícula do fluido restará no estômago”.

Era reconfortante, de todo modo, ouvir que eles não tinham a intenção de me matar. Ninguém que não tenha passado por isso conhece o terror da proximidade da morte, quando a mente está lúcida, os instintos vitais intactos, e não há nenhuma excitação para perturbar a apreciação daquele horror absolutamente inédito.

A natureza e o propósito daquela ternura eram muito, muito peculiares, e, até aquele momento, eu não tinha a menor suspeita do que podia ser.

“O senhor deixará a França, suponho”, disse o ex-Marquês.

“Sim, certamente, amanhã”, respondeu o Conde.

“E para onde pretende ir?”

“Isso ainda não decidi”, ele respondeu rapidamente.

“Não contará nem a um amigo, não é?”

“Não posso até que eu mesmo saiba. Este se revelou um negócio não lucrativo”.

“Resolveremos isso mais tarde”.

“Chegou a hora de o deixarmos deitado, não?”, disse o Conde, apontando um dedo na minha direção.

“Sim, devemos proceder rapidamente agora. Estariam a sua camisola e sua touca... entende... aqui?”

“Tudo está pronto”, disse o Conde.

“Agora, *Madame*”, disse o médico, virando-se para a dama, e fazendo-lhe, a despeito da emergência, uma reverência, “chegou o momento de retirar-se”.

A dama foi para o quarto em que eu tomara minha traiçoeira xícara de café, e não mais a vi.

O Conde pegou uma vela e saiu pela porta na outra extremidade do quarto, retornando com um pacote de roupas em sua mão. Trancou primeiramente uma porta, e depois a outra.

Então, em silêncio, os dois homens se puseram a despir-me rapidamente. Não foi necessário mais do que alguns minutos para completar a tarefa.

Aquilo a que o médico havia chamado minha camisola, uma longa vestimenta que se estendia até abaixo de meus pés, agora me cobria, e uma touca, que se assemelhava a uma touca de dormir feminina mais do que a qualquer outra coisa que eu já tivesse visto cobrindo uma cabeça masculina, foi encaixada na minha, e amarrada sob o meu queixo.

Em seguida, pensei, serei estendido sobre uma cama para recuperar-me como puder e, enquanto isso, os conspiradores terão escapado com seu butim, e qualquer perseguição será em vão.

Aquela era minha maior esperança naquele momento; mas logo ficou claro que seus planos eram muito diferentes.

O Conde e Planard foram então, juntos, para o quarto que se encontrava diretamente à minha frente. Ouvi-os falar em voz baixa, e

escutei um som de passos arrastados; em seguida, um longo retumbo, o qual subitamente se interrompeu, antes de recomeçar, e continuar; lado a lado, eles entraram pela porta, de costas para mim. Arrastavam algo pelo chão, produzindo um contínuo ribombo, mas se interpunham entre o objeto e eu, de modo que não pude vê-lo até que o tivessem deixado quase ao meu lado; então, por Deus, pude vê-lo com bastante clareza! Era o caixão que eu vira no quarto ao lado. Estava agora estendido sobre o chão, com sua extremidade encostada na cadeira sobre a qual eu estava sentado. Planard removeu a tampa. O caixão estava vazio.

## Capítulo XXVI - Catástrofe

“Aqueles parecem ser bons cavalos; trocá-los-emos no caminho”, disse Planard. “Dê aos homens um napoleão ou dois; devemos terminar tudo em, no máximo, três horas e quinze minutos. Agora, venha; erguê-lo-ei verticalmente, de modo a posicionar seus pés no lugar adequado, e o senhor deve mantê-los juntos, e puxar a camisola branca para baixo, até que ela os cubra”.

Num instante, fui erguido, tal como ele descrevera, sustentado nos braços de Planard, ao pé do ataúde, para ser então gradualmente descido, de costas para baixo, até encontrar-me inteiramente estendido dentro do caixão. Em seguida, o homem a quem o Conde chamava Planard esticou lateralmente meus braços, arranjou os folhos de minha camisola e as dobras da mortalha, e depois disso, erguendo-se ao pé do caixão, fez uma vistória que pareceu satisfazê-lo.

O Conde, que era muito metódico, apanhou minhas roupas, as quais acabavam de ser removidas, dobrou-as rapidamente e as trancou, como mais tarde eu descobriria, numa das três estantes que se abriam por meio de portas na parede.

Eu agora compreendia seu apavorante plano. Aquele caixão havia sido preparado para *mim*; o funeral de Saint-Amand era uma impostura para evitar perguntas. Eu mesmo dera a ordem no Père-Lachaise, assinara-

a, e pagara as taxas para o enterro do fictício Pierre de Saint-Amand, cujo lugar eu iria tomar, permanecendo em seu caixão com seu nome na placa acima de meu peito, e com uma tonelada de barro amontoadada em cima de mim, para finalmente despertar daquela catalepsia, após permanecer por horas na sepultura, e ali sofrer a mais horrível morte que a imaginação possa conceber.

Se, mais tarde, por curiosidade ou suspeita, o caixão viesse a ser exumado, e o corpo que ele continha examinado, nenhuma química poderia detectar qualquer vestígio de veneno, nem o mais cuidadoso exame a menor marca de violência.

Eu empreendera os mais árduos esforços para desencaminhar qualquer investigação, caso meu desaparecimento despertasse suspeitas, e chegara a escrever a alguns correspondentes na Inglaterra para dizer-lhes que não deveriam esperar por uma carta de minha parte por, pelo menos, três semanas.

No momento de minha pecaminosa altivez, a morte me apanhara, e não havia escapatória. Em meu pânico sobrenatural, tentei rezar a Deus, mas apenas pensamentos de terror, Juízo Final e eterna angústia vieram distrair-me da ideia de minha perdição imediata.

Não devo procurar relembrar o que, na verdade, é indescritível... os horrores multiformes de meus próprios pensamentos. Relatarei, simplesmente, o que ocorreu, sendo que cada detalhe permanece tão nítido em minha memória como se tivesse sido esculpido no aço.

“Os homens do agente funerário estão no saguão”, informou o Conde.

“Eles não devem vir até que isto esteja resolvido”, respondeu Planard. “Tenha a gentileza de segurar a parte inferior, enquanto eu pego esta extremidade”. Não tive muito tempo para especular sobre o que

estava por vir, pois em poucos segundos algo deslizou alguns centímetros acima de meu rosto, excluindo inteiramente a luz e abafando o som, de modo que, a partir de então, nada que não fosse muito distinto alcançou meus ouvidos; muito distintamente, porém, ressoou o giro da chave de fenda, e a sucessiva entrada dos parafusos. Nenhuma perdição expressa em trovejadas poderia ser mais terrível do que aqueles sons vulgares.

Quanto ao resto, devo relatá-lo, não tal qual meus ouvidos o perceberam, de modo demasiado imperfeito e intermitente para sustentar uma narrativa coesa, mas como me foi contado mais tarde por outras pessoas.

Uma vez aparafusada a tampa do caixão, os dois cavalheiros arrumaram o quarto e ajustaram o caixão de modo que ficasse perfeitamente reto sobre as tábuas, pois o Conde estava especialmente preocupado em não deixar sinais de pressa ou de desordem no recinto, o que poderia ter estimulado observações e conjecturas.

Isso feito, o Doutor Planard disse que iria até o saguão chamar os homens que iriam carregar o caixão e colocá-lo no carro fúnebre. O Conde vestiu suas luvas pretas, e segurou seu lenço branco em sua mão, o que fazia dele um enlutado muito impressionante. Colocou-se um pouco atrás da cabeça do caixão, aguardando a chegada das pessoas que acompanhavam Planard, e cujos passos rápidos ele logo ouviu à medida que se aproximavam.

Planard foi o primeiro a chegar. Entrou no quarto pelo cômodo onde o caixão fora originalmente colocado. Sua atitude tinha mudado; havia uma espécie de gabarolice nela.

“*Monsieur le Comte*”, ele disse, ao passar pela porta, seguido por meia dúzia de pessoas. “Lamento anunciar-lhe uma interrupção das mais inoportunas. Eis *Monsieur* Carmaignac, um cavalheiro que ocupa um

cargo no departamento de polícia, e que recebeu a informação de que grandes quantidades de bens contrabandeados da Inglaterra e outros países têm sido distribuídas nestas redondezas, e que uma porção deles se encontra escondida nesta casa. Tomei a liberdade de assegurar-lhe que, tanto quanto sei, nada poderia ser mais falso do que tal informação, e que o senhor teria a maior satisfação em permitir, sem demora, a inspeção de cada quarto, armário e prateleira de sua casa”.

“Muito seguramente”, exclamou o Conde, com voz firme, mas rosto extremamente pálido. “Obrigado, meu bom amigo, por antecipar-se a mim. Colocarei minha casa à disposição de *Monsieur* Carmagnac, para que a possa examinar, assim que tiver a bondade de informar-me especificamente quais bens de contrabando ele veio procurar”.

“O Conde de Saint-Alyre me perdoará”, respondeu um tanto rispidamente Carmagnac. “Estou proibido por minhas instruções de fazer tal revelação; e este mandado bastará para notificar *Monsieur le Comte* de que *estou* encarregado de realizar uma busca geral”.

“*Monsieur* Carmagnac, posso esperar”, interrompeu Planard, “que o senhor permitirá que o Conde de Saint-Alyre compareça ao funeral de seu parente, cujo corpo se encontra aqui, como pode ver...” (apontou para a placa sobre o caixão) “... e para cujo transporte ao Père-Lachaise um carro fúnebre aguarda, neste momento, em frente à porta”.

“Isso, lamento dizer, não posso permitir. Minhas instruções são precisas; mas a demora, estou certo, será insignificante. *Monsieur le Comte* não deve supor, nem por minuto, que o tenho por suspeito; mas tenho um dever a cumprir, e devo agir como se esse fosse o caso. Quando recebo a ordem de procurar, procuro; algumas coisas são, por vezes, escondidas em lugares muito *estranhos*. Não sei dizer, por exemplo, o que este caixão pode conter”.

“O corpo de meu parente, *Monsieur* Pierre de Saint-Amand”, respondeu, arrogantemente, o Conde.

“Ah! Então, o senhor o viu?”

“Se o vi? Sim, com demasiada frequência”. O Conde estava claramente muito comovido.

“Estou falando do corpo”.

O Conde lançou um olhar furtivo para Planard.

“N... não, *Monsieur*... isto é, apenas por um instante”. Outro olhar de relance para Planard.

“Mas tempo suficiente, imagino, para reconhecê-lo, não?”, insinuou aquele cavalheiro.

“É claro... é claro; instantaneamente... perfeitamente. Como? Pierre de Saint-Amand? Não o reconhecer num vislumbre? Não, não, pobre sujeito, conheço-o bem demais para isso”.

“As coisas que estou procurando”, disse *Monsieur* Carmaignac, “se encaixariam num espaço estreito... criados são, por vezes, tão engenhosos. Levantemos a tampa”.

“Perdoe-me, *Monsieur*”, disse peremptoriamente o Conde, deslocando-se até a lateral do caixão e estendendo seu braço sobre o mesmo, “não posso permitir tal indignidade... tal profanação”.

“Não haverá nenhuma, senhor... apenas o erguimento da tampa; o senhor deve permanecer no quarto. Se isso provar o que todos esperamos, o senhor terá o prazer de outro vislumbre, na verdade o último, de seu amado parente”.

“Mas, senhor, não posso”.

“Mas, *Monsieur*, eu devo”.

“Mas, além de tudo, a coisa, a chave de fenda, quebrou-se quando o último parafuso foi inserido; e juro por minha sagrada honra que não há



nada além de um cadáver neste caixão”.

“*Monsieur le Comte* acredita, é claro, em tudo isso; mas não conhece tão bem como eu os embustes empregados pelos criados, os quais estão acostumados a contrabandear. Vem aqui, Philippe, debes retirar a tampa deste caixão”.

O Conde protestou; mas Philippe – um homem de cabeça calva e rosto sujo, assemelhando-se a um ferreiro em atividade – colocou sobre o chão uma bolsa de couro com ferramentas, entre as quais, após examinar o caixão e roçar com as unhas as cabeças dos parafusos, escolheu uma chave de fenda; em seguida, após alguns hábeis giros em cada um dos parafusos, estes últimos se ergueram como pequenas fileiras de cogumelos, e a tampa foi removida. Vi novamente a luz, a qual eu pensara nunca mais rever; mas o eixo de visão permanecia fixo. Encontrando-me reduzido ao estado catalético, numa posição quase perpendicular, eu continuava a olhar diretamente para frente, de modo que meu olhar estava agora voltado para o teto. Vi o rosto de Carmagnac inclinando-se sobre mim com o cenho curiosamente franzido. Pareceu-me não haver sinal de reconhecimento em seus olhos. Ó, céus! Se eu pudesse ter dado um único grito! Vi o sombrio e cruel semblante do pequeno Conde encarando-me do outro lado; o rosto do pseudo-marquês também a espreitar-me, mas não inteiramente em minha linha de visão; outros rostos também estavam presentes.

“Entendo, entendo”, disse Carmagnac, recuando. “Não há nada do que procuro aqui”.

“O senhor terá a bondade de instruir seu homem a recolocar a tampa do caixão, e apertar os parafusos”, solicitou o Conde, criando coragem; “e... e... realmente, o funeral deve prosseguir. Não é justo, para pessoas que recebem remunerações apenas moderadas por um trabalho noturno, que as retenhamos por horas além do tempo previsto”.

“Conde de Saint-Alyre, o senhor poderá ir dentro de poucos minutos. Darei imediatamente todas as instruções relativas ao caixão”.

O Conde olhou para a porta, e ali viu um *gendarme*; também se encontravam no quarto dois ou três outros severos e robustos espécimes da mesma corporação. O Conde estava muito desconfortavelmente excitado; a situação beirava o insuportável.

“Como este cavalheiro impõe dificuldades ao meu comparecimento às exéquias de meu parente, devo pedir-lhe, Planard, que acompanhe o funeral em meu lugar”.

“Dentro de poucos minutos”, respondeu o incorrigível Carmagnac. “Devo, primeiramente, incomodá-lo com a chave que abre este armário”.

Apontou diretamente para o armário onde as roupas acabavam de ser trancadas.

“Eu... eu não faço qualquer objeção”, disse o Conde, “... nenhuma, é claro; é apenas que há séculos que ninguém usa esses armários. Instruirei alguém a procurar pela chave”.

“Se o senhor não a tem consigo, isso é absolutamente desnecessário. Philippe, experimente suas chaves-mestras neste armário. Quero vê-lo aberto. De quem são estas roupas?”, indagou Carmagnac, quando, uma vez aberto o armário, retirou o traje que fora ali guardado havia, quando muito, dois minutos.

“Não sei dizer”, respondeu o Conde. “Nada sei a respeito do conteúdo desse armário. Um criado desonesto, chamado Lablais, que demiti há cerca de um ano, tinha a chave. Há dez anos, senão mais, que não o vejo aberto. As roupas provavelmente lhe pertencem”.

“Aqui estão cartões de visita, veja, e aqui um lenço que traz as iniciais... ‘R. B.’. Ele deve ter furtado estes itens de uma pessoa chamada Beckett... R. Beckett. ‘Sr. Beckett, Berkley Square’, diz o cartão; e,

pasmem, eis um relógio e um conjunto de selos; um deles apresentando as iniciais ‘R. B.’. Aquele criado, Lablais, deve ter sido um vigarista talentoso!”.

“Isso ele era; o senhor tem razão”.

“Parece-me que ele poderia ter roubado estas roupas”, continuou Carmagnac, “do homem no caixão, o qual, neste caso, seria *Monsieur* Beckett, e não *Monsieur* de Saint-Amand. Pois, por incrível que pareça, *Monsieur*, o relógio ainda está funcionando! O homem no caixão, acredito, não está morto, mas simplesmente drogado. E, por o ter roubado e tentado assassinar, declaro-o preso, Nicolas de la Marque, Conde de Saint-Alyre”.

Num instante, o velho vilão se tornara um prisioneiro. Ouvi sua dissonante e trêmula voz subitamente adquirir veemência e fluência, ora grasnando, ora guinchando, conforme ele oscilava entre protestos, ameaças e apelos ímpios ao Deus que iria “julgar os segredos dos homens!” E, desta maneira, mentindo e delirando, ele foi removido do cômodo, e colocado na mesma carruagem que sua linda e abandonada cúmplice, já detida. Então, com dois *gendarmes* sentados ao seu lado, eles foram imediatamente conduzidos, com grande rapidez, à Conciergerie<sup>[95]</sup>.

Acrescentaram-se ao coro geral duas vozes, muito diferentes em qualidade; uma delas era a do valente Coronel Gaillarde, o qual havia sido, com alguma dificuldade, mantido em segundo plano até então; a outra era a de meu jovial amigo Whistlewick, que viera identificar-me.

Contar-vos-ei agora como aquele projeto contra minha propriedade e minha vida, tão engenhoso e monstruoso, foi frustrado. Devo primeiramente dizer algumas palavras a meu respeito. Fui colocado num banho quente, sob a orientação de Planard, o mais talentoso vilão do bando, mas agindo inteiramente no interesse da justiça. Em seguida, fui estendido sobre uma cama quente, com a janela do quarto aberta. Estas

simples medidas permitiram que eu me restabelecesse em aproximadamente três horas; caso contrário, eu provavelmente teria permanecido enfeitiçado por quase sete.

As práticas daqueles nefastos conspiradores haviam sido empreendidas com grande destreza e sigilo. Suas vítimas eram levadas, como eu fui, a contribuir para o mistério que tornava sua própria destruição segura e certa.

Um inquérito foi, é claro, instaurado. Túmulos foram abertos no Père-Lachaise. Os corpos exumados haviam permanecido enterrados por tempo demasiado, e estavam excessivamente decompostos para serem reconhecidos. Apenas um foi identificado. Neste caso particular, a notificação para o enterro havia sido assinada, o pedido havia sido feito e as taxas haviam sido pagas por Gabriel Gaillarde, o qual conhecia o escrivão oficial que tivera de negociar com ele este pequeno negócio funerário. O mesmo truque organizado para mim havia sido exitosamente posto em prática neste caso. A pessoa para quem a sepultura fora encomendada era puramente fictícia; e o próprio Gabriel Gaillarde ocupou o caixão, sobre o qual o nome falso foi inscrito, assim como também o foi na lápide instalada sobre o túmulo. Provavelmente, a mesma honra, sob o pseudônimo de Pierre de Saint-Amand, havia sido prevista para mim.

A identificação do corpo foi curiosa. O referido Gabriel Gaillarde sofrera uma queda rude de um cavalo descontrolado cerca de cinco anos antes de seu misterioso desaparecimento. Perdera um olho e alguns dentes naquele acidente, além de sofrer uma fratura na perna direita, logo acima do tornozelo. Mantivera o tanto quanto possível as lesões em seu rosto em segredo. O resultado disso foi que o olho de vidro que substituíra aquele que ele havia perdido permaneceu em sua órbita, ligeiramente deslocado, é claro, mas reconhecível pelo “artista” que o fabricara.

Mais precisamente identificáveis eram os dentes, de feitura peculiar, que um dos mais hábeis dentistas de Paris adaptara às brechas, e cujo molde, em razão das peculiaridades do acidente, ele por acaso preservara. Aquele molde se encaixava precisamente na dentadura de ouro encontrada na boca da caveira. Ademais, a marca acima do tornozelo, onde o osso tinha sido reposicionado, correspondia exatamente ao lugar onde a fratura se regenerara no membro de Gabriel Gaillarde.

O Coronel, seu irmão caçula, estivera furioso com o desaparecimento de Gabriel, e ainda mais com o do dinheiro deste último, o qual ele por muito tempo encarara como seu próprio legado, caso a morte viesse a remover seu irmão das vexações da vida. Ele desconfiara por muito tempo, por razões habilmente descobertas, que o Conde de Saint-Alyre e a bela dama, sua companheira, condessa, ou o que quer que ela fosse, o haviam tapeado. A essa suspeita foram acrescentadas outras, de natureza ainda mais sombria; elas eram, porém, em sua forma inicial, os exagerados reflexos de sua fúria, inclinada a acreditar em tudo, mais do que conjecturas bem definidas.

No fim, um acidente colocara o Coronel muito perto da pista certa; um acaso, possivelmente feliz, alertara o patife Planard de que os conspiradores – incluindo-se ele mesmo – estavam em perigo. O resultado foi que ele assinou acordos para si mesmo, tornou-se um informante, e organizou com a polícia esta visita ao Château de la Carque, num momento crítico, quando foi tomada cada medida necessária para construir um caso perfeito contra os seus criminosos cúmplices.

Não preciso descrever a minuciosa diligência ou a premeditação com que os agentes de polícia reuniram todos os detalhes necessários para sustentar o caso. Eles haviam trazido um competente médico que, caso Planard tivesse falhado, teria fornecido as evidências médicas necessárias.

Minha viagem a Paris, como podeis ver, não transcorrera tão agradavelmente como eu previra. Fui a testemunha principal de acusação nesta *cause célèbre*<sup>[96]</sup>, com todos os *agréments*<sup>[97]</sup> que essa invejosa posição requer. Tendo escapado, como disse meu amigo Whistlewick, “por um triz”, imaginei, inocentemente, que me tornaria objeto de considerável interesse para a alta sociedade parisiense; mas, para meu grande desgosto, descobri ser objeto de inofensivos, porém desdenhosos, gracejos. Eu era um *balourd*, um *benêt*, um *âne*<sup>[98]</sup>, e apareci até mesmo em caricaturas. Tornei-me uma espécie de personagem pública, uma dignidade “para a qual eu não tinha nascido”, e da qual procurei escapar assim que pude convenientemente fazê-lo, sem sequer fazer a meu amigo, o Marquês d’Harmonville, uma visita em seu hospitaleiro castelo.

O Marquês livrou-se de qualquer punição. Seu cúmplice, o Conde, foi executado. A bela Eugénie, beneficiando-se de circunstâncias atenuantes – que consistiam, tanto quanto pude descobrir, em sua boa aparência – foi condenada a não mais do que seis anos de encarceramento.

O Coronel Gaillarde recuperou algum dinheiro de seu irmão, extraído do não muito copioso patrimônio do Conde e da *soi-disant*<sup>[99]</sup> Condessa. Tal fato e a execução do Conde o deixaram de bom-humor. Muito longe de insistir num encontro hostil, apertou-me muito graciosamente a mão, e disse que encarava a ferida em sua cabeça, infligida pelo cabo de minha bengala, como tendo sido recebida num honroso, embora irregular, duelo, no qual ele não tivera nenhuma desvantagem ou injustiça da qual pudesse reclamar.

Restam apenas dois detalhes adicionais a mencionar. Os tijolos descobertos no quarto com o caixão haviam sido espalhados dentro deste último, de sorte a suprir o peso de um cadáver, e para prevenir as suspeitas

e contradições que poderiam ter sido suscitadas pela chegada de um caixão vazio ao castelo.

Em segundo lugar, os magníficos brilhantes da Condessa foram examinados por um lapidário, e seu valor foi estimado em cerca de cinco libras, valor pago por uma atriz que por acaso necessitava de bijuterias.

Alguns anos antes, a Condessa se destacara como uma das mais talentosas atrizes dos pequenos teatros de Paris, onde ela havia sido escolhida pelo Conde para ser usada como sua principal cúmplice.

Foi ela quem, admiravelmente disfarçada, subtraíra meus documentos na carruagem durante minha memorável viagem noturna a Paris. Ela também aparecera como o mago intérprete do palanquim no baile em Versalhes. No que me dizia respeito, aquele elaborado engodo tinha por objetivo reanimar meu interesse pela bela Condessa, o qual, eles temiam, podia arrefecer. O embuste também se destinava a agir sobre outras potenciais vítimas; mas não há, neste momento, qualquer necessidade de falar sobre isso. A introdução de um cadáver verdadeiro – obtido junto a uma pessoa que abastecia os anatomistas parisienses – não envolveu nenhum perigo real, mas incrementou o mistério e manteve o profeta vivo no falatório da cidade e nos pensamentos dos patetas com quem ele confabulara.

Dividi o restante do verão e do outono entre a Suíça e a Itália.

Como diz o corriqueiro adágio, eu me tornara um homem mais triste, porém mais sábio. Grande parte da horrível impressão deixada em minha mente se deveu, é claro, à mera ação dos nervos e do cérebro. Mas sérios sentimentos de natureza diversa e mais profunda sobreviveram. Minha vida posterior foi, no fim, formada pelo choque que eu então recebera. Tais impressões me conduziram – mas somente após muitos anos – a pensamentos mais felizes, embora não menos sérios; e tenho uma

razão profunda para agradecer ao todo-misericordioso Governante dos acontecimentos por aquela precoce e terrível lição sobre os caminhos do pecado.

**FIM**



## Posfácio - Comentário à *Estalagem do Dragão Voador*

Em 1872, ano que antecedeu sua morte, o escritor irlandês Sheridan Le Fanu publicou aquela que seria sua mais prestigiada e influente obra: *In a Glass Darkly*, coletânea que reunia três contos (“Green Tea”, “The Familiar” e “Mr. Justice Harbottle”, sendo os dois últimos versões revisadas de trabalhos previamente publicados<sup>[100]</sup>) e duas histórias suficientemente longas para constituírem novelas, isto é, pequenos romances (“Carmilla” e “The Room at the Dragon Volant”). *Carmilla*, em particular, se tornaria a obra mais famosa do autor, influenciando diretamente o *Drácula* de Bram Stoker, e estabelecendo, por seu tratamento do tema da mulher-vampira, um protótipo para as inúmeras obras que, na literatura, no cinema e outros campos da arte, recorreriam ao vampirismo como alegoria para a homossexualidade.

O prestígio e a perdurável influência de *Carmilla* talvez tenham tido por efeito deixar na penumbra aquele que é o quarto segmento da coletânea *In a Glass Darkly*, o genial *The Room at the Dragon Volant*, aqui traduzido como *A Estalagem do Dragão Voador*. Trata-se, no entanto, de uma das maiores contribuições de Le Fanu, notadamente no que concerne ao domínio da narrativa e à intersecção de gêneros literários.

A novela reúne as características fundamentais do romance gótico vitoriano: descrições minuciosas de atmosferas lúgubres, com ênfase na escuridão ambiente e nas sombras; uma natureza sensual, insondável e ameaçadora; ruínas arquitetônicas e cenários degradados, expressão de uma grandeza de há muito decaída; referências constantes (e, por vezes, até excessivas) ao luar, como única fonte de luz disponível, parcialmente dissimulada por nuvens anunciadoras de perigos e tragédias. São particularmente notáveis, nesse sentido, as diferentes cenas ocorridas no parque do Château de la Carque. O autor não deixa de enfatizar o contraste entre a cidade grande, espaço de agitação, ruído e prazeres, e o campo, lugar de mistério, silêncio e trevas. Não obstante, as trevas não permanecem restritas aos cenários naturais, mas frequentemente invadem os interiores, como no caso do sombrio quarto ocupado pelo herói na estalagem do Dragon Volant, ou ainda da aterradora igreja do pesadelo em que o jovem Beckett encontra o corpo morto-vivo de sua amada prestes a ser enterrado por seus malfeitores.

O caráter gótico da novela, particularmente evidente na caracterização dos ambientes, se expressa também por meio de elementos da trama: os temas da traição, da conspiração, do roubo, do assassinato, da criminalidade mais vil, frequentemente encoberta por uma névoa de superstição, são típicos da literatura gótica de seu tempo. Mais especificamente, elementos de horror gótico (a evocação do sobrenatural, a imagem do homem enterrado vivo) se mesclam, aqui, a uma visão brutal e realista da sociedade, em que o tema da criminalidade é abordado com suas ramificações sociais: a ação envolve, afinal, uma conspiração contra um jovem e rico inglês nas mãos da decadente nobreza francesa.

Nesse sentido, é notável a atenção dada por Le Fanu ao contexto histórico: a trama se passa em 1815, logo após a segunda e definitiva

queda de Napoleão, tempo marcado pelo otimismo no seio das elites europeias, pela agitação e pela euforia de um continente que finalmente reencontrava a paz, mas também pela fragmentação de uma sociedade que sofrera grandes e sucessivas convulsões (a Revolução Francesa, o Império, a Restauração Bourbon). Essas fraturas no seio da sociedade francesa encontram-se ilustradas na obra pela abundância de figuras marginalizadas, como os numerosos soldados e oficiais debandados que então vagavam pelo território francês (particularmente bem representados pelo furioso e extravagante Coronel Gaillarde), mas, sobretudo, pela crescente “classe” de bandidos e malfeitores, em franca expansão naqueles tempos de instabilidade, chegando a infiltrar-se no seio das antigas elites. Esse elemento histórico e social não é, de modo algum, marginal à trama, mas constitui um de seus aspectos fundamentais: é, em uma palavra, a imagem da nobreza decaída, ilustrada pela personagem do Conde de Saint-Alyre, que compõe o fundo da obra e lhe dá sua dimensão política.

Combinando habilmente tais elementos, *A Estalagem do Dragão Voador* adentra o campo da *sensation fiction*, gênero literário que alcançou extrema popularidade precisamente na época em que a coletânea *In a Glass Darkly* foi escrita e publicada, com a forte expansão do mercado consumidor de livros no quadro do desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra. As *sensation novels* frequentemente buscavam abordar as ansiedades da Era Vitoriana, com tramas que aliavam elementos chocantes e alusivos aos problemas de uma sociedade em transformação (traições, sequestros, roubos, assassinatos) a uma atmosfera lúgubre típica da ficção gótica.

A obra não se notabiliza, porém, somente pela hábil articulação dos elementos do romance gótico. É também a sutil forma de humor empregada por Le Fanu que torna *A Estalagem do Dragão Voador* uma

prosa particularmente admirável. A dimensão cômica da novela não decorre tanto da inserção de situações humorísticas no seio da trama, mas emerge propriamente da narrativa, e do distanciamento que se opera entre a leitura dos acontecimentos apresentada pelo narrador e a leitura que o próprio leitor faz a partir dos mesmos dados fornecidos pelo narrador. Tal distanciamento se cria, fundamentalmente, por meio da pluralidade de vozes e olhares envolvidos na narrativa.

Em primeiro lugar, cumpre observar a existência de uma personagem oculta na obra: o Doutor Martin Hesselius, um “médico metafísico”, espécie de investigador germânico de fenômenos sobrenaturais e inexplicáveis. As diferentes histórias reunidas em *In a Glass Darkly* são apresentadas como casos extraídos dos arquivos do referido doutor. Detalhes sobre Hesselius são fornecidos nos diferentes prólogos, de autoria de seu “assistente”, que antecedem cada uma das histórias. Como compreender a figura do doutor? Seria ele apenas um *framing device*, isto é, parte de uma “narrativa moldura” que permite conectar as diferentes histórias reunidas no livro? Ou seria ele a expressão de uma intenção mais profunda de Le Fanu?

Na história aqui examinada, a inserção desse intermediário afeta sutilmente o ponto de vista do leitor, ainda que não haja contribuição direta de Hesselius no relato dos acontecimentos, apresentados inteiramente a partir do ponto de vista da personagem de Beckett. Aqui surge, sem embargo, um ponto de tensão: a maneira bastante clínica e objetiva como a história é introduzida pelo assistente de Hesselius contrasta com a extrema subjetividade com a qual ela é efetivamente narrada por Beckett. Deve-se notar que este último não expõe os acontecimentos com o seu ponto de vista atual (o de um homem já idoso e maduro), mas reproduzindo toda a ingenuidade da versão mais jovem de si

mesmo: é, em uma palavra, o relato de um tolo que nos é oferecido. Embora utilize o tempo passado, Beckett narra os seus infortúnios como se os estivesse vivenciando, como se não tivesse, portanto, uma plena compreensão da situação em que se envolvera quando jovem.

Assim, o narrador se apresenta inicialmente como um ótimo observador, mas um péssimo intérprete dos eventos que vivencia. Ao mesmo tempo que fornece ao leitor todas as informações para a compreensão dos acontecimentos, ele expõe a sua incapacidade de avaliar as atitudes das personagens que o cercam, fazendo com que se sobreponha à tensão das situações da trama um efeito de notável comicidade. Nos derradeiros parágrafos da novela, o narrador se revela inteiramente ao leitor: não se trata mais do jovem, tolo e apaixonado Beckett que caíra nas mãos do Conde e de sua bela comparsa, mas de um Beckett amadurecido; e o relato que nos apresentou é o de seu *enlightenment* (sua “iluminação” ou seu “esclarecimento”), o de uma provação que lhe proporcionou uma valiosa lição de vida. Amplia-se com isso a sensação de distanciamento do leitor, o qual acompanhou a trama à luz da ingenuidade pretérita, e, portanto, até certo ponto, fictícia, do narrador.

Sobrepõem-se, portanto, aqui diferentes subjetividades: a subjetividade dupla do narrador (a da época dos acontecimentos e a atual), a subjetividade oculta do Dr. Hesselius (do qual nenhuma palavra é diretamente reproduzida, mas apenas o título de um ensaio, o *Mortis Imago*, título que indica a “aparência da morte”, prenunciando certos acontecimentos da trama), a subjetividade do assistente (que reproduz o relato em questão, escolhido entre muitos outros no arquivo do doutor, em razão de sua qualidade narrativa); e, é claro, a subjetividade do leitor, que não lê os acontecimentos tais quais são narrados pela voz do “jovem

Beckett”, mas de maneira que mais se aproxima, afinal, do ponto de vista do “velho Beckett”.

A essas diferentes subjetividades correspondem também múltiplas temporalidades: a da ação, a da narração e a do registro do assistente de Hesselius, feito a partir dos papéis reunidos por este último. Essa tripla datação tem por efeito ampliar o distanciamento, o que permite ao leitor relativizar a fidedignidade e atenuar a dramaticidade dos acontecimentos relatados, o que realça, aos seus olhos, a dimensão cômica das desventuras do jovem Richard Beckett. Nessa intersecção dos gêneros da *sensation novel*, da ficção gótica e da narrativa humorística, *A Estalagem do Dragão Voador* constitui uma valiosa amostra do talento literário de Sheridan Le Fanu, e de sua notável capacidade de combinar diferentes registros literários sem romper ou diluir a coesão narrativa.

Laurent de Saes

---

[1] *A Estalagem do Dragão Voador* é uma das cinco histórias reunidas por Sheridan Le Fanu em sua coletânea *In a Glass Darkly*. Na compilação, os diferentes contos são apresentados como tendo sido extraídos dos papéis do fictício Dr. Martin Hesselius, espécie de “médico metafísico” e investigador de fenômenos sobrenaturais do início da Era Vitoriana. Assim, cada história é precedida de um pequeno prólogo de autoria de um antigo assistente do referido Doutor (N. T.).

[2] Os *consols* (nome que, na origem, era uma abreviação de *consolidated annuities*) eram títulos da dívida do governo britânico, emitidos a partir de 1751 (N. T.).

[3] O narrador se refere aqui ao Governo dos Cem dias (20 de março – 8 de julho de 1815), período que marcou o retorno de Napoleão I ao poder na França, após sua fuga do exílio na ilha de Elba. A derrota militar francesa em Waterloo (18 de junho de 1815), frente às forças britânicas lideradas pelo Duque de Wellington, selaria em caráter definitivo o destino do regime bonapartista, abrindo o caminho para a restauração da monarquia dos Bourbons (N. T.).

[4] Cerca de 6,4 km (N. T.).

[5] Palavra francesa que designa, neste caso, a aparência, a distinção, o porte (N. T.).

[6] Note-se que Dobbin era o nome de família da mãe de Sheridan Le Fanu, Emma (N. T.).

[7] Cerca de 1,83 m (N. T.).

[8] “Bela Estrela” em francês (N. T.).

[9] O napoleão foi uma unidade monetária francesa criada em 1803 pelo então Primeiro Cônsul Napoleão Bonaparte, tendo sido emitida até 1914. Tratava-se de uma moeda de 5,805 gramas de ouro puro (N. T.).

[10] Uma “pequena ceia”, em francês (N. T.).

[11] No original, *beats the devil's tattoo*, expressão idiomática que significa precisamente bater com as pontas dos dedos na mesa, gesto que expressa impaciência (N. T.).

[12] George Bryan “Beau” Brummell (1778-1840), personagem notória da Inglaterra da virada dos séculos XVIII e XIX, quando emergiu como exemplo de dândi e figura de proa da moda masculina, o que lhe rendeu a alcunha de *Beau* (palavra francesa que significa “belo” e que, em inglês, designa o homem reputado por sua elegância e etiqueta). Seus modos e tiradas espirituosas marcaram época e atravessaram os séculos. Inicialmente amigo do regente, o príncipe e futuro rei Jorge IV, Brummell teve de refugiar-se na França após querelar-se com o monarca (N. T.).

[13] Cabeleira, em francês (N. T.).

[14] A expressão aparece, por exemplo, em *Old Mortality* (1816), um dos mais celebrados romances do escritor escocês Walter Scott (1771-1832) (N. T.).

[15] Canção, em francês (N. T.).

[16] No original, *Philomel*: nome de personagem da mitologia grega que, violentada por seu cunhado, Tereu, o rei da Trácia, teve sua língua por ele cortada, de sorte a impedir que revelasse o crime. Para escapar de seu algoz, foi transformada em rouxinol. Por esse motivo, o nome também é utilizado, na língua poética inglesa, para designar tal espécie de pássaro, conhecido por sua cantoria (N. T.).

[17] A designação *M.P.* indica que o indivíduo em questão é Membro do Parlamento (N. T.).

[18] Cerca de 1,83 m de altura (N. T.).

[19] Termo francês que designa o frequentador assíduo de um determinado local (N. T.).

[20] Nome que designa diversos vinhos tunisianos de apelação Mornag, em referência ao agrônomo Magão [em francês, Magon], o Cartaginês (N. T.).

[21] Icor, na mitologia grega, é o fluido etéreo presente no sangue dos deuses, tornando-o venenoso para os mortais (N. T.).

[22] Cerca de meio-quilo (N. T.).

[23] Armamento britânico desenvolvido por Sir William Congreve em 1804, tendo sido usado nas guerras napoleônicas (N. T.).

[24] “Por Baco! Um cavalheiro!”, em italiano (N. T.).

[25] Atual Île de la Cité, situada no coração de Paris, onde se encontra a catedral de Notre-Dame (N. T.).

[26] “Vinho ordinário”, em francês; isto é, um vinho barato e pouco refinado, comumente servido à mesa no dia a dia (N. T.).

[27] “Fantasma”, em francês (N. T.).

[28] Uma *demi-tasse* (ou *demitasse*) é uma pequena xícara usada para tomar café, e cujo tamanho corresponde aproximadamente à metade de uma xícara normal. *Café noir*: café preto em francês (N. T.).

[29] Desvio, em francês (N. T.).

[30] Tédio, em francês (N. T.).

[31] Papel (atribuído a um ator), em francês (N. T.).

[32] Cerca de cinquenta metros (N. T.).

[33] Garantia, em francês; aqui no sentido figurado de “prova de gratidão” (N. T.).

[34] Trata-se aqui de uma referência ao poema “Tam O’ Shanter” (1790), do escocês Robert Burns, o qual inclui os seguintes versos: “The Landlady and Tam grew gracious, Wi’ favours secret, sweet and precious” (N. T.).

[35] Tapete, em francês (N. T.).

[36] Café preto, em francês (N. T.).

[37] Cerca de treze quilômetros (N. T.).

[38] Os dragões constituíam uma unidade que se destacava por deslocar-se a cavalo, mas combater a pé (N. T.).

[39] Maroto, em francês (N. T.).

[40] Baile de máscaras, isto é, um baile à fantasia (N. T.).

[41] Termo oriundo do inglês *beefsteak* e empregado na língua francesa para designar um “bife”; sua grafia mais comum hoje em dia é *bifteck* (N. T.).

[42] Calçada, em francês (N. T.).

[43] Referência a Joachim Murat, impetuoso militar francês que participara das guerras da Revolução e do período napoleônico, e Helmuth von Moltke, oficial prussiano contemporâneo de Sheridan Le Fanu e conhecido por seu gênio estratégico no campo de batalha (N. T.).

[44] Tática, em francês (N. T.).

[45] Cerca de 1,6 km (N. T.).

[46] O Dragão Voador, em francês (N. T.).

[47] Cerca de 2,4 km (N. T.).

[48] O dominó é um disfarce comumente utilizado em festas carnavalescas e bailes de máscaras, consistindo numa túnica longa, com mangas largas e capuz, sendo geralmente de cor negra. A palavra *dominó* também designa aquele que usa essa fantasia (N. T.).

[49] A personagem alude aqui à cruz de São Jorge, símbolo que consiste numa cruz vermelha sobre um fundo branco. Tendo São Jorge se tornado patrono da Inglaterra após a Reforma inglesa, a cruz viria a ser identificada como símbolo da nação inglesa, assumindo com o tempo a condição de bandeira da Inglaterra (a qual não deve ser confundida com a bandeira do Reino Unido, da qual a cruz de São Jorge é apenas um dos componentes) (N. T.).

[50] Referência aos *Contos da Cantuária*, coleção de 24 contos escritos por Geoffrey Chaucer entre 1387 e 1400, sob a forma de histórias narradas por um grupo de peregrinos que viajam de Londres até a Cantuária, com o objetivo de visitar o relicário de São Thomas Becket na catedral da cidade (N. T.).

[51] Mais famoso cemitério parisiense, onde muitas celebridades se encontram enterradas (N. T.).



[52] Ahasverus, ou “o judeu errante”, é uma personagem da tradição oral cristã; segundo a lenda, Ahasverus, um artesão de Jerusalém, teria, na Sexta-feira da Paixão, importunado ou mesmo agredido Jesus Cristo; este último o teria então amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo, sem morrer, até o fim dos tempos, encontrando sempre cinco soldos (*sous*) em seu bolso (N. T.).

[53] Modo de dizer empregado quando se afirma ou se confessa alguma coisa, significando “por minha palavra” (N. T.).

[54] “Viva a bagatela”, em francês, lema que denota uma atitude despreocupada com a vida (N. T.).

[55] Fantasmas, em francês (N. T.).

[56] Mais, portanto, de 1,80 m (N. T.).

[57] Aguardente, em francês (N. T.).

[58] Xícara de café (N. T.).

[59] Cura, ou padre, em francês (N. T.).

[60] Grande Galeria dos Espelhos, uma das principais atrações do Palácio de Versalhes (N. T.).

[61] Festa, em francês (N. T.).

[62] A poucos metros (N. T.).

[63] Senhor profeta, em francês (N. T.).

[64] Meu feiticeiro, em francês (N. T.).

[65] Senhor mago, em francês (N. T.).

[66] Senhor profeta, em francês (N. T.).

[67] Locução latina que significa “ave rara”, designando, portanto, pessoas excepcionais, por vezes de modo irônico (N. T.).

[68] “Salão de Apolo” (N. T.).

[69] Cerca de sessenta centímetros (N. T.).

[70] Françoise-Louise de La Baume Le Blanc, ou Louise de la Vallière (1644-1710), famosa amante do rei Luís XIV. O nome do pintor parece remeter a François-Jules Collignon: sabe-se que tal artista realizou desenhos da referida personagem, mas em data posterior aos eventos retratados nesta história (N. T.).

[71] Festas, em francês (N. T.).

[72] Cerca de três quilômetros (N. T.).

[73] Emigrado, em francês. O termo designava, em particular, os franceses (nobres, em sua maioria) que haviam deixado a França durante a Revolução (N. T.).

[74] Parteira, em francês. Na França da época em que é situada a presente história, as parteiras assumiam comumente o papel de médicas no atendimento à população mais pobre (N. T.).

[75] Na mitologia romana, Egéria foi uma ninfa, esposa e conselheira do segundo rei de Roma, Numa Pompílio (715-673 a.C.). Perto da Porta Capena, em Roma, encontra-se uma fonte, com uma gruta natural, consagrada a Egéria. Tal fonte, o *ninfêu*, é, ainda hoje, um importante ponto turístico, estando situada no parque arqueológico de Caffarella (N. T.).

[76] Senhora Condessa, em francês (N. T.).

[77] Contratempo, em francês (N. T.).

[78] Funesto, sinistro, em francês (N. T.).

[79] Isto é, a coalizão europeia contra as forças armadas de Napoleão (N. T.).

[80] Em inglês, *dutch courage*: gíria usada para designar a bebida alcóolica sorvida antes de uma tarefa desagradável ou perigosa. A expressão deriva do fato de que os marinheiros holandeses tinham por costume tomar uma dose de álcool logo antes da batalha, para com isso ganhar coragem (N. T.).

[81] *La Henriade* (1723), epopeia em dez cantos escrita por Voltaire (N. T.).

[82] Cerca de 1,83 m (N. T.).

[83] Feroz, selvagem, em francês (N. T.).

[84] Portão pelo qual os veículos podem passar para entrar no pátio de uma casa ou hospedaria (N. T.).

[85] Cerca de 30 metros (N. T.).

[86] Aproximadamente, 200 a 300 metros (N. T.).

[87] Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Baronesa d'Aulnoy (1650 ou 1651– 1705), também conhecida como Condessa d'Aulnoy ou Madame d'Aulnoy, escritora francesa famosa por seus contos de fada, muitos deles reunidos em *Les contes de fées* (1697) (N. T.).

[88] Expressão latina que significa “espírito do lugar” (N. T.).

[89] Cadeia de montanhas de vegetação baixa nos estados da Bavária e Hesse, na Alemanha (N. T.).

[90] No início do século XII, Abelardo, importante filósofo da Idade Média, se apaixonou pela brilhante Heloísa, sobrinha do cônego de Paris, Fulberto, com quem vivia. O desfecho do romance foi trágico: vingativo, Fulberto mandou castrar Abelardo, que, humilhado, retirou-se para um mosteiro em Saint-Denis até o fim de seus dias, enquanto Heloísa passou o restante de sua existência num convento (N. T.).

[91] Cerca de 50 metros (N. T.).

[92] Alusão a Dulcineia de Toboso, personagem fictícia de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, objeto de amor do herói do romance e encarnação dos ideais de beleza e virtude (N. T.).

[93] “Pierre de la Roche Saint-Amand, 23 anos de idade” (N. T.).

[94] *Crème de Noyaux*, licor de creme com sabor de amêndoa (N. T.).

[95] Prédio situado no coração de Paris (na Île de la Cité, ou Ilha da Cidade), funcionando na época como local de detenção (N. T.).

[96] Uma *cause célèbre* (isto é, uma causa célebre) é um fato de atualidade ou um incidente que está na origem de uma grande controvérsia – frequentemente relacionada a algum processo judicial – capaz de suscitar acalorados debates públicos. Embora francesa, a expressão é mais comumente empregada em países de língua inglesa (N. T.).

[97] Termo francês empregado, aqui, com o sentido de “encantos” (N. T.).

[98] Um trapalhão, um tolo, um asno (N. T.).

[99] Pretensa, suposta (N. T.).

[100] “The Familiar” havia sido publicada, em sua forma primitiva, sob o título “The Watcher” (1851), ao passo que “Mr. Justice Harbottle” recebera, em sua primeira versão, de 1853, o título de “An Account of Some Strange Disturbances in Aungier Street”.